

03-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio de novas medidas do Plano Brasil Maior e instalação dos Conselhos Setoriais de Competitividade

Presidenta Dilma reforça o compromisso de seu governo com o apoio e estímulo à indústria nacional e aqueles que vieram de fora e se localizaram no Brasil se tornando empresas brasileiras

Brasília-DF, 03 de abril de 2012

Queria cumprimentar o nosso vice-presidente da República, Michel Temer,

O deputado Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados.

Cumprimentando a ministra Gleisi Hoffmann, o ministro Guido Mantega e o ministro Fernando Pimentel, cumprimento todos os ministros aqui presentes.

Queria cumprimentar também o senhor Tadeu *Filippelli*, governador em exercício do Distrito Federal,

O senhor João Raimundo Colombo, governador do estado de Santa Catarina,

O senador José Pimentel, líder do governo do Congresso Nacional,

O senador Eduardo Braga, líder do governo no Senado Federal,

O deputado Arlindo Chinaglia, líder do governo na Câmara dos Deputados,

Ao cumprimentá-los, cumprimento todos os parlamentares aqui presentes.

Queria cumprimentar também o professor Luciano Coutinho, presidente do BNDES, que participou da nossa exposição.

Queria cumprimentar o presidente da Confederação Nacional da Indústria, Robson Andrade, por intermédio de quem cumprimento todos os empresários aqui presentes.

Cumprimentar o Ricardo Patah, o companheiro Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores – UGT -, por meio de quem cumprimento cada um dos dirigentes sindicais e trabalhadores que comparecem à essa cerimônia, bem como as lideranças das centrais sindicais.

Cumprimentar os senhores e as senhoras integrantes dos Conselhos Setoriais de Competitividade, trabalhadores, empresários, integrantes do governo, que foram instalados nesta cerimônia.

Cumprimentar os senhores e as senhoras, os membros do Conselho Nacional do Desenvolvimento Industrial e do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social.

Cumprimentar os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Cumprimentar todos aqui presentes.

Eu estou, hoje, voltando, nesta semana, de uma viagem importante que o Brasil fez à Índia para participar da reunião dos BRICS, e também da reunião bilateral com o governo da Índia.

Nessa reunião, e eu acredito que em cada um dos encontros dos BRICS, consolidam-se convicções importantes, e essas convicções importantes, elas emergem da realidade de cada um dos países, mas também da situação internacional e da economia mundial.

Uma dessas convicções é a de que países em desenvolvimento, como o Brasil, a Rússia, a Índia, a China e a África do Sul, escolheram e exercem uma escolha, sistematicamente diante da conjuntura nacional desses países e da internacional, de um caminho que reafirma a centralidade do desenvolvimento de seus mercados internos, mas não para uma atitude de autarquia desses países, e sim para uma visão de que os mercados internos com políticas de inclusão social e de desenvolvimento acelerado permitem que esses sejam hoje grandes mercados. E esses grandes mercados sejam altamente atraentes para todos os países do mundo.

Essa convicção afirma duas coisas: a importância de se apostar na inclusão social, no emprego, na aceleração do crescimento e no mercado interno de massas, e, ao mesmo tempo, permite que essas economias se coloquem como grandes economias competitivas internacionalmente.

Outra convicção que nós compartilhamos é de que a melhor saída para a crise, gerada nos países desenvolvidos e que, sem dúvida, afeta os países desenvolvidos, não está naquela velha receita da recessão e da precarização do trabalho. Esta tem sido, para nós, a fórmula do fracasso.

Quase todos os nossos países enfrentaram essa fórmula do fracasso, que faz sempre as mesmas vítimas, os trabalhadores, os empresários, enfim, as forças produtivas das diferentes nações.

É claro, e nós sabemos disso, que o enfrentamos da crise, ele impõe políticas fiscais sóbrias e cuidadosas. Nós sabemos disso, mas corte indiscriminados de investimentos e gastos não podem ser celebrados, quando forem apenas componentes de um quadro de recessão e de paralisia.

O Brasil tem demonstrado que não existe incompatibilidade entre cortar gastos e, ao mesmo tempo, investir no crescimento da economia. É possível gastar com parcimônia, por meio de uma melhoria e cada vez da busca de uma boa gestão, acompanhando os resultados, e ainda assim ser capaz de concentrar parte da arrecadação para estimular a economia a continuar crescendo.

É o que estamos fazendo hoje. Seja com reduções tributárias, seja com ampliação de uma política de investimento e de financiamento. Nós, aqui hoje, podemos dizer que vamos manter nossa meta de superávit primário, criar condições para a queda dos juros reais, mas que faremos isso sem prejuízo das políticas de estímulo aos investimentos à indústria e à economia. Porque o Brasil tem, hoje, consciência de que um mercado interno sólido e em ampliação tem sido e continua sendo o melhor baluarte contra qualquer crise mundial e qualquer ameaça à sua indústria e a seu emprego.

Nós, sem sombra de dúvida, queremos concorrer no comércio internacional, mas queremos

concorrer em condições justas e equilibradas. Para isso, devemos focar nossos esforços – do governo, dos empresários, dos trabalhadores, da população brasileira – no aumento da competitividade e na redução de custos, na garantia do emprego, na inclusão dos milhões de brasileiros que ainda estão à margem do mercado consumidor e trabalhador desse país.

Isso se faz com investimento, desenvolvimento tecnológico, inovação e boas práticas de gestão. Ao governo, cabe estimular essas ações com seu arcabouço de recursos financeiros, tributários e legais. Mas cada um tem de fazer a sua parte.

Sem sombra de dúvida, nós, também, temos de lutar contra a concorrência predatória e desleal, contra o *dumping*, contra as práticas protecionistas ilegítimas. E, diante disso, nós vamos agir com firmeza nos organismos internacionais e, ao mesmo tempo, vamos adotar todas as salvaguardas possíveis para defender nossas empresas, nossos empregos e a renda de nossos trabalhadores.

Nós sabemos que uma forma de competição predatória é a que usa a expansão monetária e a consequente desvalorização das moedas como medida de aumento artificial da competitividade da economia, que praticam essas práticas, essas medidas de desvalorização monetária, de desvalorização das moedas. Nós estamos atentos a todas essas práticas. E vamos agir sempre dentro dos limites das normas internacionais. E vamos cumprir o que assinamos, mas continuaremos exigindo que novas práticas, não tão novas assim, porque já foram praticadas várias vezes no passado, de desvalorização, chamada desvalorização competitiva de moedas, continuem ocorrendo e não sejam consideradas como práticas competitivas predatórias e desleais.

Nós não vamos hesitar, dentro dos limites da nossa legalidade, em fazer tudo que tiver que ser feito para defender os nossos empregos, a nossa indústria e o nosso crescimento. Isso também, é importante que se diga, inclui todas as empresas internacionais que quiserem atuar aqui no Brasil, pois o nosso modelo de desenvolvimento é aberto ao capital estrangeiro. Aliás, nós consideramos que isso é possível de ser feito sem transigir de nenhuma forma na questão da soberania do país. O governo não vai abandonar a indústria brasileira. Reitero o que disse em 2 de agosto passado no lançamento do Plano Brasil Maior. Não concebemos o nosso desenvolvimento sem uma indústria forte, inovadora e competitiva. Não concebemos.

O governo tem, senhoras e senhores, os instrumentos para fazer os ajustes e não vai deixar de usá-los. Alguns desses instrumentos já começaram a ser acionados e outros serão postos em execução a partir de hoje. Outros ainda, as câmaras que hoje nós instalamos, esses comitês de competitividade, esses fóruns de competitividade nos ajudarão a construí-los.

O grande conjunto de medidas apresentadas aqui pelo ministro Guido Mantega, pelo ministro Fernando Pimentel e pelo presidente do BNDES, Luciano Coutinho, esse grande conjunto está orientado por um propósito: estimular o investimento produtivo no Brasil. Como eles demonstraram, nós vamos mobilizar aqui em instrumentos creditícios, vamos fazer desonerações, vamos estimular as exportações, para que as empresas brasileiras invistam e ganhem competitividade.

Ao lema do meu governo, “País Rico é País sem Miséria”, estamos e queremos acrescentar que país rico é país que investe, que cria empregos e se torna cada vez mais competitivo.

Eu, agora, quero aqui reiterar a importância da desoneração da folha de pagamentos, importância diante de um cenário internacional extremamente desfavorável, tanto para o trabalho, quanto para o capital.

Mas eu quero insistir que em um quadro que se caracteriza pela desvalorização do trabalho, como é o quadro que nós vivenciamos ao olhar para o que está ocorrendo nos países

desenvolvidos, onde a forma pela qual se trata a saída pela crise passa pela precarização do emprego, pela perda de direitos trabalhistas e sociais e pela redução da remuneração do trabalho, nós optamos por um outro caminho. Nós optamos pela redução e pela desoneração tributária da folha de pagamento, sem prejuízo ao empresário e ao trabalhador.

Nós não estamos apenas reduzindo o custo de produção de nossa indústria e aumentando sua capacidade competitiva. Estamos criando incentivos à formalização do trabalho, gerando mais emprego - na medida que desoneramos o empresário - e criando incentivos claros para uma desoneração completa das nossas exportações.

Com isso, nós definimos uma forma de tributação mais adequada ao fluxo de receita das empresas. E é importante reiterar: o Tesouro Nacional compensará sempre as eventuais perdas de arrecadação decorrentes das contribuições previdenciárias, e, ao mesmo tempo, tomará todas as medidas para que não se crie a distorção de transformar em déficit da Previdência o que é uma política de governo de desoneração de folha de pagamento.

Eu quero enfatizar que, com essa medida, o governo enfrenta, junto com as empresas, o desafio da redução do custo salarial, mas em um formato totalmente diverso do que vem sendo adotado pelos países desenvolvidos. Aqui, o ônus dos ajustes não recai sobre os trabalhadores. Repito, vamos reduzir o custo do trabalho sem retirar direito dos trabalhadores e sem reduzir salários. Porque trabalhadores protegidos e com bons salários são a base de um mercado interno em expansão. Não é possível haver um tratamento para o trabalho sem nós pensarmos também na questão grave do custo de capital.

Eu concordo que é necessário fazer uma discussão no Brasil sobre os *spreads*. Eu concordo. Acho que tecnicamente, tecnicamente, não estou falando nem fazendo considerações políticas. Estou dizendo que tecnicamente é de difícil explicação os níveis de *spread* no Brasil, de difícil explicação.

Bom, nesse sentido, nós estamos fazendo a nossa parte. As mudanças que estamos realizando no Programa de Sustentação de Investimentos, o PSI, visam fundamentalmente reduzir o custo do investimento, o custo do capital. Com taxas de juros muito mais baixas, maior cobertura e prazos mais amplos para os financiamentos, queremos que mais empresas tenham acesso a um custo de capital menor. Queremos, sim, juros e *spreads* menores no Brasil. Com isso, as empresas vão poder investir na expansão da produção, na modernização de seu processo produtivo, na geração e incorporação de inovações. Reforçaremos a capacidade de financiamento do BNDES para que não falem recursos a nenhuma empresa que queira investir. Sabemos que o investimento tem efeito multiplicador sobre toda a economia e que, para o Brasil, ele é fundamental para a continuidade do crescimento.

Muitos países do mundo precisam de incentivar seu consumo para equilibrar a relação consumo-investimento, como é o caso das declarações sucessivas dos altos dirigentes chineses à respeito das mudanças que devem ser feitas na economia chinesa.

No caso do Brasil, nós temos de ampliar a taxa de investimento. Daí a importância desse momento, porque marca um claro entendimento dos empresários, dos trabalhadores e do governo a respeito da importância de se acelerar a taxa de investimento no país.

Nós estamos também, como vocês viram, apoiando e aprimorando vários regimes especiais de tributação, que, embora foquem diferentes segmentos produtivos e criem diferentes incentivos, estão todos voltados para o mesmo propósito: desonerar a produção industrial e reduzir o custo para quem investe e gera empregos.

Nesse sentido, ao falar de regime especial, eu não posso deixar de mencionar o regime automotivo. Até porque nós vimos, nos anos recentes, um crescimento estarrecido das

importações de automóveis no Brasil, diante do fato de nós sermos o quarto maior mercado.

Isso por si só não seria ruim, mas, quando se vê um aumento tão extraordinário e um processo de tentativa de canibalização de um mercado que tem aqui representadas algumas das maiores empresas automobilísticas do mundo, a nossa preocupação com a criação de um regime automotivo não é uma questão de protecionismo, mas de defesa comercial, que é radicalmente diferente.

Defesa comercial através da qual nós pretendemos focar no conteúdo nacional, na criação de inovações e na qualificação dos nossos trabalhadores, e também dos nossos técnicos e cientistas, no sentido de participar de um esforço que transforme o Brasil, além de no quarto mercado, em um grande produtor de conhecimento do setor automobilístico.

Nós aperfeiçoamos, como vocês viram, vários incentivos à exportação. E ampliamos os setores que se beneficiarão das margens de preferências nas compras governamentais.

Eu não vou me estender falando das medidas que os Ministros já anunciaram. Quero, sim, reforçar o compromisso de meu governo, com o apoio e estímulo à indústria nacional aqui entendida a todos os segmentos que de origem nacional até aqueles que vieram de fora e se localizaram no Brasil se tornando empresas brasileiras, de acordo com a Constituição.

Quero reforçar o meu compromisso com a indústria brasileira. Continuaremos acompanhando com atenção a evolução do cenário econômico, nacional e internacional, e vamos agir quando necessário. Um país não faz um programa de enfrentamento de uma conjuntura e de problemas conjunturais de forma a ter um conjunto de medidas uma única vez. Nós preferimos utilizar a nossa capacidade, a capacidade do governo, dos empresários e dos trabalhadores num acompanhamento sistemático da conjuntura e no aprimoramento sistemático, também, do Plano Brasil Maior.

Porque a economia é dinâmica e requer do governo ação constante. Por isso, eu quero saudar a instalação dos conselhos da competitividade do Plano Brasil Maior. Esses verdadeiros fóruns, câmaras de competitividade são essenciais para que nós possamos ter, de fato, uma política de inovação e de melhoria nas características da nossa competitividade.

Sabemos que o diálogo, a troca de informações, o compartilhamento de experiências, diagnóstico, sugestões vão nos fazer avançar mais e mais rápido. Esperamos que todos os conselheiros contribuam com seu conhecimento, com suas experiências, com as suas sugestões e com a sua imaginação para a elaboração de propostas mais adequadas para manter o Brasil na rota do desenvolvimento.

Os conselhos de competitividade, à medida que coloca nós do governo, os empresários, os trabalhadores no caminho da decisão conjunta, criam o alicerce sólido para a construção de uma agenda nacional que permita, também, uma estrutura de governança democrática, que vai ampliar o dinamismo e a legitimidade do Plano Brasil Maior.

Senhoras e senhores trabalhadores, empresários, funcionários do governo, aqui presentes,

Tenham certeza de que meu governo estará sempre ao lado da produção e do emprego no Brasil. Vamos superar juntos todos os desafios do desenvolvimento. Aliás, é o nosso único e legítimo caminho. Nosso compromisso com a proteção da indústria e do emprego vai se dar sempre com medidas e atitudes concretas, como essa do Plano Brasil Maior.

Obrigada a todos, aos trabalhadores e aos empresários.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex->

[presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-de-novas-medidas-do-plano-brasil-maior-e-instalacao-dos-conselhos-setoriais-de-competitividade-brasilia-df](#)(25min01s) da Presidenta Dilma

04-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a reunião ordinária do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas

O Fórum tem entre suas principais finalidades conscientizar e mobilizar a sociedade para enfrentar os problemas decorrentes da mudança do clima por gases de efeito estufa

Palácio do Planalto, 04 de abril de 2012

Eu queria dar boa tarde a todos os integrantes do Fórum e a todos os integrantes do governo e dos governos estaduais aqui presentes.

Vou cumprimentar o nosso professor Luiz Pinguelli Rosa, que é o secretário-executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas.

Querida cumprimentar os integrantes da Mesa e, entre eles, eu quero cumprimentar a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; Antonio Patriota, das Relações Exteriores; Izabella Teixeira, do Meio Ambiente, e Marco Raupp, da Ciência e Tecnologia. Ao cumprimentá-los, cumprimento todos os ministros aqui presentes.

Cumprimentar o deputado estadual, federal, Alfredo Sirkis.

E dirigir um cumprimento especial aos oradores: o professor Tercio Ambrizzi, coordenador do Comitê Técnico do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas; a Mônica Messenberg Guimarães, diretora de Relações Institucionais da CNI; o senhor Rafael Freire, secretário de Políticas Econômicas e Desenvolvimento Sustentável da Confederação Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras das Américas; o André Spitz, representante do Grupo do Trabalho do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, Pobreza e Desigualdades; a Sílvia Alcântara Picchioni, secretária-executiva do Fórum Brasileiro de ONGs; o senhor Helvio Polito Lopes Filho, secretário de Meio Ambiente do Estado de Pernambuco.

Eu queria, primeiro, fazer um reconhecimento aqui, de público. Acredito que toda a política ambiental, no Brasil, deve muito ao Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas. Eu mesma sou testemunha deste fato, ainda como ministra-chefe da Casa Civil acompanhei a atuação dos senhores e sei o quanto ela foi importante para que a gente estivesse sempre honrando o papel do Brasil como uma das lideranças da questão, não só da mudança do clima como da biodiversidade, da proteção de florestas, enfim, de todas as questões relativas ao meio ambiente.

Eu quero fazer um agradecimento especial ao Pinguelli, pela incansável atuação na frente do Fórum, e pelo fato de que ele foi um promotor do debate. E debater, no Brasil, é algo muito importante. Nós, nem o governo, nem os órgãos da sociedade, nem tampouco o Congresso, nós não temos uma capacidade maior que o conjunto das nossas forças, dialogando,

formulando e estabelecendo políticas em conjunto. Por isso, eu acredito que o papel do Pinguelli foi estratégico para o Brasil. E foi estratégico em vários momentos muito delicados.

Eu queria iniciar lembrando o fato de que em dezembro de 2009, foi através de uma discussão do governo com o Fórum, que nós estabelecemos antecipadamente de forma voluntária a redução das emissões de carbono numa projeção até 2020. Fomos, talvez, o primeiro governo a fazer isso de uma forma muito explícita e, mesmo defendendo as responsabilidades comuns, porém, diferenciadas, nos propusemos a reduzir 36%, de 36% a 39% as emissões de gases de efeito estufa e aprovamos isso numa lei.

Acredito que vai ser muito importante definir não só as condições cada vez mais - depurar isso, inclusive - as condições de medir isso que não são triviais, que não são triviais para país nenhum. Não são triviais para movimentos nenhum, porque há que definir as relações que permitem que nós de fato, principalmente em alguns segmentos, que nós possamos provar, de fato, que nós reduzimos. E alguns nós temos até uma experiência maior e um modo mais fácil de demonstrar do que todos os demais países que eu já vi.

Exemplo disso é o caso do desmatamento. Acho que nós temos uma tecnologia para nos antecipar e mesmo para monitorar o desmatamento, o que poucos países têm. Até porque na grande maioria deles, eles já desmataram o que eles tinham para desmatar. E agora trata-se de retomar as condições que foram perdidas no passado.

Mas eu acho que este fórum é uma garantia para o Brasil. É uma garantia de que nós vamos poder continuar avançando e mais: vamos poder discutir de forma aberta as questões. Principalmente porque o Brasil vai sediar uma das conferências importantes este ano, no que se refere à questão ambiental. E isso é interessante porque, vejam vocês. Nós dos países emergentes, que integramos os BRICS - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul - nós sediamos as principais conferências do clima se considerar o período de dezembro até outubro. Dezembro do ano passado até outubro, porque em dezembro nós tivemos Durban, na África do Sul. Nós vamos ter sobre mudanças do clima, especificamente, não é, Conferência das Partes. Depois, nós vamos ter a Conferência sobre Desenvolvimento Sustentável.

Pela primeira vez se discutirá uma questão que sempre está por trás de todas as conferências, todas, sem exceção, principalmente das Conferências das Partes. Por trás da Conferência das Partes, de Mudança do Clima, tem uma discussão, que é a discussão eterna. E só se nós formos extremamente ingênuos não a perceberemos. Pelo menos eu assisti reuniões muito, diríamos assim, muito reveladoras. Assisti discussões extremamente reveladoras, que é a questão do clima e da geopolítica internacional. Essa questão existe e ela move o mundo e move posições.

Então, nós vamos explicitar uma discussão que até então estava debaixo da mesa, que é essa do desenvolvimento sustentável. Depois, vai ter uma conferência, que é importantíssima, até porque ela ocorre na Índia, sobre biodiversidade, em Hyderabad, em outubro, fechando o ciclo, o que é interessante, porque são os principais países megadiversos, que são os países mais ou menos dos BRICS, que estarão presentes e terão de estar presentes, porque trata-se do ciclo que discutirá a questão ambiental.

Eu acho que nós temos de saber que vários desafios se conjugam simultaneamente para todos esses países que lá estarão: governo, sociedade civil, cientistas, professores, enfim, os integrantes dessas populações. Nós vamos ter desafios na questão da produção de alimentos e da sustentabilidade; da elevação da temperatura média do Planeta e a questão dos desastres naturais. Todos os países estão preocupados com isso. Na questão do acesso à água, que, para nós aqui fica muito difícil de perceber o quanto - assim, eu estou falando do

ponto de, não estou falando aqui de cientistas, nem de professores, nem de pessoas mais, com maior nível de consciência, mas, para a nossa população, tirante os períodos de seca do Nordeste e do Sul, para a nossa população, nós temos água excedente. Mas há países que não têm água agora para grande maioria da sua população. Não tem água hoje.

Todas essas questões que dizem respeito também ao desenvolvimento, ao crescimento, ao acesso à energia, são questões que estão pautadas no mundo. E vão ter que ser discutidas da ótica do meio ambiente aqui na Rio+20. Portanto, nós temos de perceber que, para o Brasil, é importante que não só nós continuemos, porque sempre tivemos um papel de liderança em todas as Conferências das Partes. Inequivocamente, tivemos um papel de liderança. Estivemos sempre à frente e puxando a discussão de que era possível desenvolver, crescer, mitigar, reduzir emissão. E teremos que manter a liderança no sentido de discutir de forma clara que cidades sustentáveis são essenciais. Porque, sem cidades sustentáveis, nós vamos ter um problema seríssimo nas trinta maiores cidades do mundo. Que é fundamental proteger os cursos dos rios, senão você não consegue se desenvolver. Que nós teremos que ter energia renovável. E energia renovável, e o Pinguelli sabe mais do que eu, para garantir energia de base renovável, que não seja hídrica fica difícil, não é Pinguelli? Porque a eólica não segura. Não. E todo mundo sabe disso. Eles sabem disso.

Então, nós vamos discutir claramente emissão de energia fóssil e físsil. E físsil não tem emissão, mas tem consequências. A proposta de discussão da Rio+20 é a proposta de discussão onde tudo se encontra. É essa a proposta de discussão da Rio+20. É onde tudo se encontra. Encontra mudança do clima, biodiversidade, redução da pobreza, acesso à água, direito à energia, melhores condições de vida. Enfim, como é o futuro do mundo. É isso que vamos discutir na Rio+20. Nesse sentido, Pinguelli tem toda razão. É um ponto de partida, muito mais do que um ponto de chegada. Dessa vez, nós temos que mudar o patamar da discussão. Nós acumulamos muitas coisas, acumulamos em todas as Conferências do Clima, acumulamos em todas as discussões sobre florestas, água, biodiversidade. Agora, nós vamos ter que discutir isso na ótica das populações dos governos, das comunidades científicas, dos organismos da sociedade civil, organizados ou não.

Por isso, eu acredito que nós temos um papel muito importante. Eu não acredito que nós possamos construir um novo modelo de desenvolvimento sustentável para o mundo sem lidar com os impasses em relação ao clima. Eu acho que essa é uma discussão que tem que permear todos os temas da discussão sobre desenvolvimento sustentável. E eu acredito que não tem uma discussão sem ser como base também uma questão política central, que é o direito dos povos, a civilidade e a civilização, e ao mesmo tempo com base em evidências científicas.

É esse o grande desafio que está em discussão na Rio+20. Nessa Conferência nós não vamos ter que ter aquelas discussões infundáveis sobre o que vai constar, se é menos 2°C, se é menos 5°C, que nós temos de enfrentar em todas as discussões do clima.

Eu não acompanhei de perto a de Durban, mas acredito que não variou muito disso. Para você encontrar um caminho comum é um processo difícil. Desta vez, eu acho que nós temos uma missão até mais difícil do que isso, que é propor uma nova, um novo paradigma de crescimento, que não pareça a alguns absurdamente etéreo ou fantasioso. Porque ninguém numa Conferência dessas também aceita, me desculpem, discutir a fantasia. Ela não tem espaço, a fantasia. Eu não estou falando da utopia, essa daí pode ter, eu estou falando da fantasia. Eu tenho que explicar para as pessoas como é que elas vão comer, como é que elas vão ter acesso à água, como é que elas vão ter acesso à energia. Eu não posso falar: "olha é possível só com eólica de iluminar o planeta". Não é. Só com solar, de maneira alguma. Por isso, que tem de ter base científica a nossa discussão. E por isso que eu tenho de entender

que eu não faço proposta, e essa é a responsabilidade do Brasil, só para si mesmo, olhando para o seu próprio umbigo. Nós teremos de fazer propostas encarando o mundo, encarando o fato de que tem milhões e milhões de pessoas sem acesso às condições mínimas de vida. E hoje, por decorrência da crise internacional, nos países desenvolvidos, tem milhões e milhões de pessoas perdendo seu direito, perdendo seu emprego. Nós vamos ter de ser capazes de fazer essa junção: a junção entre o econômico, entre o social e o ambiental; entre nós vamos crescer, incluir, proteger e conservar. Esta, que parece ser uma coisa óbvia, não é.

Eu queria dizer para vocês que nós, na última década, construímos, de fato, uma quantidade de instrumentos legais e regulatórios que permitem que o Brasil tenha uma política de mudança climática muito mais elaborada do que muitos países. Nós temos isso, nós conseguimos construir um aparato regulatório. E, aí, eu queria reconhecer que a política nacional de mudanças climáticas, e o próprio Fundo Nacional de Mudanças Climáticas, ele é expressão, também, de uma maturidade que nasceu desse processo que ocorreu e que o Fórum é uma expressão, e que faz com que nós, hoje, podemos começar a discutir planos setoriais. E discutir planos setoriais vai ser muito importante.

Nós vamos ter de dar conta, para o Brasil, de como fazer para ser sustentável. No caso da agricultura, eu acho importantíssima a discussão dentro da CNI e em cada uma das cadeias produtivas, a discussão das práticas, das melhores práticas ambientais em cada setor industrial.

E vamos também ter de responder ao que colocou o representante aqui dos trabalhadores e das trabalhadoras das Américas, como é que garante emprego digno. Isso, necessariamente, tem a ver com tecnologia, necessariamente, nós temos que colocar isso na nossa pauta. É óbvio que em todo lugar nós temos uma grande vantagem: a nossa matriz energética. Se for olhar só do lado da eletricidade, se eu não me engano, Pinguelli, é 84%, 85%, hoje, por aí, não é? E se você juntar a matriz energética com a de combustíveis deve dar um pouco menos do que 50%, uns 46%, por aí, 45%.

Isso significa que nós somos diferenciados, inteiramente diferenciados. Para nós, inclusive – vamos ser claros nisso –, para nós atingirmos os 36% a 39%, consideramos que uma parte nós tiramos do desmatamento, a outra parte nós tiramos do fato de que a nossa matriz – e nós temos uma matriz sustentável, assim. Ela está com problema.

O Pinguelli hoje falou três vezes no problema que nós temos, que é não ter reservatório. Não ter reservatório significa que, como ela é hídrica, alguma coisa vai funcionar como regulatório. Deus nos ouça que a eólica consiga ser reservatório de hidrelétrica no Brasil. Deus nos ouça! Nós vamos ter de suar a camiseta tecnicamente. Não é falta de vontade política, não. É tecnicamente, para que isso ocorra, porque eu já estive na Espanha num momento em que fazia oito meses que a eólica não funcionava porque não tinha vento. E não tem como estocar vento, não é? Não tem como. Não, nós estocamos água. A grande coisa que o Brasil fez foi estocar água, porque hidrelétrica, também, a água passou, acabou. Nós estocamos água. A água era a forma de a gente controlar a produção de energia com base na hidreletricidade. Como não tem como estocar vento, tem de ventar para ter eólica. Há que ventar. E o vento, não sei se vocês sabem, não venta igual 24 horas por dia, nem os 365 dias do ano. Eu estou falando isso porque eu já medi vento, viu? Eu medi vento no Rio Grande do Sul. Eu sei o que significa medir vento.

Isso é muito importante para nós, porque nós temos também a grande possibilidade de usar a tecnologia a nosso favor. Nós somos, nós temos uma agricultura, e aí é importante dizer que o governo colocou 3 bilhões só para a agricultura de baixo carbono, porque é uma alta vantagem para o país produzir com energia, com agricultura de baixo carbono. Alta vantagem. Nós não estamos fazendo, nós estamos, pelo contrário, melhorando as condições

de produtividade da agricultura: plantar direto sobre palha, fixação do nitrogênio no solo, rotação de lavoura e pecuária.

Enfim, nós temos vários mecanismos que nós podemos usar e transformar este país numa referência internacional. Agora, nós temos de entender que tem certas condições que nós temos que outros não têm. Umas decorrentes de nossas vantagens comparativas, outras, eu acho que são decorrentes do empenho dos brasileiros. Muitas vezes a gente se diminui, mas o plano do etanol é um empenho nosso, típico. Nós nos empenhamos, nós teimamos, teimamos: “Vai ter etanol, porque vai ter etanol” em relação às crises do petróleo. Foi uma teima do, eu não estou falando do meu governo, nem do governo do presidente Lula, eu estou falando de uma história, que foi essa. Nós teimamos para ter biocombustível no Brasil.

Eu levanto isso, por quê? Porque nós temos de ter uma dupla atitude em relação à Rio+20. De um lado, nós temos de ser a liderança de dizer que pode fazer, porque é possível fazer, porque nós fizemos, e falar, além disso, com humildade “e nós temos de fazer mais”. Mas, de outro lado, nós temos de entender que alguns países têm grandes problemas para dar salto, porque senão você não entende, porque certas coisas acontecem como acontecem.

Agora, esses dois movimentos são essenciais para a gente formular um plano de crescimento sustentável em que o mundo será um mundo melhor se respeitar o meio ambiente, se tirar as pessoas da pobreza e se, para isso, crescer. Não é possível a gente criar a discussão falsa de que desenvolvimento sustentável não é baseado no absoluto respeito ao meio ambiente. Essa é uma discussão falsa, de quem não tem projeto e de quem não vai apresentar um caminho para o mundo. Não pensem que isso seja efetivo. Não é efetivo. Só será efetiva a nossa presença, em termos de proposição, na Rio+20, se nós formos capazes de articular, junto com o meio ambiente, a possibilidade de o mundo ser melhor para as pessoas.

E aí, eu quero dizer para vocês que eu considero importantíssimo, para nós, os planos setoriais. São para nós mesmo. Nós temos de aprimorar o nosso lado, nós podemos. Nós temos de fazer mais do que a média internacional, porque as nossas condições são melhores, são muito melhores. Eu pego um país que só tem carvão e atendo a energia das casas como? E carvão é um emissor absolutamente poluente do meio ambiente. Você chega em algumas cidades – não vou dizer quais –, você não enxerga o lado de lá. E se você tem um pouquinho de alergia, você sai com problema no pulmão.

Então, mudar essa situação, mudar a situação precisa, necessariamente, de a gente avançar e de a gente entender que nós vamos ter de construir propostas para o mundo no que se refere, por exemplo, à mudança das matrizes energéticas. Daí é importante, lá, mostrar o carro movido a hidrogênio, porque o maior poluente é a matriz de combustível, não é a matriz elétrica. O maior poluente no mundo é a matriz de combustível, é a emissão de CO². Por isso que nós temos uma situação absolutamente diferenciada, ao termos o etanol, completamente diferenciada.

Hoje, eles estão procurando várias outras alternativas, e isso implica que este Fórum, ele tem uma grande contribuição a dar, porque aqui está organizado todo, está estruturado, tem reunião, todos os diferentes segmentos que mexem, de uma forma ou de outra, com a questão do clima, da biodiversidade, das florestas, do crescimento, do direito às pessoas a uma vida melhor, de sair da pobreza, de sair da miséria, de sair da rua.

E, por isso, eu gostaria de convidar o Fórum para um desafio, que é conduzir esse processo de consulta pública e sistematização das contribuições de toda a sociedade brasileira aos nossos planos sociais. Acho que não só através de conversas e de discussões, e de rodadas e conversas, mas também utilizando a internet. Acho que vocês podem, num dos planos setoriais, buscar o que pode ser melhor para nós, o que pode ser melhor no sentido de como

combinar crescer e incluir, proteger e conservar, sabendo que nós temos uma vantagem comparativa absurda, em relação aos outros países do mundo. Poucos países do mundo têm o que nós temos. E nós temos a sorte de ter a Amazônia conosco, com a consciência e a nossa capacidade de lutar para preservá-la.

Eu quero dizer, também, que algumas... Eu tenho muito orgulho de algumas iniciativas, não só todas aquelas ligadas a tirar da pobreza, como o Bolsa Verde, o Brasil sem Miséria e, dentro do Brasil sem Miséria, o Bolsa Verde, como o Luz para Todos, porque tirar, fazer com que as pessoas tenham eletricidade e possam utilizar a energia elétrica, evita, porque quando eu comecei nessa questão de energia vocês sabem qual era a maior fonte de energia que tinha no Brasil, não é? Era a lenha. Então, nós não vamos voltar para a lenha. Eu não posso justificar, lá na Amazônia, o cara não ter energia elétrica, ele vai arranjar um jeito de se virar para cozinhar ou até para fazer fogo e até para se proteger.

Daí porque eu considero que vários programas nossos, por exemplo, todo o programa do PAC relativo a saneamento é fundamental para preservar. O saneamento é fundamental no Brasil para preservar toda água das cidades. Não há cidade sem água. Para acabar com toda a discussão nossa, que tem sido na maior parte dos casos, o maior gasto para saneamento é tirar as pessoas das margens dos rios, dos lagos, dos córregos, enfim, permitir que ao serem retiradas, você possa tratar.

Além disso, eu considero que nós temos na agricultura familiar brasileira uma grande alternativa para uma agricultura orgânica, o que é importante para nós, a nossa agricultura familiar se tornar, cada vez mais sustentável, menos de subsistência, e orgânica. Isso é crucial, porque o que nós estamos provando é que eu não vou colocar uma parte da população brasileira dependente do Estado para sobreviver. Eles vão sobreviver pelo trabalho decente deles, e ao mesmo tempo, por uma política de compras, uma política de financiamento, absolutamente autônomos, sem dependência do Estado brasileiro, ou seja, com autonomia. Tudo isso faz com que eu ache que nós mesmos temos que nos reconhecer, como o mundo nos reconhece, como um país diferenciado nessa área.

Por isso, eu tenho certeza que com a presença de vocês, com as visões diferenciadas, ninguém aqui está querendo que todo mundo pense igual ao governo, porque isso é inviável. Todos nós sabemos e vivemos em uma democracia, e pelo contrário, acho que contrapontos fazem com que nós tenhamos a possibilidade de ter uma compreensão comum deste processo complexo, que é desenvolver, incluir, proteger e conservar um país com as nossas dimensões e que pode, de forma, preservando o meio ambiente, ser uma das maiores economias do mundo. Mas só pode ser isso se for uma das maiores nações. E para ser uma das maiores nações, a gente volta no círculo-virtuoso. É necessário crescer, incluir, proteger e conversar.

Muito obrigada.

⁸ Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-reuniao-ordinaria-do-forum-brasileiro-de-mudancas-climaticas-brasilia-df-30min37s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-reuniao-ordinaria-do-forum-brasileiro-de-mudancas-climaticas-brasilia-df-30min37s>) (30min37s) da presidenta Dilma

09-04-2012 - Declaração à imprensa da Presidenta da República, Dilma Rousseff, após reunião bilateral com o Presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama

Segundo a presidenta, no que se refere ao aspecto bilateral, Brasil e Estados Unidos têm crescentemente estreitado as suas relações comerciais e ampliado os investimentos recíprocos

Washington-EUA, 09 de abril de 2012

Eu queria dizer para vocês que foi muito importante encontrar hoje, aqui, com o presidente Obama, depois do nosso encontro, no ano passado, em Brasília. Aquele encontro foi muito importante na medida em que também propiciou um contato com a primeira-dama Michelle e também com as crianças.

Sobretudo, a relação entre o Brasil e os Estados Unidos é, para o Brasil, uma relação muito importante, tanto do ponto de vista bilateral, quanto do ponto de vista multilateral. No que se refere ao aspecto bilateral, o Brasil e os Estados Unidos têm crescentemente estreitado as suas relações comerciais e ampliado os investimentos recíprocos entre Brasil e Estados Unidos. O investimento brasileiro nos Estados Unidos, o investimento direto, já chega a 40% do total do investimento americano no Brasil.

Todas essas relações apresentam resultados muito importantes, mas, ao mesmo tempo, demonstram que nós estamos aquém das nossas possibilidades. Tanto o Brasil como os Estados Unidos têm áreas estratégicas nas quais cooperar ou melhor aprofundar a sua cooperação. Por exemplo, na área de energia, nós temos um grande campo de cooperação quando se considera o petróleo e o gás, tanto no que se refere a fornecimento de equipamentos e serviços, tanto no que se refere à participação das relações comerciais.

Nós também somos parceiros na área de biocombustível. E eu queria saudar aqui a redução das barreiras ao etanol ocorridas recentemente. Queria destacar também em grande espaço de cooperação na área de eficiência energética, que é tão cara ao presidente Obama. E em energias renováveis. E também na evolução tecnológica nessa área, quando se trata de redes inteligentes.

Sem sombra de dúvidas, outras áreas também são relevantes. Eu queria destacar as áreas de ciência, tecnologia e inovação, nas quais tanto os empresários quanto o mundo acadêmico, quanto o governo têm um papel de destaque. E aí é importante a participação no Ciência sem Fronteiras de estudantes brasileiros vindo aqui para os Estados Unidos desenvolver sua parceria em universidades americanas tanto quanto estudantes, como quanto pesquisadores.

Queria também agradecer aqui de público o apoio que nós tivemos a essas iniciativas. E o fato de que o Brasil acha muito importante o programa americano One Hundred Thousand.

Queria destacar também que nós temos no campo da defesa, no campo da atividade naval, e em vários outros, grandes oportunidades. Sem sombra de dúvida também na área de segurança.

Tanto o PAC quanto as atividades ligadas à Copa de 2014 e às Olimpíadas de 2016, permitem amplas oportunidades de investimentos também, e parcerias entre empresas americanas e brasileiras.

Eu acredito que é do nosso extremo interesse estreitar nossas relações econômicas e as nossas parcerias na área de inovação.

Na área multilateral, nós também discutimos a nossa preocupação diante da crise internacional que levou instabilidade, baixo crescimento e desemprego a várias regiões do mundo. E também manifestamos que reconhecemos o papel dos bancos centrais, especialmente, nos últimos meses, do Banco Central europeu em impedir uma crise de liquidez de altas proporções, afetando a todos os países. Mas também manifestamos para o Presidente a preocupação do Brasil com a expansão monetária, sem que os países com superávits equilibrem essa expansão monetária com políticas fiscais baseadas na expansão dos investimentos.

Essas políticas monetárias solitárias, no que se refere às políticas fiscais, levam à desvalorização das moedas nos países emergentes - não, a desvalorização das moedas nos países desenvolvidos - levando ao comprometimento do crescimento dos países emergentes. Consideramos que o papel dos Estados Unidos nessa conjuntura e neste mundo multilateral que vem surgindo é muito importante.

A grande flexibilidade da economia norte-americana, a liderança na área de ciência, tecnologia e inovação tida pelos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, as forças democráticas que fundam a nação americana tornam importante, muito importante os Estados Unidos, tanto na contenção da crise quanto na retomada da prosperidade.

Os países BRICS respondem, hoje, por uma parte muito expressiva do crescimento econômico, mas é importante perceber que a retomada do crescimento, num horizonte de médio prazo, passa também pela retomada expressiva do crescimento americano. Nós saudamos a grande melhoria ocorrida aqui, nos Estados Unidos. E temos certeza de que isso será uma tônica dos próximos meses e anos sob a liderança do presidente Obama.

Por outro lado, também compartilhamos com o presidente Obama as questões relativas a essa IV Cúpula das Américas que ocorrerá no final desta semana, em Cartagena, na Colômbia. Essa Cúpula, ela expressa o fato de que a América Latina é um continente que vem crescendo, distribuindo renda e fazendo um processo de inclusão social. Mas, também, a crise atinge os países latino-americanos, de uma forma menos intensa, mas atinge.

Nessa Cúpula nós iremos discutir, mais uma vez, como a integração beneficia a América Latina, como o crescimento econômico só ocorrerá se fizermos uma política voltada para fortalecer nossos mercados internos, cada vez mais incluindo milhões e milhões de brasileiros e de latino-americanos, e também impedindo que políticas protecionistas, principalmente aquelas ligadas ao câmbio, nos afetem.

Um outro ponto que será muito importante é a preocupação que temos, todos, com a questão do tráfico e da violência que ele desencadeia. Ao mesmo tempo, temos também consciência da importância da América Latina nesse processo de combate à droga. Como eu disse sistematicamente, acredito que, no caso da droga, temos de ser duros no combate ao tráfico e, ao mesmo tempo, temos de tratar aqueles que caíram à mercê do tráfico, tornando-se viciados.

Queria dizer também que o Brasil considera muito importante a reunião do *Open Government*, do Governo Aberto, que ocorrerá no dia 17, em Brasília. É uma reunião interministerial, na qual a secretária de Estado, Hillary [Clinton] comparecerá. Essa iniciativa partiu do presidente Obama e o Brasil é um co-presidente. Nós consideramos essa política de governo aberto essencial para o combate à corrupção, a garantia de maior transparência e também de maior eficiência no gasto público, na medida que se melhora a possibilidade de avaliação e monitoramento. Eu considero que isso contribui, também, fortemente, para a democracia em nosso país. E também, o acesso do cidadão à informação que lhe é devida.

Eu tenho certeza que a cooperação entre o Brasil e também o nosso estreito relacionamento e parceria são muito importantes para o nosso país, mas também para um desenvolvimento, no século XXI, que se caracteriza, como é o tema da Rio+20, para qual eu convidei o presidente Obama, que é crescer, incluir e sermos capazes de conservar e proteger o meio ambiente, que é, nada mais, nada menos, a definição de desenvolvimento sustentável.

Eu agradeço a calorosa, fraterna e amigável recepção que o presidente Obama e o povo americano me dão nessas circunstâncias. A mim e a minha comitiva.

Muito obrigada.

▣
Ouça a íntegra da [declaração à imprensa \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-declaracao-a-imprensa-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-apos-encontro-bilateral-com-o-presidente-dos-estados-unidos-barack-obama-18min37s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-declaracao-a-imprensa-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-apos-encontro-bilateral-com-o-presidente-dos-estados-unidos-barack-obama-18min37s) (18min37s) da Presidenta Dilma

09-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante o encerramento do Seminário “Brasil-EUA: Parcerias para o Século XXI”

Washington-EUA, 09 de abril de 2012

Eu agradeço as palavras gentis do secretário de Comércio dos Estados Unidos, John Bryson. E, ao cumprimentá-lo, cumprimento o governo americano pela gentil e calorosa hospitalidade. Cumprimento também o povo americano.

Queria também cumprimentar o presidente da Câmara de Comércio Norte-americana, Thomas Donohue.

Queria cumprimentar também os ministros que me acompanham.

Queria cumprimentar também os governadores Roseana Sarney e Eduardo Campos, de Pernambuco, que estão aqui hoje me acompanhando, e a senadora Marta Suplicy.

Cumprimento também os representantes das partes Brasil, o empresário Josué Guimarães, em nome de quem saúdo os empresários presentes. E o lado americano, o senhor Faraht Jonh Faraht, que representa também o Fórum dos CEOs.

Queria iniciar saudando esta Câmara de Comércio pela conclusão do Seminário “Brasil-Estados Unidos: uma Parceria para o Século XXI”. Nenhum tema poderia ser tão bem escolhido porque este é, de fato, o desafio que se coloca diante do Brasil e dos Estados Unidos: uma parceria à altura do século XXI.

Eu sei que neste ano esta Casa comemora seu centenário e congrega, hoje, mais de 3 milhões de empresas e a mais importante entidade do setor privado norte-americano (falha no áudio) muito nessa relação entre governos e empresários, numa relação de diálogo, porque isso é fundamental para que nós alcancemos nossos objetivos de combate à crise, de retomada do crescimento e do desenvolvimento econômico.

Eu acredito que esse é um dos principais pontos para uma agenda do século XXI. Não é uma agenda conjuntural, porque sair da crise necessita de forma cabal de uma visão a respeito de qual é o caminho que devemos trilhar para a posteridade. Para que essa posteridade, o nosso futuro, seja um futuro próspero e desenvolvido. Daí a importância deste fórum que reúne a comunidade empresarial, acadêmica, e governamental e que pode permitir que a definição dessa parceria para o século XXI seja a cada dia mais precisa e mais focada.

Nós sabemos que a crise internacional, ela impõe a nós imensos desafios. Mas ao mesmo tempo a crise tem sido uma oportunidade para que nós possamos superar paradigmas ultrapassados e ao mesmo tempo devemos apostar na força da economia real e na capacidade criativa dos nossos povos, dos nossos empresários e do nosso mundo acadêmico.

O Brasil, como os senhores sabem, está se tornando uma das maiores economias do mundo,

alguns dizem a sexta. Nós sabemos que o crescimento da classe média brasileira, que já chega hoje a mais de 50% da população, e que nós pretendemos que até 2018 represente mais de 60%, tem sido essencial para o fortalecimento do nosso país, da nossa Nação. E até pelo reconhecimento do papel que o Brasil hoje desempenha na sua região e nas relações internacionais.

O fortalecimento da nossa economia, baseado em um crescimento econômico que distribui renda e que faz com que nós reduzimos a diferença entre as diferentes classes sociais, transformando a maioria da população brasileira numa população de classe média é a chave para a força e a capacidade de crescimento da economia do nosso país. Nós também tivemos um processo muito forte no sentido de perseguir pilares macroeconômicos estáveis. Hoje, o Brasil que era conhecido como um dos maiores devedores, na década de [19]80 e de [19]90 é credor líquido internacional, com reservas que estão acima de US\$ 360 bilhões, muito mais do que nossa dívida externa. Somos, portanto, como eu já disse, credores líquidos. Somos o terceiro maior comprador de títulos do Tesouro americano, após a China e o Reino Unido.

Em 2011, reconhecendo uma situação de estabilidade e de oportunidades de investimento, recebemos investimentos diretos internacionais, ou seja, de vários países do mundo, da ordem de US\$ 67 bilhões. Nós também procuramos ter uma política fiscal bastante sóbria. Nós conseguimos alguns resultados, para nossa situação anterior, são extremamente positivos. Por exemplo, de 2002 a 2011, nós reduzimos a relação dívida líquida sobre Produto Interno Bruto de 60,4% para 36,5%, num esforço de responsabilidade com o gasto público e buscando sempre melhorar nossas práticas de gestão.

Ainda estamos em processo e queremos obter uma maior eficiência, um maior controle e uma maior transparência no gasto público. Por isso, saudamos a iniciativa do presidente Obama do Governo Aberto, porque o Governo Aberto não só permite que nós façamos um maior combate à corrupção, mas também uma maior transparência dos gastos, mas, sobretudo, maior eficiência para população brasileira e, portanto, uma melhoria na qualidade do gasto público.

Nós também mantivemos um esforço significativo, e ainda estamos também fazendo esse esforço, sistematicamente, de ampliar o investimento, seja público, seja privado. Em particular, no caso público, através de grandes obras em que a parceria público e privado se manifesta de forma muito expressiva, no sentido de modernizar a nossa logística e também de melhorar os nossos investimentos do ponto de vista social.

Portanto, é importante que a gente destaque que o desenvolvimento econômico brasileiro é fruto da iniciativa do governo, da iniciativa dos empresários brasileiros, da iniciativa do povo brasileiro. Mas também é uma opção clara. Nós optamos pela construção de uma sociedade com mais crescimento, mais justiça social e mais democracia.

Isso fez com que, desde a época do presidente Lula até hoje, nós busquemos construir no Brasil um mercado de consumo de massa, porque esse mercado de consumo de massa num país com 200 milhões de habitantes é um dos fatores propulsores do nosso crescimento e, ao mesmo tempo, é a forma pela qual nós realizamos justiça social.

Eu queria destacar para os senhores que as mudanças no Brasil coincidiram com mudanças no mundo, porque nós sabemos que hoje o mundo passa por transformações, tanto nos seus fluxos financeiros como nos seus fluxos comerciais.

Nós tivemos várias iniciativas, no sentido de aproximarmos de vários países e de olhar esse mundo multipolar que está surgindo de uma forma a permitir que o nosso país se insira, de forma adequada, nas relações econômicas e políticas internacionais.

Hoje as economias mais dinâmicas da atualidade, que são as dos BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul –, representam cerca 25% do PIB mundial, em paridade de poder de compra. Sem sombra de dúvida, nós não somos países com uma visão que nós todos achamos que é una e indivisível. Não, nós somos países diversos, somos países com economias que se estendem por territórios continentais, com populações que ainda participam da divisão das riquezas de forma ainda desequilibrada. Somos países que têm grandes massas marginalizadas, com pobreza, fome. Mas, hoje, segundo a previsão do Fundo Monetário para 2012, esses cinco países do BRICS são responsáveis por 56% do crescimento do PIB mundial. Nós contribuimos com uma parte disso, e temos tido uma articulação expressiva com esses países.

Mas não é só com os BRICS que nós nos relacionamos. Nos relacionamos também com a América Latina, uma vez que, na corrente de comércio a América Latina hoje tem a segunda maior presença, tanto nas relações comerciais como nas relações de investimento.

Mas eu queria chegar aqui a uma questão. O Brasil sabe da importância dos Estados Unidos nesta conjuntura de crise e para a reconstrução da prosperidade internacional. Nós temos grande consciência dessa importância. E como eu venho manifestando sistematicamente, manifestei para o presidente Obama e para o Fórum do CEOs, a flexibilidade da economia americana para reagir à crise, somados à liderança dos Estados Unidos na área de ciência e tecnologia e inovação e sua condição de ser um país em que as forças democráticas fundaram a nação asseguram, esses três fatores asseguram para os Estados Unidos um importantíssimo papel nesse novo mundo que está surgindo. A partir da retomada dessa crise, e sem sombra de dúvida um mundo multipolar, diferenciado dos anos ou das décadas anteriores.

Por isso, nós damos muita importância à parceria entre o Brasil e os Estados Unidos para o século XXI. E hoje, cada vez mais, temos sido parceiros em um diálogo entre nações iguais. Mas é importante dizer que o cenário internacional, que ofereceu ao longo dessa primeira década do século XXI novas oportunidades para os países como o Brasil, coloca agora, igualmente, motivos de inquietação. Nenhuma região ou país do mundo está imune às turbulências que afetam a economia e as finanças internacionais. Eu tenho a convicção de que a saída da crise não está em políticas recessivas nem na regressão de conquistas sociais.

Se é verdade que houve avanços devido à atuação dos bancos centrais, e, nos últimos tempos, do Banco Central europeu, no sentido de evitar uma crise aguda de liquidez, também é verdade que só políticas monetárias não contribuem para a retomada do crescimento. E isso por dois motivos.

Primeiro, porque se as políticas monetárias não estão acompanhadas por aqueles países que não são alvo dos mercados, nem tampouco tem uma situação estável do ponto de vista das suas dívidas, e sim grandes superávits, se esses países não, ao mesmo tempo em que preconizam políticas fiscais de contenção para os países endividados, se eles não investirem, as políticas monetárias expansionistas serão políticas bastante nocivas para aqueles países que são, hoje, motor, motor do crescimento econômico internacional.

Senão, vejamos, se a política de expansão monetária vem desacompanhada de política de investimento, o que é que produz nas economias emergentes? Produz uma situação de competição adversa na qual, artificialmente, a desvalorização das moedas dos países desenvolvidos provoca, nas economias emergentes, uma situação que, mais cedo ou mais tarde, diminui sua taxa de investimento, a sua competitividade e o seu posicionamento de crescimento. Por isso, esse é um primeiro fator.

O segundo fator é também o fato de que não haverá retomada do crescimento se, acompanhado dessas políticas necessárias de consolidação fiscal, não tiverem políticas de expansão fiscal.

O Brasil, é bom que se diga, experimentou essa receita nos anos 80, e sabemos o quanto ela é dolorosa e ineficaz. Ficamos 20 anos marcando passo sem condição de ampliar a nossa taxa de crescimento, portanto, pagar nossas dívidas de forma adequada e sermos capazes, simultaneamente, de crescer, distribuir renda e fazer inclusão social.

Sem sombra de dívida, as intervenções tranquilizaram os mercados, mas elas não são suficientes para garantir a retomada. O governo brasileiro, consciente desse problema, tem tomado e continuará tomando todas as medidas necessárias para neutralizar os efeitos nocivos do afrouxamento monetário que ocorre nos países desenvolvidos.

Ao lado dessas providências, nós queremos reiterar que o Brasil repudia todas as formas de protecionismo e, portanto, inclusive essa que se configura como sendo uma espécie de protecionismo cambial. E nós acreditamos, portanto, que a fragilidade da economia mundial não pode converter-se em pretexto para que a gente reedite o que aconteceu no século passado, na década de 30, com trágicas consequências. Nós somos um país pronto para cooperar, pronto para participar, pronto para estabelecer relacionamentos com nossos parceiros. E, no âmbito do G20 é muito importante que nós busquemos soluções sustentáveis e eficazes para a crise e para todas as barreiras como, por exemplo, o preço do petróleo, que inibem a retomada em todos os países, ou a aceleração do crescimento em todos os países.

É com esse espírito que nós pensamos as parcerias entre o Brasil e os Estados Unidos neste século. Nós temos confiança de que sairemos da atual crise internacional mais fortes e potencialmente mais pujantes.

Nossos fluxos de comércio e os investimentos recíprocos nos ajudarão nessa direção. E aí é importante lembrar que em 2011 nós tivemos, o Brasil foi o sétimo saldo positivo da balança americana, o sétimo maior saldo positivo da balança americana. E, ao mesmo tempo, os investimentos brasileiros alcançaram 40% do volume investido pelas empresas americanas no Brasil. Houve, portanto, um aumento do investimento direto brasileiro nos Estados Unidos.

Por isso, é muito importante que nós aproveitemos o potencial do nosso relacionamento. E isso significa que não se pode deixar persistir sistematicamente um déficit comercial tão desfavorável. Ele precisa ser progressivamente reequilibrado. Mas eu tenho certeza que uma parceria do século XXI não se limita nem às relações comerciais, nem, pura e simplesmente, a essa ampliação dos investimentos diretos recíprocos. Eu tenho certeza que, além desses dois fatos, ou conjugado com esses dois fatos, é necessário que nós ampliemos o intercâmbio educacional, científico, de cooperação tecnológica entre empresas e de inovação.

Eu tenho consciência de que em várias áreas o Brasil tem capacitação, com destaque para a indústria aeronáutica, exploração de petróleo em águas profundas, pesquisa aplicada à agricultura e pecuária, e outras áreas. E acreditamos que os Estados Unidos, como nação líder na área de criação de conhecimento científico, de inovação de práticas e de processos, e, ao mesmo tempo, com uma capacidade enorme de inovação, nós podemos, em conjunto, encontrar áreas de parceria em que todas as partes tenham algo a contribuir e a ganhar.

Nós acreditamos que a efetiva cooperação e associação entre as instituições brasileiras e as instituições americanas do setor público, da academia e dos empresários para a produção de novas tecnologias deve ser um pilar dessa parceria que nós queremos que tenha a cara do século XXI. Tanto instituições brasileiras, como o Instituto Tecnológico da Aeronáutica, devem procurar parceiros nos Estados Unidos, como o MIT, como o Inpe, que hoje já colabora com a

Nasa em projetos de monitoramento de sistemas e prevenção de desastres naturais, deve também procurar parcerias que impulsionem as nossas relações, dando um exemplo.

Nós também temos todas as condições para desenvolver parceria na área de energia. O Brasil tem todo interesse em evitar tanto a “doença holandesa”, como a chamada “maldição do petróleo”. Uma valoriza sua moeda, que é a “doença holandesa”, e a outra permite que a pobreza grasse no meio de uma riqueza, como é a do petróleo. Por isso, nós pretendemos desenvolver a cadeia de gás e petróleo, tanto de fornecedores de bens como de prestadores de serviços dentro do Brasil. Isso não significa de maneira alguma que não haverá um componente importado em todas essas atividades. Significa que nós iremos equilibrar e combinar a produção dentro do país com a importação fora do país.

Para isso, hoje já existe, já está presente no Brasil uma quantidade significativa de empresas e estarão produzindo no Brasil e também importando de fora, mas, para nós, é essencial que a nossa cadeia industrial nessas áreas se mantenha no Brasil até para que poder garantir um equilíbrio e uma instabilidade econômica.

Eu tenho certeza que além da área de petróleo e gás, o Brasil e os Estados Unidos já demonstraram, daí a minha certeza, que na área de biocombustíveis nós temos toda uma fronteira de cooperação. Inclusive, tanto no que se refere a combustíveis de segunda e terceira geração nessa área, por exemplo, do etanol, como em tecnologias que combinem formas diferenciadas de combustível.

Nós temos uma certeza, que tanto que se refere em energias renováveis, energias alternativas, eficiência energética, quanto a redes inteligentes, há uma fronteira imensa de cooperação entre o Brasil e os Estados Unidos.

Mas eu queria transmitir para vocês que nós esperamos com muita força uma cooperação entre os Estados Unidos e o Brasil e consideramos os Estados Unidos um parceiro muito especial na implementação do programa Ciência sem Fronteira, por meio do qual, nós vamos proporcionar 100 mil brasileiros em um horizonte até 2014, bolsas de estudo e projetos de pesquisa, trazendo estudantes para países como os Estados Unidos, quanto contratando, por períodos, pesquisadores dos Estados Unidos para pesquisarem no Brasil. Eu tenho certeza que esse programa, ele é um programa especial, porque ao mesmo tempo que ele cria essa oportunidade, ele também estreita relações entre as pessoas e entre essas comunidades.

Eu agradeço às universidades norte-americanas e as empresas a receptividade e a acolhida dos milhares de estudantes que vem aqui aprimorar sua formação e vão contribuir para que as pequenas e médias empresas, no Brasil, possam dar um salto tecnológico. E eu disse pequenas e médias, porque geralmente as grandes empresas fazem e têm condições e recursos para providenciar a formação de seus quadros. Quem não tem as mesmas condições são as médias e pequenas empresas. Então, nós pretendemos com isso dar um salto também de competitividade na estrutura produtiva do Brasil.

Nós somos – Brasil e Estados Unidos – duas sociedades democráticas, as duas maiores desse hemisfério e, também, eu tenho certeza, entre as maiores do mundo. Nós somos sociedades jovens, multiétnicas, diversas e, portanto, nós temos, também um grande potencial, uma enorme flexibilidade e uma grande criatividade. Acredito que para nós será muito importante nesse esforço de parceria estabelecer essa relação dentro de um novo paradigma de desenvolvimento. E aí eu estou me referindo ao desenvolvimento sustentável.

O Brasil, na Rio+20, que estará discutindo sobretudo o desenvolvimento sustentável, pretende claramente afirmar seu compromisso com um modelo de desenvolvimento que afirma ser possível crescer, incluir, preservar e proteger o meio ambiente. E isso porque nós acreditamos que esse novo paradigma tem que articular as diferentes dimensões do

desenvolvimento. Nós não podemos conceber um desenvolvimento em que a melhoria das condições de vida, a ampliação da renda, o acesso aos bens da civilização não estejam ao alcance de todos, como também não podemos conceber um desenvolvimento em que nós não tenhamos um cuidado especial com a questão ambiental. E aí estão incluídos, desde a questão das cidades sustentáveis, porque a grande maioria da nossa população hoje é urbana, passando por práticas adequadas de gestão dos seus recursos hídricos, dos seus recursos florestais, da biodiversidade que temos, combinar isso com crescimento econômico e provar que é possível esse novo modelo. Obviamente um modelo flexível, capaz de adaptar-se às diferentes situações, às diferentes estruturas econômicas, sociais e condições territoriais dos países.

Nós temos vários diálogos estabelecidos. Hoje foi assinado um diálogo na área aeronáutica, outros diálogos vão emergir de todo esse relacionamento entre empresários brasileiros e empresários dos Estados Unidos. Esse conjunto de projetos, diálogos, novas agendas e grupos vai ser permanentemente aperfeiçoados. Nós não temos um único dia em que esses projetos estarão prontos e acabados e, a partir daí, nós vamos realizar essa parceria. Não! Essa parceria é uma conquista diária, é uma conquista sistemática e é um relacionamento que nós temos de levar com seriedade e, ao mesmo tempo, percebendo que a cada dia nós aprofundamos nossas relações. Essa parceria irá refletir também as mudanças no cenário global, a nova distribuição de poder no mundo e a emergência de um sistema internacional que nós queremos mais democrático, mais inclusivo e mais cooperativo.

Eu tenho certeza que esse novo mundo que tem nessa parceria um dos seus instrumentos, com seus desafios e com suas promessas, ele vai nos permitir imaginar um século XXI de grandes conquistas econômicas, de grande capacidade de crescimento e de prosperidade. E também, do ponto de vista do Brasil, nós consideramos que é muito importante de paz que todos nós tenhamos condições de viver e compartilhar.

Um século, que eu tenho certeza, empresários, acadêmicos e governos dos Estados Unidos e do Brasil vão abraçar e vão compartilhar seu sucesso e também suas mazelas. Eu acredito mais nos sucessos que juntos podemos construir. Eu aposto neles e podem ter certeza que o governo brasileiro apoiará todas as iniciativas no sentido de torná-lo uma realidade.

Muito obrigada.

■ Ouça a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-encerramento-do-seminario-brasil-eua-parcerias-para-o-seculo-xxi-washington-eua-33min01s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-encerramento-do-seminario-brasil-eua-parcerias-para-o-seculo-xxi-washington-eua-33min01s) (30min16s) da Presidenta Dilma

10-04-2012 - Palestra proferida pela Presidenta da República, Dilma Rousseff, na Harvard Kennedy School of Government

Segundo a presidenta, apesar da crise econômica internacional, o Brasil tem conseguido manter o crescimento graças ao mercado interno

Boston-EUA, 10 de abril de 2012

Para mim, boa noite, é um prazer... Boa tarde, indo para a noite, é um prazer estar aqui, em Harvard, mais uma vez.

Eu queria cumprimentar o professor David Wood, decano da Kennedy School of Government.

Querida cumprimentar, também, a professora Merilee Grindle, diretora do Centro David Rockefeller para Estudos da América Latina.

Saúdo a comunidade docente e os estudantes de Harvard, em especial as alunas e alunos do Brasil nesta renomada instituição.

Querida cumprimentar também os ministros que me acompanham nesta visita e cumprimentar os senhores representantes da imprensa, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu expressei aqui a minha enorme satisfação de poder falar em Harvard. Eu conheço a importância desta instituição, porque como ministra de Minas e Energia do Brasil, a ela recorri para que nós pudéssemos delinear o modelo do setor elétrico no Brasil e levar luz através de um programa chamado Luz para Todos a mais de 12 milhões de brasileiros e brasileiras que não tinham em pleno século 21 acesso à energia elétrica.

Agradeço mais uma vez ao professor Ashley Brow, que coordenava, naquela época, o grupo de apoio ao Brasil nesta área. Eu estou também muito honrada de estar aqui, porque, pela primeira vez na história, Harvard está sob a direção de uma mulher, a reitora Drew Faust.

Estou certa de que o nível de avanço de uma sociedade pode ser avaliado pelo papel que desempenham as mulheres e isso para nós é um elemento de civilização, termos homens e mulheres em condições de ser presidentes de Harvard e presidentes do Brasil.

Agradeço a instituição Harvard Kennedy School of Government por permitir que eu compartilhe com vocês reflexões sobre o meu país, o Brasil. Nós, brasileiros, temos muito orgulho de fazer parte das chamadas nações emergentes, que, na verdade, têm sustentado o crescimento econômico nesses últimos anos. Nós, de acordo com o Fundo Monetário Internacional, os países do BRICS - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul - respondemos por 56% do crescimento global.

Mas a posição que o Brasil ocupa decorre fundamentalmente das transformações sociais, econômicas e políticas que tiveram início quando o presidente Luiz Inácio da Silva foi em

2003 eleito no Brasil, mudando uma situação política e chegando, pela primeira vez, como um líder metalúrgico à direção do governo brasileiro. A partir daí, e até o meu governo, nós, nessa última década, praticamente uma década, nós tivemos mudanças muito importantes que levaram à estabilidade econômica, ao crescimento, à inclusão social com distribuição de renda. Talvez o Brasil seja um dos poucos países do mundo em que a desigualdade, ao invés de ampliar, encurtou. E isso nos orgulha muito, porque nós temos certeza que esse é um processo crucial para dar estabilidade política, para dar estabilidade social, mas, sobretudo, como uma força impulsionadora de grande porte. Levar brasileiros e brasileiras às classes médias significa para o Brasil como agregar uma Argentina no seu mercado consumidor, no seu potencial de fornecer empreendedores e também na capacidade de trabalho do país.

Nós também conseguimos estabilidade macroeconômica. Colocamos a inflação sob controle e as variáveis que informam a robustez fiscal de um país, elas melhoraram muito. Sobretudo, o Brasil era um país com uma grande dívida pública. E é importante sinalizar que a relação entre dívida interna líquida e Produto Interno Bruto, que em 2002 era de 60,4%, é hoje de 36,5%. Esse país, Brasil, tem hoje, um país que dependia, quando nós chegamos, do Fundo Monetário, tem US\$ 362 bilhões de reserva, é um dos grandes compradores de títulos americanos e liquidou seus débitos com o Fundo Monetário, o que foi muito importante para o país, porque isso significou que nós pudéssemos assumir nas nossas próprias mãos toda a condução da política econômica e da política social. E nós passamos de devedores a credores do Fundo.

Mas, eu vou insistir, o aspecto mais importante desse processo, o aspecto que dá grande força e sustenta o crescimento da economia brasileira, é a chegada de 40 milhões de brasileiros as classes médias. Isso é um fator de muito dinamismo na nossa economia. Durante muitos anos, era voz corrente no Brasil, que não era possível ter crescimento econômico e resolver a questão da imensa desigualdade social que caracterizava o meu país. Nós não resolvemos ainda essa desigualdade. Nós estamos no caminho de resolver e ainda temos 16 milhões de brasileiros, que nós sabemos onde estão, quem são e isso vai nos permitir, assegurar que pelo menos tenhamos condições, políticas, tecnologias e programas adequados para hoje tirá-los da pobreza.

Nós viemos criando em torno de 2 milhões de empregos por ano. E temos uma expansão do consumo a uma taxa superior a 8%. E por isso, esses 8% decorrem justamente do fato de que essas pessoas chegaram à condição de consumidores. Nós também democratizamos o crédito e demos acesso a contas bancárias a milhões de brasileiros. Construimos uma poderosa rede de proteção social. Eu acredito que o Brasil seja hoje um país, que na área de políticas sociais, tenha conseguido armazenar um arsenal de tecnologias capazes de influir diretamente na questão da desigualdade.

Essa rede de proteção social, ela abrange idosos, mulheres, afrodescendentes e outros segmentos discriminados, além, obviamente, de uma política social extremamente inclusiva, que passa, por exemplo, por garantir agora, neste final de 2012, que nós tenhamos uma situação de universalização da energia elétrica.

Quando eu cheguei ao Ministério de Minas e Energia, em 2003, praticamente 12 milhões de brasileiros não tinham acesso à energia elétrica, e todos eles viviam no segmento rural. É impossível ter desenvolvimento econômico sem acesso aos bens da civilização, os elementares bens da civilização, que é a luz elétrica.

Nós também ampliamos o nosso sistema educativo, chave, principal alavanca da inclusão social. E assim nós melhoramos o acesso e lutamos sempre, sistematicamente, para melhorar a qualidade da educação, da creche à pós-graduação. Nós não achamos que tenha uma fase mais importante que a outra. Todas elas formam a continuidade da nossa

capacidade de tornar acessível à população brasileira ensino de qualidade. Isso significou a regionalização de universidades, de escolas técnicas e significou também uma volta a métodos mais adequados para avaliação das crianças e dos jovens. Nós voltamos a avaliar, algo que não era a praxe no Brasil.

Esse grande movimento de nossa sociedade teve também, como resultado importante, a redução das desigualdades regionais no Brasil. O Brasil é um país que teve sempre um Sul desenvolvido e um Sudeste, e um Norte e um Nordeste muito atrasado. Nós estamos reequilibrando esta relação, e isso explica por que o Nordeste do Brasil e o Norte têm taxas de crescimento similares às asiáticas, o que permitiu que houvesse uma diminuição da diferença entre as diferentes regiões.

O arrefecimento do comércio internacional não impediu que nossa corrente de comércio ultrapassasse, de forma inédita, os US\$ 480 bilhões. E a crise fiscal também não nos atingiu. As contas do setor público brasileiro vêm melhorando sistematicamente e, como já disse, a redução da relação dívida líquida sobre PIB é um dos indicadores.

Mas eu tenho de ser muito clara com os senhores e as senhoras. Nós temos imensos desafios, imensos desafios até porque o Brasil é um país complexo. Nós temos de tratar da erradicação da miséria, ao mesmo tempo em que tratamos de assegurar que nós consigamos, não só educação de qualidade, mas gerar pesquisa científica, tecnológica e inovação. Nós temos de, ao mesmo tempo em que tratamos de uma questão que é do século, final do século 19 e início do 20, que é energia elétrica, temos de assegurar rede de banda larga nas principais regiões do Brasil e caminhar para tornar o Brasil um país ligado a toda estrutura nova e do futuro, que é essa economia do conhecimento, que emerge com a possibilidade da gente encurtar distâncias e ter acesso ao conhecimento, que a internet, e todos os outros mecanismos de tecnologia da informação e da comunicação permitem.

Nós sabemos, também, que nós somos afetados pela situação do mundo. E achamos que nós temos condições de enfrentar esse momento. Vivemos um momento de muita preocupação. Nós consideramos que a crise nos países desenvolvidos, e agora, mais recentemente, da União Europeia, ela persiste ainda com um quadro de recessão e desemprego muito forte.

Apesar de reconhecer que as ações dos bancos centrais, principalmente do Banco Central Europeu, melhorou muito a situação, nós sabemos que ainda persistem várias ameaças. De fato, os bancos centrais impediram que houvesse uma crise aguda de liquidez. Porém, o fato de persistirem só em políticas monetárias, e ao mesmo tempo, o fato de que os países que não estão na mira dos mercados, ou países que são superavitários, não terem políticas de expansão dos investimentos coloca alguns problemas muito fortes em cima dos países emergentes. Principalmente, uma forma de concorrência via desvalorização das moedas dos países desenvolvidos, que afeta e produz graves problemas sobre a indústria manufatureira dos países emergentes, o que é o caso do Brasil. Nós temos hoje, até porque temos um sistema bancário sólido e sadio, nós temos condições de fazer face a isso.

Mas consideramos que esse fator - só políticas de consolidação fiscal e não políticas de expansão daqueles que podem - não contribuem para a retomada do crescimento, nem da prosperidade. Além disso, temos um problema sério que é o preço do petróleo, num quadro de recessão da demanda dos países desenvolvidos, que vai contribuir para impedir também a retomada do crescimento.

Mas, de qualquer jeito, eu queria sinalizar, que o Brasil, neste ano de 2012, está melhor situado do que no ano passado. Nós tivemos, o ano passado, de fazer uns rearranjos na nossa política macroeconômica e estamos, neste ano, prontos para crescer de forma mais

significativa do que crescemos no ano passado.

E tudo isso, eu queria sinalizar, foi feito com respeito à democracia, que, no Brasil, se expande progressivamente. Porque a democracia é algo que você tem que tratar sistematicamente, você tem que assegurar que ela ocorra. E afirmando também, tanto os direitos humanos, quanto a questão da presença soberana do Brasil no mundo.

Para nós e para os da minha geração, eu própria, que pagamos um elevado preço por opor nos à ditadura, que durou no Brasil em torno de 20 anos, nós aprendemos não nos livros. É possível aprender nos livros, eu acho que é um jeito melhor de aprender até. Mas também com as nossas experiências sobre a importância da democracia e dos direitos humanos. E acho que o país, o Brasil tem hoje um grande mérito. Nós somos uma grande democracia e eu sempre digo que é muito melhor as múltiplas vozes que a gente escuta na democracia, mesmo que sejam contra algumas coisas que você é ou pensa, do que o silêncio das ditaduras. Esta uma realidade que nós incorporamos no Brasil, porque o povo aprendeu isso.

Nós no passado vivíamos sempre de costas para a nossa região. Nós só olhávamos o mundo com uma ótica eurocentrista ou também só focada nos Estados Unidos. O Brasil mudou bastante. O Brasil hoje olha para os seus vizinhos, para a sua região, nós vivemos há 140 anos em paz com os nossos vizinhos e acreditamos que a cooperação com os países latino-americanos, caribenhos é estratégica para a nossa região. Temos hoje uma relação sólida e percebemos claramente a importância dos Estados Unidos para o Brasil. Nós achamos que neste mundo multipolar que está surgindo os Estados Unidos terão um papel estratégico.

Primeiro, porque, por alguns motivos muito simples. Primeiro, porque os Estados Unidos têm uma economia flexível, que sempre foi capaz de enfrentar as crises. E, segundo, porque é um país detentor da liderança nas áreas de ciência, tecnologia e inovação. E, terceiro, porque as forças democráticas que fundaram este país tornaram este país com grande capacidade de reação. Eu tenho certeza que, para o século 21, do ponto de vista do Brasil, nos interessa essa parceria. E interessa essa parceria e ela tem um lugar especial na medida em que somos as duas democracias, grandes democracias deste hemisfério. E, além disso, acredito que temos uma especial relação, porque somos democracias jovens, multiétnicas e temos similaridades em várias características culturais e comportamentais.

Nós também reatamos nossos laços com a África. Nós temos uma relação muito íntima com a África. Nós achamos que a raiz – e reconhecemos isso, e nos orgulhamos disso – a raiz de mais da metade da população brasileira está lá, está na África. É responsável por uma parte expressiva da alegria do povo brasileiro a sua capacidade de ser flexível e também é um componente da nossa criatividade.

Nós construímos uma parceria, que eu considero também muito importante, com os países BRICS. Essa parceria permite que países diversos, nos diferentes continentes do mundo, tenham um contato sistemático e tratem dos seus assuntos, mesmo que, muitas vezes, nem todas as questões sejam resolvidas, porque não se tem consenso amplo. Mas, naquilo que se tem consenso, nós temos sido muito bem-sucedidos, e temos o hábito de nos consultar, o que também é muito importante.

Nós queremos, hoje, deixar claro que recessão, desemprego e precarização do trabalho não constituem saídas sistemáticas para a crise. Acreditamos que, junto com políticas fiscais sóbrias, é fundamental a recuperação do investimento, do consumo para retomada do crescimento. O Brasil tem uma experiência nesta área de 20 anos. Durante 20 anos, nós aplicamos só processos de consolidação fiscal, melhor dizendo, de ajuste fiscal radical. E tivemos extremas dificuldades de sair de um processo de estagnação, de crescimento baixo, de ausência de políticas sociais, ao ponto de ser um problema grande para nós uma política

de saneamento nas grandes cidades brasileiras, porque não tínhamos capacidade nem de financiar o saneamento nem tampouco de usar recursos públicos para fazer.

Durante muito tempo também sequer tivemos um programa habitacional descente. O fato de termos conseguido superar as relações que nos tornavam independente do Fundo Monetário Internacional permitiu, não só que fizéssemos política sociais de integração, como essa hoje Brasil sem Miséria, mas também permitiu que nós víssemos que não é só por uma questão ética, é por uma questão ética também, que é necessário eliminar a pobreza e reduzir a desigualdade entre as diferentes camadas da população, a desigualdade de renda e de oportunidade, sobretudo. Mas é por uma razão econômica. Um país como o Brasil tem no seu mercado interno de massas uma das maiores forças de sustentação do seu crescimento. Se nós não tivéssemos isso a cada crise que ocorria nos países desenvolvidos nós entrávamos, como diziam, um espirro aqui fora, levava a uma pneumonia dentro do país.

Esse processo hoje ele mudou, porque o Brasil está focado nessa relação que parte do seu mercado interno e que mira o mercado internacional. Nós não somos um país protecionista, nós não consideramos correto o protecionismo, nem achamos que ele rende em matéria de crescimento da competitividade do país. Pelo contrário, o que nós temos clareza é que é fundamental para o Brasil ter 190 milhões de habitantes, ser um país continental, que tem uma riqueza inequívoca no pré-sal, que tem minério, que tem uma agricultura com capacidade produtiva e tecnológica elevada, e que tem uma indústria complexa, que sofre bastante no momento atual, mas que sobreviverá, eu posso assegurar aos senhores e se tornará um dos suportes do crescimento brasileiro.

Nós temos, no entanto, um gravíssimo atraso a superar na educação. Todo esforço ao longo desses anos, no sentido de ampliar o acesso, de assegurar e de ofertar oportunidades, ele vai exigir que nós apostemos imensamente e coloquemos todos os nossos esforços nesta questão de igualdade e oportunidades, no que se refere à educação.

É isso que pode construir um país de classe média, como um país que é capaz de se reformar a si mesmo. Eu queria lembrar para vocês, que no século 16 foram criadas as primeiras universidades na América Latina. Harvard, eu olhei, data no século 17. No Brasil, as universidades surgiram apenas no século 20. Esse processo nós temos de acelerar agora. Nós queremos melhorar a qualidade do ensino universitário, mas, de fato, nós queremos resolver o problema da creche a pós-graduação. O Brasil precisa de creches. Brasil precisa de creches, porque é uma das raízes da desigualdade está no acesso diferenciado que as crianças têm a estímulos pedagógicos, a apoio, acolhimento e a uma estrutura afetiva. Isso, para nós, é crucial, como um mecanismo de desigualdade no Brasil. A educação é o fator relevante para nós.

Por isso, nós consideramos que todo o esforço que fazemos, no sentido de ampliar as bolsas, de garantir o acesso a universidades privadas, comprando vagas em troca de impostos, ampliação da nossa capacidade de financiar o estudo em universidades privadas, juntamente com a expansão das universidades públicas e a interiorização dessas universidades, são momentos e são passos nesses processos. Mas agora trata-se também de assegurar que alguns déficits que nós temos sejam resolvidos, que alguns modelos de articulação entre a pesquisa científica que existe dentro dos institutos de pesquisas e nas universidades brasileiras seja muito vinculada a questão da inovação.

Nós não podemos mais ter uma visão muito característica dos países de origem ibérica, que dá mais importância, não que elas não tenham importância, mas dá mais importância a uma publicação do que a uma patente. Nós damos, nós temos que dar importância a patentes. E o Brasil precisa de fazer um imenso esforço para que este processo se complete dentro dessa dupla característica: amplia oportunidade, garante mais acesso e melhora a qualidade.

Até porque, um dos efeitos de levar à classe média a 40 milhões de pessoas, é que essas 40 milhões de pessoas passam a ser sujeitos, passam a ter reivindicações. No passado, havia claramente um divisor de águas. Todo serviço público era para o que nós chamávamos de população de baixa renda. Todo serviço, por exemplo, de educação e de saúde privado era para a população de classe média alta e para as camadas mais ricas. Agora, o que está acontecendo no Brasil é que o serviço público tem de melhorar a qualidade. Isso também significa que também o Estado brasileiro vai ser cobrado no sentido de garantir e assegurar uma qualidade no serviço público que ele jamais teve antes. O Brasil mudou. Quando se mexe com milhões de pessoas, se eleva a renda e se cria oportunidades, essas pessoas também tornam-se críticas, são capazes de reivindicar. E nós, governantes, temos de dar a resposta a não ser que queiramos que essas pessoas não apoiem as políticas dos governos.

Por isso, que eu acredito que nós estamos no bom caminho com o programa Ciência Sem Fronteiras. Por que ele é um bom caminho? Porque nós sabemos que as grandes empresas brasileiras, elas são capazes de gerar, através das suas universidades corporativas e dos seus contatos e das suas relações com instituições internacionais, elas são capazes de formar seus gerentes, elas são capazes de gerar a tecnologia que lhes interessa. O Brasil tem experiência nessa área, por exemplo, com o Cenps da Petrobras, que é um dos centros que gerou conhecimento para que nós achássemos petróleo a sete mil metros abaixo da lâmina da água.

No entanto, o que nos interessa com o programa Ciência Sem Fronteira é garantir e assegurar e progressivamente ampliar isso. Essa primeira etapa com 100 mil estudantes é isso. É uma primeira etapa. Outras seguirão, porque o que nos interessa? Primeiro é garantir que estudantes tenham acesso a melhores instituições – estudantes de graduação. Mas, além dos estudantes de graduação, professores e doutores, que possam utilizar as oportunidades dadas por uma bolsa bancada pelo país para estudar no exterior e trocar experiências, mas, além disso, nós queremos trazer pesquisadores seniores e juniores para ter uma relação como Brasil.

Nós achamos que o que caracteriza esse século XXI - e esse é o nosso esforço que vamos fazer - é assegurar que seja possível essa trajetória. Essa trajetória em que o Brasil tem que correr muito para estar à altura dos desafios que se nos apresentam no caso da ciência, tecnologia e inovação.

Eu queria aproveitar a oportunidade para agradecer as autoridades dessa instituição pela disposição de facilitar o nosso projeto no Ciência Sem Fronteiras.

Eu queria, também, finalizando a minha intervenção falar da importância que nós atribuímos à Conferência da ONU, Rio+20. A Conferência da Rio+20 vai estudar, vai discutir e vai trabalhar um novo paradigma para os próximos anos no que se refere ao desenvolvimento.

Vejam vocês que, além da Conferência das Partes Sobre Mudança do Clima, da ONU, que ocorreu em Durban, e se seguirá no final deste ano, nós temos a Conferência do Rio+20 e temos também a Conferência da Biodiversidade na Índia. Mas a Conferência Rio+20 é uma que foca, não só nem na mudança no clima, nem na biodiversidade. Ela foca no conceito de desenvolvimento sustentável. E a pergunta é: qual é o desenvolvimento sustentável para as próximas décadas, neste século?

O Brasil e a ONU concordam em que o tema desta Conferência seja sintetizado na seguinte questão: nós podemos crescer, incluir e preservar, e proteger, ou seja, focando na importância que eu acho que, cada vez, as consequências dessa crise que atinge os países desenvolvidos e muitos dos países em desenvolvimento, que é a ampliação da desigualdade social no mundo, vai tornar-se progressivamente o centro de muitas discussões. Portanto,

nós colocamos a questão da redução da desigualdade e da inclusão social, ou da inclusão em todas as áreas, com todas as oportunidades, uma questão essencial que emerge desse momento e dessa conjuntura política.

Junto com isso, a questão do direito ao crescimento, e a questão do respeito e proteção do meio ambiente. Nós somos um país que, nessa área, tem uma situação especial, eu reconheço isso. Nós temos uma matriz de energia baseada fundamentalmente em energias renováveis, o que não é o caso da maioria dos países, que tem a sua matriz baseada em energia fósseis ou físseis.

O Brasil também tem uma grande biodiversidade, é um dos países mais biodiversos do mundo, e vê nisso um grande potencial de crescimento na área de biotecnologia e, enfim, na proteção dessa biodiversidade. Ao mesmo tempo, nós temos as nossas florestas a preservar, os nossos grandes rios a proteger. Nós não queremos ser um país devastado. Nós temos a maior reserva florestal do mundo na Amazônia, mas temos também um bioma como o Pantanal e outros e, para nós, esta é uma questão fundamental de discussão do futuro: a questão de como é possível no mundo, um mundo que tem de usar a tecnologia para isso, que tem de usar também a vontade política, como é possível um mundo em que o crescimento, a inclusão social e a distribuição de renda, e a preservação do meio ambiente, é um mundo possível. Essa é a pauta de discussão.

Eu queria dizer para vocês que eu estou muito feliz de estar aqui. Eu nasci num estado onde houve os primeiros movimentos de emancipação do jugo colonial, que chamou Inconfidência Mineira, e que foi derrotada, mas foi um marco na luta pela liberdade.

Quem inspirou as lideranças da Inconfidência Mineira, com as ideias do Iluminismo e os princípios de liberdade, foi a Revolução Americana. Eu acredito que esses princípios libertários, que remontam a séculos atrás, possam também nortear nossos povos para sedimentar nossa cooperação econômica e política, e aproximar, cada vez mais, nossas culturas.

Eu tenho certeza, como eu disse hoje, que o Brasil precisa de Harvard. Acredito, também, que Harvard, considerando que nós somos, hoje, com todas ainda essas deficiências, a sexta economia, é bom para Harvard se aproximar do Brasil.

(Pergunta em inglês)

Presidenta: Ter certeza que elas podem. Durante a minha campanha eleitoral, aproximou-se de mim, no aeroporto, uma senhora com uma criança, uma moça com uma criança. Era uma menina. E ela chegou, ela me via na televisão, então a menina chegou para mim e perguntou: “Eu queria saber se as meninas podem”. E eu perguntei para ela: “Podem o quê?”. Ela me disse: “Ser presidenta”. Eu falei: “Podem, podem”.

E, aí, eu percebi uma coisa: eu não sonhava em ser Presidenta. A minha geração... Eu sonhava em ser uma de duas coisas: ou bailarina, ou participar do Corpo de Bombeiros, apagar incêndio. Hoje as meninas podem sonhar com uma terceira opção: ser presidentas do Brasil. Podem também sonhar em ser presidentas de Harvard.

_____: Boa noite, Presidenta. Muito bem-vinda a Harvard, mais especificamente à Escola de Governo. Eu sou um dos brasileiros que estuda aqui, na Escola de Governo.

Dentre vários problemas do Brasil, uma das coisas que me preocupa é a nossa falta de conscientização política. Como a gente sabe, o deputado federal mais votado do Brasil é o Tiririca, que literalmente ganhou a eleição pedindo votos para aqueles que não sabem o que

um deputado federal faz. Isso reflete a nossa falta de conscientização política, de um modo geral. Eu, particularmente, tenho um grande dilema que é se eu devo ou não entrar na política, me considerando uma pessoa bem capacitada e bem intencionada. E a minha pergunta é se eu devo ou não enfrentar esse mau estigma que existe no Brasil, de que todo político é corrupto. Então, eu acho que muitas pessoas bem capacitadas e bem qualificadas acabam decidindo entrar em outras carreiras profissionais por causa... para não enfrentar esse estigma.

Então, a minha pergunta é: o que a senhora tem a dizer para esse tipo de brasileiro que, muitas vezes, foge da política por causa desse mau estigma e acaba criando um cenário, uma legislação... um grupo de deputados do Brasil como o que a gente vê hoje, com notícias recorrentes de corrupção e tudo o mais.

Presidenta: Olha, eu acredito que a gente tem de tratar a corrupção e combater a corrupção. Isso não pode permitir uma visão, que eu acredito que é uma visão perigosa de que, se você não participar da política, você não sofre as consequências de qualquer ato corrupto, que, aliás, é bom que se diga, que no Brasil há a prática de ver só o político corrupto, mas não vê quem é o corruptor. E o corruptor, infelizmente também, está no setor privado.

Essa relação complexa que ela tem de ser tratada de forma objetiva. Acho que a iniciativa do presidente Obama do Governo Aberto... nós acabamos de aprovar uma Lei de Acesso à Informação, em que o Estado brasileiro coloca, abertamente, todas as suas informações. Além disso, toda a... talvez seja um dos poucos países que tenha um Portal da Transparência e que todas as transações do governo apareçam imediatamente num Portal da Transparência.

O Brasil está fazendo um grande esforço, lutando contra a corrupção. Eu posso te assegurar que o meu governo está fazendo isso e fará isso sem contemplação. Acho que a democracia é que nem o sol: é o melhor antídoto contra práticas de corrupção. Quanto mais pessoas bem-intencionadas como você participarem, menos haverá espaço para políticos que não utilizam métodos corretos, que fazem malfeitos.

Este é um processo que deve levar, não à omissão, mas, sim, à participação. Eu tenho certeza disso. Acho que a grande parte das pessoas – e não dá para falar “os políticos são corruptos” –, a grande parte das pessoas, elas precisam de instituições virtuosas. E aí é que nem dizia Montesquieu: “os homens, os homens não são virtuosos, as instituições têm de ser virtuosas”.

Nós também temos de garantir que haja um controle institucional dos processos, das práticas, que impeça, mesmo que possa ter uma pessoa querendo fazer um malfeito, que dificulte a vida dela. E aí eu concordo com essa iniciativa do presidente Obama, da qual eu sou co-presidente, que é o Governo Aberto, transparência, um grande esforço no sentido de lutar, sistematicamente, contra a corrupção. Daí você precisa de monitorar todos os atos, deixá-los todos abertos, deixar a sociedade vê-los e, ao mesmo tempo, tomar providências, doa a quem doer.

Agora, participa, viu? Participa! Estou te pedindo, participa.

(Pergunta em inglês)

Presidenta: Olha... Primeiro, eu quero dizer uma coisa para vocês. Eu tenho grande respeito pelo Chávez e não me arrogo o direito de fazer recomendação para país nenhum, acho isso muito perigoso, como eu não gostaria que fizessem comentários sobre o meu país. Agora, espero que ele melhore da saúde. Eu já lutei contra um câncer e espero que ele supere o dele.

Pergunta: Presidente Dilma, o meu nome é Dário Galvão. A minha pergunta é: o governo brasileiro, ele está patrocinando para os jovens virem estudar aqui, e qual é a possibilidade para os jovens que já moram aqui, que são imigrantes legais, que não podem estudar, a possibilidade de o governo brasileiro liberar algumas vagas para jovens imigrantes que moram neste país aqui, que não podem ir para a faculdade?

Presidenta: Olha, eu quero ser muito sincera com você. Nós temos, nós temos 190 milhões de pessoas no Brasil que eu tenho de dar conta delas. Nós não podemos dar conta de tudo imediatamente.

Eu te asseguro que eu gostaria muito que os que imigraram tivessem oportunidades. Agora, a prioridade que eu tenho de encarar é a prioridade dos que estão no Brasil, eu tenho de dar conta deles. As pessoas que moram aqui têm acesso a outras oportunidades que as pessoas que moram no Brasil não têm. Então, eu tenho primeiro de atendê-las.

E eu quero te dizer que, talvez ao longo do meu governo, eu não tenha como atender os imigrantes. Eu tenho como protegê-los, tenho como colocar todo o consulado garantindo condições, melhorando as condições, fazendo conversas com os governos, no sentido de melhorar as condições. Mas eu não tenho como dar para todos os emigrados as mesmas condições que eu tenho de dar no Brasil, não tenho como fazer isso.

(Pergunta em inglês)

Presidenta: O Chávez hoje está feliz.

(Pergunta em inglês)

Presidenta: Olha, eu sempre defendo os direitos humanos. Agora, não vou te responder uma pergunta que eu não sei todas as circunstâncias. Eu não posso ficar te respondendo se eu não sei de quem se trata, não sei quem é, não sei como é que é.

Eu te digo o seguinte: acho que do ponto de vista do Brasil, sempre que nós podemos e temos oportunidade, nós manifestamos o interesse do país em respeito aos direitos humanos. Agora, eu sei também uma coisa: o Brasil tem grande desrespeito aos direitos humanos. Eu sei o que acontece, não tenho como impedir, em todas as delegacias do Brasil, de haver tortura.

Sei o que acontece em Guantánamo, sei o que acontece em prisões, por exemplo, essa que você está falando. Não conheço bem, mas, se está preso, é uma pessoa que está em condições mais desprotegidas.

Eu considero que direitos humanos não podem ser objeto de luta política e não farei luta política com direitos humanos. Por que? Porque eu não considero que existe só um país ou um grupo de países que violam os direitos humanos, e por isso, como eu sei que vários países violam os direitos humanos, eu gostaria de discutir sempre essa questão multilateralmente, porque eu sei que se usa os direitos humanos para se fazer política pelo mundo afora.

(Pergunta em inglês)

Presidenta: A Copa do Mundo é o Brasil. Agora, a Argentina é um dos maiores parceiros do Brasil. O Brasil tem uma relação toda especial com a Argentina. Dos países da América Latina é o nosso vizinho e o país com desenvolvimento mais próximo do nosso. Nós estamos defendendo, não só com a Argentina, mas com o Uruguai, com o Chile, com todos os países do continente, uma aproximação que leve à maior cooperação, à integração de cadeias produtivas e à melhoria, cada vez maior, dos investimentos respectivos entre os países, principalmente na área de infraestrutura.

É importante dizer que aquela região do mundo, ela, quase toda, passou por um processo de crescimento com distribuição de renda. Houve uma melhoria significativa do que era o início da década para hoje. E eu considero que o Brasil tem um papel importante na América Latina. Nós não queremos ter uma relação em que nós subordinaríamos países. Nós queremos ter uma relação de parceiros e iguais, dentro da América Latina. Eu acho que isso é importante e está se manifestando em várias instituições: na Unasul, que congrega todos os países da América do Sul; na Celac, que congrega todos países da América do Sul e do Caribe e no próprio Mercosul. Nós temos de ter, inclusive, uma capacidade de melhorarmos nossas consultas, porque, geralmente, quando tem efeitos de instabilidade internacional sobre nossas economias, quando nós reagimos juntos sempre é melhor. Tomamos decisões em conjunto sobre políticas comuns, por exemplo, do que fazer em relação a oscilações financeiras, a problemas cambiais.

E, sobretudo, hoje, temos uma visão de mercado regional e não de mercado de cada país, tanto é que nós sempre discutimos conteúdo regional da produção. E acredito que a América Latina, ela ainda vai dar muito orgulho para o mundo, porque há, depois de décadas e décadas de problemas muito sérios. No caso da Argentina e no caso do Brasil, vivemos crises e empobrecimento de nossas populações em momentos assustadores, vimos parte das nossas economias serem... deteriorarem. E agora acho que nós estamos numa situação muito melhor, mantemos taxas de crescimento elevadas. A crise está nos afetando, a todos nós, em maior ou menor medida. Não temos ainda decréscimo muito expressivo no crescimento, mas a crise está nos afetando.

Nesse final de semana, nos dias 14 e 15, nós vamos nos reunir, a Cúpula das Américas, que inclui, além de todos os países da América do Sul e do Caribe, os países do Hemisfério Norte – Estados Unidos, Canadá e México. E eu acredito que essa Cúpula, ela terá um papel fundamental em dar respostas concretas para esse momento que todos nós vivemos.

Agora, lembrem bem: é o Brasil que vai ganhar.

Ouçã a íntegra da [palestra \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-palestra-proferida-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-harvard-kennedy-school-of-government-boston-eua-38min48s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-palestra-proferida-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-harvard-kennedy-school-of-government-boston-eua-38min48s) (56min53s) da Presidenta Dilma

Salvar

11-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante almoço oferecido pelo governador de Massachusetts, Deval Patrick

Boston-EUA, 11 de abril de 2012

Senhor governador do Estado de Massachusetts, Deval Patrick,

Senhoras e senhores membros da minha comitiva,

Membros do governo de Massachusetts,

Queria dirigir um cumprimento especial, aqui, à Susan, que me recebeu hoje no MIT, um momento muito importante na minha viagem, que eu vou lembrar com muito carinho.

Eu queria dizer a vocês que eu tenho muita satisfação em estar aqui, em Massachusetts. E acredito que aqui tem uma comunidade de empresários que estiveram no Brasil, e de acadêmicos, que têm uma rica história. Este estado tem sido fonte de inspiração na promoção do desenvolvimento científico e tecnológico e da educação. A história deste estado, também na promoção da democracia e dos direitos humanos, temas que são particularmente caros ao meu governo e ao Brasil e que são igualmente do interesse especial do senhor Governador.

Lembro especialmente ter sido a Constituição de Massachusetts, em 1780, a primeira a declarar os Direitos Universais, servindo assim de exemplo para outras que se lhe seguiriam. Recentemente reli “A Educação” de Henry Adams, escrita pelo neto do principal redator desta famosa Constituição, o presidente John Adams. Este neto de presidentes permitiu que eu apreciasse a fascinante descrição política do mundo cultural de Boston e Cambridge no século XIX e percebesse a importância da relação do direito de voto, um homem e um voto e o direito de educação como sendo inapelavelmente ligados.

Mas, Massachusetts merece elogios não apenas por ser terra de grandes estadistas ou por haver exercido importante papel histórico. Estamos em um estado que apresenta crescimento econômico dos mais acelerados do país, taxa de desemprego inferior à média nacional, sobretudo um verdadeiro pólo de educação e inovação, como podemos perceber pela concentração de centros universitários ao redor desta cidade. Massachusetts pode ser também considerado um dos mais brasileiros dos estados norte-americanos, já que a maior comunidade estrangeira aqui residente é a de nossos concidadãos, além de ser um dos estados mais lusófonos porque aqui se fala o português do Brasil, o português de Portugal e o português da África.

Quero agradecer-lhe, senhor Governador, pela sensibilidade que o senhor tem mostrado para com os desafios cotidianos que os imigrantes aqui enfrentam. Foi nesse espírito de apoio à comunidade brasileira que se organizou, com a participação de diversos parceiros do governo e da sociedade civil, a primeira Semana do Trabalhador Brasileiro, que ofereceu assistência e

informações trabalhistas locais.

A promoção do desenvolvimento científico e tecnológico constitui uma prioridade do meu governo. Hospedando um número significativo de instituições universitárias, grande parte das quais de renome internacional, este estado tem muito a oferecer ao nosso programa Ciência sem Fronteiras e a outras vertentes da cooperação Brasil-Estados Unidos em ciência, tecnologia e inovação. Saúdo todos os acordos de cooperação que serão firmados aqui, entre o Brasil e as instituições de Massachusetts.

Ontem, em Washington, o presidente Obama e eu conversamos sobre temas da rica e diversificada agenda de cooperação bilateral. Hoje, ao encontrar-me com o senhor e com a comunidade acadêmica do MIT e de Harvard, e especialmente com os brasileiros que frequentam essas instituições, vejo delinear-se mais clara e mais fortemente essa parceria que nós estamos fazendo para o século XXI. Esse é o caminho que vislumbro para a cooperação entre nossos países e entre o Brasil e Massachusetts.

Gostaria, assim, de convidar a todos a erguerem um brinde em homenagem ao governador Deval Patrick, e pela grandeza e prosperidade deste notável estado de Massachusetts, berço da democracia americana e também berço desta capacidade dos Estados Unidos de liderar o conhecimento científico, tecnológico e a inovação.

Muito obrigada.

Saúde!

▮
Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-almoco-oferecido-pelo-governador-de-massachusetts-deval-patrick-boston-eua-08min36s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-almoco-oferecido-pelo-governador-de-massachusetts-deval-patrick-boston-eua-08min36s>) (08min36s) da Presidenta Dilma

12-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de anúncio do resultado da seleção de propostas do Minha Casa, Minha Vida 2 para municípios de até 50 mil habitantes

Presidenta Dilma anuncia nova meta do programa Minha Casa, Minha Vida que vai construir 2,4 milhões de moradias

Brasília-DF, 12 de abril de 2012

Eu queria cumprimentar o nosso vice-presidente, Michel Temer.

Cumprimentar aqui os ministros de Estado presentes: Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão; Ideli Salvatti, da Secretaria de Relações Institucionais.

Cumprimento o nosso governador Ricardo Coutinho, da Paraíba, meu companheiro de viagem aos BRICS e à Índia,

O governador da Bahia, Jaques Wagner,

O governador de Goiás, Marconi Perillo,

O governador de Rondônia, Confúcio Aires de Moura.

Cumprimento aqui os senadores presentes: Ana Rita, Benedito de Lira, Ciro Nogueira, João Ribeiro, Sérgio Souza, Waldemir Moka.

E cumprimento o nosso líder do governo na Câmara, Arlindo Chinaglia.

Cumprimento todos os deputados e as deputadas federais,

O presidente da Caixa, Jorge Hereda,

A secretária Nacional de Habitação, a Inês Magalhães,

Cumprimento o nosso prefeito de Lages aqui, que fez uma apresentação que deixou nós todos com medo de falar, porque ele combinou a emoção com a razão, e fez uma apresentação que diz respeito a cada um de nós e a todos os prefeitos, governadores integrantes do governo federal aqui presentes sentirem, de fato, o que é ter acesso à casa própria no nosso país.

E, ao cumprimentar o Luiz Benes, eu cumprimento todos os prefeitos, mas queria destacar aqui os prefeitos signatários: a prefeita Divina Lúcia de Almeida Dias, de Mossâmedes, em Goiás; Rubens Germano Costa, de Picuí, Paraíba; Manoel Silvino Gomes, de Tocantínia, no Tocantis; Cláudio Maffei, de Porto Feliz, em São Paulo; Fernando Gugik, de Coronel Vivida,

no Paraná.

Queria cumprimentar também a Bartíria Perpétua, que é presidente da Confederação Nacional das Associações de Moradores. A Bartíria representa aqui os milhões de brasileiros e brasileiras, adultos e crianças que ainda lutam pela casa própria.

Queria também cumprimentar uma outra pessoa que representa a União Nacional da Moradia Popular, a Simone Inocêncio Teixeira, que também representa esses milhões de brasileiros.

Cumprimentar os senhores jornalistas e as senhoras jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Eu vou começar contando para vocês algo que eu estava lembrando enquanto o nosso prefeito, Luiz Benes, de Lajes, usava da palavra.

Como toda família brasileira, por parte de mãe, meu avô saiu ali de Caetité, lá na Bahia, do Jaques Wagner, e veio para Paracatu, em Minas Gerais. Eu não conheci meu avô materno, avô por parte de mãe. Mas uma tia minha me mostrou uma carta em que ele dava, dava ali na carta, notícias de membros da família. E eu sempre vou me lembrar de uma parte dessa carta que dizia o seguinte – sobre um casal que ele dizia: fulana e beltrana estão muito pobres, não têm casa, não têm onde morar. E completava com uma expressão muito daquela região do país, Bahia e Minas Gerais: não tem onde cair morto.

Eu acredito que a questão da casa própria é uma questão muito importante na vida das pessoas. Ela reúne a relação que nós temos com os nossos filhos, com a nossa família e com os nossos amigos. Então ela é um espaço onde a gente constrói o lar e a proteção, e ao mesmo tempo ela mostra a nossa capacidade de viver e de morrer. Mostra aonde as famílias acolhem as crianças, os adultos e os idosos.

Por isso, essa cerimônia tem para mim um grande significado. Porque construir moradias e fazer esse programa Minha Casa, Minha Vida é perceber que nós, quando queremos melhorar a vida das pessoas, temos de dar oportunidades. Talvez a maior oportunidade que se dê para uma família é onde abrigá-la, onde protegê-la de todas as adversidades e também onde comemorar todas as conquistas e viver toda felicidade.

Por isso, quando lá atrás no governo do presidente Lula nós começamos a trabalhar desenhando esse programa, eu me lembro de conversar com o setor da construção civil. E naquela época 1 milhão de moradias foi considerada uma meta muito, mas muito difícil de ser atingida. Nós mostramos, todos nós, governadores, prefeitos, empresários, associação de moradores, nós mostramos que nós somos capazes de enfrentar essa meta, aprender e, imediatamente, pôr uma outra meta mais robusta: a meta de 2 milhões de casas.

Hoje, nós estamos aqui para comemorar mais um esforço conjunto. Um esforço conjunto por quê? Nós precisamos da Caixa Econômica, do Banco do Brasil, dos demais agentes financeiros, das prefeituras, dos governadores do prefeito. E precisamos do Parlamento. Muito bem lembrado pelo prefeito que no Parlamento emendaram a lei através de uma iniciativa, se eu não me engano, do deputado federal Henrique Eduardo, e nessa emenda colocaram e destinaram uma quantidade de moradias para os municípios até 50 mil.

Nós fomos, cada vez mais, melhorando esse programa. Porque tinha um problema no Brasil. Ninguém achava, durante um período grande, que se devia dar subsídio para fazer a casa própria para aquela parcela da população que ganhasse, por exemplo, até R\$ 1.600,00. Falar em subsídio, no Brasil, era algo tabu. Não era aceitável. E era impossível resolver o problema sem subsídio, porque a renda das pessoas não suportava o custo da construção.

Por isso, esse programa é também um programa que reconhece a obrigação do Estado

brasileiro com as populações, que ao longo dos anos foram marginalizadas e excluídas da casa própria, e esse programa assume um subsídio direto para essas populações terem acesso à casa própria.

Ele também é um programa que tem uma característica: concentra mais moradias naquela parcela da população que tem menor renda. São 1,6 milhão de unidades para essas pessoas com menor renda. E isso porque nós, hoje, vivemos um momento especial neste país.

Se vocês olharem estudos de quem quer que seja – Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional –, qualquer estudo internacional a respeito de distribuição de renda, o que nós vamos ver? Nós vamos ver que os países desenvolvidos estão voltando para trás.

Há um aumento significativo da desigualdade de renda nos países mais avançados do planeta. A ponto de nós termos assistido, pela televisão, aquele movimento dos 99 contra o 1% que detêm 40% da riqueza nos Estados Unidos, o Ocupe Wall Street.

Bom, o Brasil está na contracorrente. O Brasil é um país que tem uma visão clara da importância da melhoria de vida da sua população, porque, de fato, país rico é país sem pobreza. Mas país sem pobreza é um país que precisa de várias oportunidades para a sua população - precisa da casa própria, precisa de acesso a serviços de saúde e de educação, precisa de renda, precisa de emprego, precisa de acesso ao crédito.

Nós somos um país contra corrente e é por isso que eu tenho certeza de que este país vai dar um salto cada vez mais e sucessivamente. Por que? Porque um país de classe média, um país que é capaz de perceber que a grande riqueza que ele tem é a riqueza da sua população – apesar de ser um país que tem pré-sal, que tem minério, que tem uma grande agricultura, indústria e serviços -, mas essa população, ela precisa de proteção. E precisa de proteção, e a gente tem de perceber que as coisas criam um círculo virtuoso.

Produzir moradias nos municípios abaixo de 50 mil habitantes significa levar para lá também dinamismo econômico. Significa que, nesses municípios, nós vamos dispendar R\$ 2,8 bilhões do governo federal na primeira etapa, porque tem a segunda etapa desse programa, que também nós iremos selecionar.

Isso significa levar oportunidades de emprego, gerar e fazer rodar o círculo virtuoso, que o comércio local vai comprar produtos, porque as pessoas vão demandar cimento, vão demandar equipamento nessa localidades. E, assim como a gente faz justiça social, a gente faz crescimento econômico. É com a mesma engrenagem que as coisas são produzidas.

Mas aqui eu queria saudar uma parceria: a parceria dos prefeitos e das prefeitas. É com essa parceria dos prefeitos e dessas prefeitas que nós contamos nesse processo. Os prefeitos e as prefeitas, que conhecem a importância da casa própria, que vivem isso no dia a dia, porque o Brasil real está ao alcance dos prefeitos e das prefeitas que convivem com os problemas. A importância, eu tenho certeza, para os prefeitos e para as prefeitas ao proporcionar às famílias pobres a oportunidade, para elas, de garantir para elas, o acesso à moradia digna.

São mais de 107 mil famílias nessa primeira etapa. E, além disso, eu queria fazer um apelo: os senhores farão o cadastramento. Os senhores vão identificar as famílias que precisam da casa própria, e que terão a ela acesso. Eu espero que esse trabalho seja feito com a maior rapidez e eficiência possível, para atender todos aqueles que querem realizar um sonho.

Nós vimos, nessa apresentação, as pessoas... e principalmente aqui, eu queria lembrar das mulheres. Das mulheres que, hoje, no Brasil, respondem e são chefes de família, e que, agora, através da lei que nós enviamos para o Congresso, a mulher terá prioridade quando tiver a guarda dos filhos para deter a titularidade daquela moradia.

O homem tem direito sempre quando ele tiver a guarda dos filhos. Porque a casa é um patrimônio, é da família. Um país tem que olhar para suas crianças, tem que olhar para seus jovens. E a casa é, sem sombra de dúvida, a maior segurança que nós, a primeira segurança, a mais importante que nós temos que dar para as crianças e jovens. Porque nós precisamos de dar a elas um lar, no qual elas possam viver em paz, com tranquilidade e felicidade, e sem violência.

Como eu já disse, nós temos clareza que o Minha Casa, Minha Vida significa também um impulso econômico. E nós temos procurado sistematicamente melhorar cada vez mais as condições do relacionamento do governo federal com o governo dos municípios.

Eu queria aqui destacar, que a partir de agora, nós vamos continuar somando os esforços com estados, municípios e o governo federal para executar as obras de saneamento nos pequenos municípios. Mas também para algo que eu considero estratégico para a produção, principalmente nos municípios pequenos ligados a áreas rurais, que são os investimentos que nós estamos fazendo em máquinas e equipamentos para estradas vicinais. Esse é um processo que tem muito a ver com os municípios abaixo de 50 mil.

Nós, aqui hoje, estamos reforçando nosso compromisso com uma relação que transforma o nosso país num grande país democrático. O Brasil veio evoluindo depois que nós reconquistamos a democracia. E nós temos dado passos significativos nessa direção. Somos um país que convive com a liberdade de imprensa, somos um país que convive com a multiplicidade de opiniões, somos um país que convive com a crítica. Mas um grande passo foi sermos capazes de ter uma relação republicana com prefeitos de qualquer origem partidária. Na medida em que a gente assume o governo, nós fomos governantes para todos os prefeitos, sem distinção de partido político, sem distinção de origem. E essa distribuição de hoje, ela leva em conta duas características.

A primeira característica é o déficit habitacional. Por esse critério, a concentração seria nos grandes municípios. Leva em conta também mais duas coisas: a desigualdade social, a existência de pobreza nos municípios e nas regiões. A combinação desses dois critérios permitiu que a gente pudesse enfrentar com muita determinação uma questão que tem no Brasil. No Brasil tem uma concentração de pobreza em algumas regiões. O Nordeste é uma dessas regiões. Além do Nordeste, vários estados da Federação, mesmo em regiões consideradas ricas, também têm grades bolsões de pobreza.

Esse é um programa que tem que dar prioridade a atender primeiro aqueles que mais necessitam. Essa é a ótica deste governo. Falta casa, e além disso, tem miséria, é ali que tem de estar o Minha Casa, Minha Vida. Porque o Minha Casa, Minha Vida é isso: ele será um instrumento cada vez maior que vai permitir que nós transformemos o Brasil.

E aí eu queria dar aqui para os prefeitos, para as prefeitas, para os governadores, os deputados federais e o Senado, que nos ajudou na modelagem e na aprovação da lei que instituiu o Minha Casa, Minha Vida e da sua atualização em 2011, que nós estamos concluindo o processo de avaliação de colocar, além dos 2 milhões de moradias, mais 400 mil. No próximo mês nós iremos anunciar que o Minha Casa, Minha Vida, ele passará a ser de 2,4 milhões. Falta ainda distribuir esse percentual pelas faixas de renda e pelos municípios.

Eu queria agradecer a todos aqui e lembrar para os prefeitos e para as prefeitas que agora nós temos que botar mãos a obra e tornar cada vez mais curto o tempo entre a gente anunciar o programa e a gente entregar aquela chave na mão das pessoas para que elas possam sonhar.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-anuncio-do-resultado-da-selecao-de-propostas-do-minha-casa-minha-vida-2-para-municipios-de-ate-50-mil-habitantes-brasilia-df-22min27s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-anuncio-do-resultado-da-selecao-de-propostas-do-minha-casa-minha-vida-2-para-municipios-de-ate-50-mil-habitantes-brasilia-df-22min27s)(22min27s) da Presidenta Dilma

13-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia alusiva à exposição sobre o Programa de Apoio à Competitividade da Indústria

Com apoio do BNDES, o programa vai investir em institutos e laboratórios de ciência, tecnologia e inovação

Brasília-DF, 13 de abril de 2012

Eu queria cumprimentar o presidente da CNI, o Robson Andrade.

E queria também cumprimentar aqui os ministros Aloizio Mercadante, Fernando Pimentel e o presidente Luciano Coutinho.

Cumprimentar também os senhores deputados e parlamentares aqui presentes.

Cumprimentar o Rafael Lucchesi, diretor de Educação e Tecnologia da CNI.

Queria cumprimentar aqui cada um dos presidentes das federações de indústria do nosso país.

Eu estava dizendo para o Robson que não só serão conhecidos como presidentes de federação de indústria, mas talvez seja a primeira leva de presidentes de federação que também serão uma espécie de reitores tecnológicos. Todos estão de parabéns.

Queria também cumprimentar todos os empresários aqui presentes e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu tive de fazer um esforço para estar aqui hoje, porque eu estou vindo de um conjunto de viagens que começou quando eu fui para a Índia, passou pela minha viagem aos Estados Unidos, e hoje eu estou indo para o encontro de todas as lideranças da América, tanto do Norte quanto do Sul, quanto do Caribe.

Essa Cúpula das Américas, ela congrega um conjunto de lideranças desse hemisfério, e vai discutir todos os problemas que estão na pauta, entre eles a crise econômica.

Mas eu tinha de vir aqui, porque eu acho que aqui, hoje, nós abrimos - não que começou hoje, esse é um esforço que começou antes para desaguar aqui -, mas nós abrimos uma nova agenda para o Brasil.

É muito importante a gente perceber – e eu não vou ler meu discurso -, é muito importante a gente perceber o que está em questão, hoje, no Brasil. Nós temos de desmontar alguns entraves ao nosso crescimento sustentável e continuado.

Esses entraves podem ser assim resumidos, muito simplificadamente – eu vou falar no positivo, na necessidade de nós colocarmos os nossos juros e *spreads* incluídos nos padrões

internacionais de custo de capital.

Nós temos de estar sempre atentos para que os mecanismos de combate à crise e de padrão de combate à crise, que os países desenvolvidos adotam, e que de alguma forma lembram muito aqueles adotados nos anos 30, a chamada desvalorização competitiva, não levem a uma valorização do nosso câmbio que torna a indústria brasileira, os projetistas brasileiros, as empresas de serviços brasileiras presas fáceis de um processo de desconstituição, e eu diria até de canibalização. E temos de criar condições para que o país possa, de fato, ter uma desoneração tributária que não comprometa a situação macroeconômica. Mas que nós sabemos, todos nós, empresários e governo, que é essencial, porque o Brasil tem hoje certas estruturas tributárias que se tornam muito pesadas para ser carregadas num processo de crescimento sustentável. Junto com isso vem uma questão que é crucial, que é essa questão que o Luciano Coutinho levantou, que é a questão da produtividade.

A questão da produtividade, ela não é só da produtividade, a questão da produtividade ela é, sobretudo, uma questão de como nós temos de estar e temos de ser e temos de perceber que isso é essencial, nós temos de ser contemporâneos do nosso momento histórico. Não tem como ser contemporâneo desse momento histórico do Século XXI, se nós não apostamos em ciência, tecnologia e inovação e, portanto, em educação. Não há como ser.

Portanto, esses quatro elementos que seriam as amarras que nós temos de progressivamente de fazer com que elas parem de conter o crescimento do país. Essas amarras, elas hoje têm um dos momentos que eu considero que nós começamos a construir o caminho dessa quarta questão. Não é juros, não é câmbio, não é impostos, mas é importante para as três restantes. É a capacidade deste país de criar inovação.

Eu estava escutando aqui uma exposição e eu lembro que nós começamos a discutir essa questão da capacidade de inovar sem ter... Como é que você inova? Era um problema muito simples: a Petrobras, a Petrobras, em 2003, contratava todos os seus projetos no exterior. Portanto, o projetista fazia aquele projeto e tinha na cabeça uma indústria que não era nossa. A indústria a qual ele estava ligado e, portanto, a partir da qual ele construía o projeto, era uma indústria que não estava no território nacional. Quando você faz um projeto e não está no território nacional, você está se referindo a outro parque industrial. Esse é um elemento fundamental da questão da inovação, porque foi o nosso diretor de Educação aqui da CNI que disse: "É impossível inovar, se você não olha a questão da engenharia". Eu concordo em gênero, número e grau.

Eu vivi isso na maior empresa deste país. É uma empresa de capital aberto, que é a Petrobras. E acredito que aí está uma das questões que nós temos de equacionar. Nós temos de equacionar a nossa capacidade de construir, de prestar serviços, e isso aí, fundamentalmente, eu estou me referindo à capacidade de projetar, de fazer engenharia do projeto. Engenharia do projeto e inovação, elas caminham de braços dados.

Por isso, eu vim aqui, porque eu vi, o Robson me visitou, me mostrou como é que seria essa complementação que nós estamos fazendo, que é a base do Pronatec, é a base também do Ciência sem Fronteiras.

O Ciência sem Fronteiras, Robson, precisa do que vocês estão fazendo, aqui na CNI, para poder dar resultado, para poder beneficiar as médias e as pequenas empresas, e as grandes também, do nosso país. Porque a grande sempre tem um jeito de ter acesso à tecnologia, à qualificação profissional, tem universidade corporativa, mas a média e a pequena - ou a não tão grande, a pequena e a média - elas precisam de uma situação em que o meio ambiente em que elas vivem sejam um meio ambiente de inovação, de tecnologia e um ambiente em que nós tenhamos trabalhadores qualificados.

Eu acredito que nós estamos nesse caminho, e acredito que essa parceria entre o governo federal, todos aqui presentes na pessoa do Robson, essa é uma parceria das mais virtuosas possível.

Eu agradeço imensamente ao presidente da CNI, porque, quando nós estávamos formatando o Pronatec, nós tínhamos na cabeça dois grandes problemas. Primeiro, a qualidade da educação deste país. A evasão do Ensino Médio no Brasil é algo absolutamente estarrecedor, que nós não podíamos deixar continuar. E a evasão tem a ver com o fato de que o ensino não está adequado à realidade. Quando o ensino não está adequado à realidade, não é porque ele não ensina o estudante a fazer um objeto, não é isso. Ele não corresponde ao estágio em que as mídias, as formas de ensinar e, sobretudo, os problemas, cativam e interessam aos alunos.

Portanto, quando pensamos o Pronatec tinha uma função, sim, de qualificação do ensino técnico, médio brasileiro. Porque acreditávamos que o ensino médio tinha de ser um ensino técnico profissionalizante. Não é possível a concepção de um ensino médio que não seja também um ensino profissionalizante, tecnológico e de qualidade.

Ao mesmo tempo, nós estávamos muito interessados numa questão que é a formação e qualificação do trabalhador brasileiro. Essas duas coisas: a capacitação profissional e de recursos humanos. O Pronatec é a junção disso. E, ele é a junção de um processo, obviamente, que vai da creche à pós-graduação, mas me referindo aos ensinos profissionalizantes e superior e pós-graduação, ele faz parte de duas coisas, de duas vertentes: uma ampliação e interiorização dos institutos tecnológicos e dos campos universitários; dois, ele faz parte, também, do fato de que nós temos de estreitar essa diferença entre nós e o resto do mundo no que se refere à formação científica e tecnológica.

Daí o Ciência sem Fronteiras. O Ciência sem Fronteiras, ele é feito, sobretudo, para a pequena e média empresa e para a não tão grande. E é também para o Senai, é também os institutos que vocês estão criando, é também para as empresas que vocês vão poder colocar à disposição uma qualidade de suporte, assistência tecnológica que eu acho absolutamente essencial no Brasil.

Eu estive, nessa viagem, não só na agenda com o presidente Obama, mas eu estive visitando o MIT e Harvard. E no MIT, a presidenta, aliás, nas duas instituições são presidentas, viu Robson, duas presidentas. As companheiras aqui presentes podem ficar muito orgulhosas. Tem duas mulheres presidindo dois grandes institutos, duas grandes instituições universitárias e de pesquisa do mundo.

Bom, nesses dois institutos, num deles, a presidenta me disse uma coisa sintetizando qual era a função do *Media Lab*. Ela dizia o seguinte: “sabe qual é a função do *Media Lab*? É transformar ideias em ação de forma acelerada”. Eu disse a ela: Interessante, porque nós, no Brasil, estamos tentando fazer isso de forma sistêmica, porque o que nós estamos tentando é justamente isso.

Nós temos de assegurar que este Século XXI, que é o século da educação e do conhecimento, ele é isso esse século. Apesar de o Brasil ter todas essas riquezas naturais, que vão ser muito importantes para nós, nosso grande investimento tem de ser nessa capacidade de transformar ideia em ação, e, no nosso caso, temos de fazer de forma muito acelerada. Nós temos de utilizar todos os mecanismos para poder encurtar a nossa diferença.

Eu fico muito feliz quando eu vejo o nosso pessoal - os nossos estudantes de 21, 23, 24 anos – lá fora. Encontro esses estudantes e vejo que há, mesmo na graduação, um momento muito importante. Ter acesso ao mundo de Harvard e ao mundo lá do MIT, para um jovem de 21, 22, 23 anos, é uma revolução.

Primeiro, porque os padrões de educação são muito mais exigentes que os nossos. O mesmo se diz dos nossos pesquisadores. Nós temos de ter a disciplina da educação. Nós temos de ter a disciplina da tecnologia, de fazer tecnologia e de fazer ciência.

Ninguém que não tenha convívio, e é essa também uma ideia essencial do MIT, as pessoas têm que ser colocadas juntas, têm que trabalhar juntas. Você não pode ir para casa e achar que você pode escrever um *paper* em casa. Você não pode fazer isso. O ambiente da inovação exige - e é essa a ideia do *Media Lab*, que as pessoas se agrupem, porque é dessa relação que saem os processos inovadores, inclusive, dos processos também no que se refere a soluções de problemas.

Eu queria, portanto, dizer para vocês que eu tenho certeza que desamarrar os nós do nosso país tem uma passagem por este dia, por esta hora, por estas pessoas que estão aqui, empresários, pela CNI e pelo fato de que o Senai é o que nós temos de mais qualificado para, junto com os institutos federais, tecnológicos e as universidades, transformar a pesquisa em um modelo de inovação brasileira.

Cada país faz o seu modelo. O nosso modelo tem uma parte que está aqui neste recinto, nas ideias que vocês expressaram, no que vocês lançaram. Uma parte do modelo está aqui.

Eu vim aqui para dizer o seguinte: o governo federal não é que ele reconhece só. O governo federal quer ajudar, quer ser parceiro, fará todo o possível para dar sustentação a esses laboratórios e a esses institutos de inovação. Porque nós precisamos deles para fazer o Brasil avançar.

Nós sabemos que o nosso país tem vários méritos hoje. Nós somos um país que, ao contrário da maioria dos países, vivemos em uma situação que se caracteriza pela redução das desigualdades. Nós temos de transformar essa redução das desigualdades em redução das diferenças de oportunidade, de acesso à educação. É isso que nós temos de fazer.

No Pronatec, nós damos um grande passo. As fazer esses institutos hoje o sistema brasileiro dá outro passo, grande passo. Eu tenho certeza de que daqui sairão processos de inovação que nós lembraremos no futuro. E acredito que a Embrapi é um elemento fundamental para que a gente, de forma parceira, no sentido mais profundo da palavra, integrando o Estado e a iniciativa privada, consigamos montar um modelo de inovação eminentemente brasileiro.

Recentemente, eu disse que nós teríamos de, sempre que a gente muda a gente tem de dar uma enfatizada maior para poder facilitar a mudança. Eu disse que nós precisamos dar uma ênfase em patentes, e não em *papers*.

Sei, perfeitamente, que em Matemática, em Ciência da Computação tem papel. Você pode fazer papel, não tem problema. Mas o que eu estou querendo dizer é o seguinte: nós temos de medir a nossa capacidade de formação e, sobretudo, a nossa meritocracia, no que se refere ao processo de inovação e tecnologia, em patente. Como todos os países do mundo fazem, nós temos de, socialmente, valorizar o cientista, o tecnólogo e o inovador.

Estava presente na mesa comigo, na reunião do *MIT*, um chinezinho novinho, que era um dos maiores inovadores na área de TI. E ele não tinha graduação. Eu estou levantando isso, porque nessas áreas tem algumas coisas que são atípicas, mas ele tinha patente. E não estaria na mesa de não fosse extremamente qualificado.

O que eu quero dizer é o seguinte... Não estou defendendo porque, daqui a pouco, vocês estarão escrevendo: "A Presidenta falou que não é necessária formação universitária". Não falei isso, tá? Não falei. Estou falando que na área de inovação tem coisas atípicas, mas o que eu estava querendo dizer na minha fala era que patente é importante, que patente é imprescindível. Nós teremos de ter pessoas capazes de gerar patentes no Brasil. E o governo

federal assume, aqui, hoje, o compromisso de modificar e modernizar o Instituto Nacional de Propriedade Industrial.

Eu quero dizer para vocês, também, que eu tenho, e aí eu estou finalizando, eu tenho uma convicção, uma convicção profunda de que não há hipótese do Brasil dar certo, não há hipótese de nós continuarmos nos desenvolvendo, distribuindo renda, gerando emprego, afirmando a nossa soberania, tendo importância internacional se nós não tivermos uma indústria forte. Eu tenho absoluta consciência disso. Não sou daquelas pessoas que acreditam que o mundo mudou e hoje é só serviços. Não acredito nisso, não acho que os países que entraram nisso, alguns países entraram nisso. Acho que vão tender a reverter em parte.

E eu quero dizer que o meu compromisso com a proteção de princípios que são aqueles princípios básicos deste país. Nós temos de acabar com a pobreza, nós temos de crescer de forma acelerada e é isso que significa aumentar também a produtividade. Nós temos de ter capacidade de crescer sem gerar inflação. Não é? Porque a produtividade está lá debaixo da inflação também. Não tenhamos dúvida disso. Aumento de produtividade diminui pressão inflacionária.

Esses princípios que nós devemos ter clareza e sempre estar olhando cada dia, tem um deles que eu boto na mesma altura de país rico e país sem pobreza, país sem miséria. Que é esse: país rico é país que é capaz de manter sua indústria crescendo, sua indústria competitiva e, sobretudo, é capaz de inovar e educar esse nosso povo. Porque eu tenho certeza de uma coisa. Eu tenho certeza que nossa flexibilidade característica, que a nossa capacidade de criação transformarão o nosso país num dos grandes celeiros da inovação do mundo.

Muito obrigada.

▣
Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-alusiva-a-exposicao-sobre-o-programa-de-apoio-a-competitividade-da-industria-brasilia-df-24min15s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-alusiva-a-exposicao-sobre-o-programa-de-apoio-a-competitividade-da-industria-brasilia-df-24min15s>) (24min15s) da Presidenta Dilma.

14-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, no Forum CEO das Américas

No Fórum CEO das Américas, Dilma disse que os países da América Latina precisam adotar medidas para proteger suas economias das políticas monetárias expansionistas adotadas pelos países em desenvolvimento

Cartagena das Índias-Colômbia, 14 de abril de 2012

Eu primeiro gostaria de saudar o presidente Juan Manuel Santos, agradecer a recepção fraterna e amiga, e queria também saudar o presidente Barack Obama com quem eu tive a honra de ter uma visita há pouco, no início da semana, nos Estados Unidos.

Eu queria dizer que a América Latina e o Caribe são regiões do mundo que tiveram uma trajetória de muita dificuldade nas últimas décadas. Nós passamos por momentos de recessão, desemprego, crise, instabilidade macroeconômica. Eu acredito que, nesse processo, através, inclusive, das escolhas democráticas dos povos da nossa região, nós conseguimos, cada país da sua forma, ter um processo diferenciado de crescimento econômico na última década ou nas últimas décadas.

Esse processo se caracterizou por um aumento significativo da renda, do emprego, e também por uma ação, que eu acredito que foi muito importante. Uma ação no sentido da redistribuição de renda, o que explica que nós tenhamos construído um mercado interno de proporções muito significativas na grande maioria dos países dessa região. Diante desses fatos, que são extremamente importantes, porque implica numa mudança estrutural nos nossos países, eu queria destacar o fato de que a crise econômica coloca desafios para nós. Desafios esses, porque, necessariamente, uma crise econômica de proporções significativas como é essa que começa no mundo a partir de 2008, mas que ganha, agora nessa fase que nós estamos vivendo, uma característica muito grande de estagnação, de aumento elevado do desemprego, de aumento nos últimos tempos também de uma desigualdade de renda nos países desenvolvidos muito acelerada, com precarização do emprego. Todas essas características que não atingiram na proporção que no passado costumavam atingir as nossas economias, porque no passado, quando havia uma crise dessas proporções, as nossas economias, elas entravam em recessão, elas tinham crises, inclusive, financeiras de proporções muito elevadas. Mesmo considerando que elas não nos atingiram como ocorria no passado, nós não somos países que somos completamente imunes a esses fatos.

E eu tenho destacado uma característica desse processo que para nós é muito preocupante que é o fato de que a forma pela qual esses países mais desenvolvidos, especialmente no último um ano e meio, a zona do euro tem reagido à crise através, sobretudo, da expansão monetária provocando um verdadeiro *tsunami* monetário. Se você considerar desde 2008 até agora, nós tivemos um aumento de 9 trilhões de massa monetária. Isso está atingindo, além da diminuição da demanda dos países desenvolvidos, que são muito importantes para nós, está nos atingindo na medida que valoriza as nossas moedas, tornam nossas moedas um obstáculo para o comércio de bens e serviços e transformam nossas economias numa presa

fácil de processo de desindustrialização.

Eu reconheço os méritos das ações expansionistas monetárias no sentido de evitar a crise gravíssima e aguda de liquidez que podia ter efeitos absolutamente devastadores no mundo. Mas o que eu estou dizendo é que a política monetária expansionista, sozinha, ela tem um fator, ela contém um fator de protecionismo que se caracteriza pelo fato de que essas moedas, quando elas não têm para onde ir, elas vão para aqueles mercados que são vistos como mais estáveis ou onde se pode fazer uma arbitragem. É claro que nós temos de tomar medidas para nos defender. Veja bem, eu usei a palavra defender e não proteger. Defender é diferente de proteger. A defesa significa que nós vamos ter de perceber que nós não podemos deixar que nossos setores manufatureiros sejam canibalizados. E achamos que seria muito virtuoso por parte dos países superavitários que eles pudessem usar, além de políticas monetárias, políticas de expansão do investimento. Não estou falando políticas de gasto corrente. Estou falando de políticas de investimento que, de um lado diminuiriam o desemprego nessas regiões, mas, de outro, permitiriam que os recursos da expansão monetária fossem destinados à saída da crise e uma maior prosperidade do mercado internacional.

Bom, nesse cenário, nós temos de reconhecer, aqui na nossa região, no nosso hemisfério, algumas coisas. Primeiro, a importância da economia americana, da economia dos Estados Unidos. A economia dos Estados Unidos, ela tem uma característica, a economia e o país têm uma característica muito importante nesse mundo multipolar que está surgindo, que eu gostaria assim, em linhas muito singelas, de elencar. Primeiro, a imensa flexibilidade da economia norte-americana, segundo, a imensa liderança na área de ciência, tecnologia e inovação que a economia americana tem e, terceiro, essa característica importantíssima que são as raízes democráticas que fundaram a nação americana, que tornam, portanto, nessa situação, ainda mais nessa situação de crise, que a economia americana e os Estados Unidos podem desempenhar um papel muito importante nesse novo mundo multipolar que agora surge, principalmente na América Latina, onde eu acho que tem um espaço imenso para que a nossa relação seja uma relação de parceria, mas de parceria entre iguais. Eu acho que esse fator de parceria entre iguais é um fator extremamente relevante e que encontra os dois pontos amadurecidos: o país mais desenvolvido da região, que é os Estados Unidos, e os países latino-americanos. Até porque, nós países latino-americanos do Caribe, nós, países da América Latina e do Caribe, nós tivemos um processo, como eu disse, muito virtuoso de ampliação do mercado interno. E ao mesmo tempo uma coisa tem de ser destacada e nós temos de trabalhá-la, que é a importância da integração dos nossos países, das nossas economias. Seja... Se nós conseguirmos diversificar as cadeias produtivas, fazendo com que essas cadeias produtivas se articulem intra-regionalmente, seja pelo fato de que nós temos grandes parcerias a fazer na área de infraestrutura, seja ela logística, seja ela energética, e seja pelo fato de que nós temos setores industriais significativos que podem ser articulados num processo de integração em que todos nós ganhamos, uma integração entre iguais. Eu acho que nós estamos num processo, nesse sentido.

Eu queria destacar, por exemplo, o extraordinário crescimento das relações comerciais entre a Colômbia e o Brasil, o extraordinário crescimento das relações de investimento entre os nossos dois países como um exemplo disso. Mas queria destacar que isso ocorre, isso, de forma, eu diria, exemplar ocorre com vários países da região. Nós temos um potencial de integração muito grande. Por que eu destaco esse fato? Porque eu acho que a integração é uma forma de nós nos articularmos para fazer face às consequências nefastas que a crise provoca. Mesmo que nós não tenhamos sido profundamente atingidos, esse processo, tendo continuidade e se verificando que começa um processo de recessão com desemprego, com uma expansão monetária significativa que provoca inflação e bolha. Se não houver

investimento, é inexorável que provoque inflação e bolhas especulativas, para nós, países latino-americanos, países do Caribe nessa articulação e, considerando também a economia americana, é crucial que nós vejamos essa parte do mundo como um local propício para que nós estabeleçamos relações de parceria entre iguais do ponto de vista comercial, do ponto de vista do investimento, do ponto de vista da articulação governamental, procurando ações que não sejam ações protecionistas. Porque o protecionismo na nossa região não leva a crescimento econômico, nem à prosperidade, mas, ao mesmo tempo, nenhum de nós é ingênuo de não perceber que, diante de certos fatos, nós temos de nos defender.

Eu sou muito otimista em relação às relações dentro deste hemisfério e, sobretudo, as relações que nós, da América Latina e do Caribe, podemos ter na Celac, na Unasul, no Mercosul, no G-20, em todos os fóruns multilaterais no sentido de articular, também, processos de sustentação e de financiamento para os nossos setores produtivos, para os nossos investimentos, seja Focem, seja com os nossos bancos de desenvolvimento, seja com o BID, enfim, eu acredito que a transformação deste continente, além de apostar no mercado interno de uma maior distribuição de renda, passa necessariamente por uma maior integração.

¶
Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-iv-cupula-das-americas-cartagena-das-indias-colombia-10min04s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-iv-cupula-das-americas-cartagena-das-indias-colombia-10min04s>)(12min24s) da Presidenta Dilma

14-04-2012 - Segunda participação da Presidenta da República, Dilma Rousseff, no Forum CEO das Américas

Cartagena das Índias-Colômbia, 14 de abril de 2012

O modelo que eu acredito, que é o modelo adequado, é o modelo de parceria, mas de diálogo entre iguais. Eu acredito que, no passado, as relações assimétricas entre o Norte e o Sul foram responsáveis por processos muito negativos em nossos países. Mesmo que nós não possamos e não devamos voltar atrás e nos impregnar de padrões e raciocínios do passado, é importante que se diga que, durante um período muito grande, no caso dos últimos anos, durante 20 anos, a América Latina viveu em recessão, desemprego, ampliação da desigualdade e, o que é pior, a ausência da perspectiva de crescimento.

Esse processo recente que ocorreu na América Latina é um processo de afirmação da importância da sua população. Hoje quando você, ali, me disse que o Brasil tinha de ser cumprimentado por ser o sexto, pelo sexto Produto Interno Bruto do mundo, eu te disse que eu acreditava que esse é um bom cumprimento. Mas um governante e um país e seus empresários têm de responder uma pergunta: para quem? Para quem nós temos o sexto PIB do mundo? Tem que ser para a população brasileira. E aí eu concordo tanto com o que disse o presidente Obama como o que disse o presidente Santos a respeito de empregos e, sobretudo, a respeito de distribuição de renda. No Brasil, não basta só a gente criar empregos. Nós temos, além de criar empregos, crescer a ponto de ter condições de distribuir renda.

Por isso, eu acredito que o crescimento virtuoso é, aliás, o relacionamento virtuoso é o relacionamento que respeita a soberania dos países e mais, que olha o desenvolvimento recíproco como sendo um elemento crucial. E nós temos condições de ter esse desenvolvimento.

Eu queria enfatizar a educação. Queria enfatizar o fato de que a educação de qualidade se constitui no grande objetivo dos nossos governos latino-americanos. Porque isso significa a capacidade dos nossos países de serem, de fato, independentes, de serem capazes de agregar valor, de gerar ciência, de gerar tecnologia, de gerar inovação. Nós não podemos nos contentar, apesar de ser muito importante, de sermos produtores de matérias-primas, alimentos e energia em bruto. Nós temos de ter a ambição de sermos países que nesse Século XXI se relacionam com os demais países dentro de uma visão que esse Século XXI é o século do conhecimento. Esse Século XXI é o século em que o principal desafio é que nós sejamos capazes de criar sociedades em que as nossas populações tenham acesso, talvez, ao que é a, eu diria assim, o maior e o melhor produto do crescimento equilibrado de um país, que é garantir oportunidade para todos e, sobretudo, garantir educação.

Se nós não formos capazes de assegurar educação, capacitação da mão de obra, uma indústria capaz de agregar valor, de ser competitiva e, sobretudo, de ser produtiva, em termos de que tem uma produtividade elevada, nós não geraremos as condições de nos transformarmos em nações desenvolvidas. O Brasil quer se transformar em nação desenvolvida e, para isso, não basta o PIB crescer a 6%. Daí porque nós temos de ter

processos integradores, daí porque é importante a relação Norte-Sul, daí porque uma relação mais equilibrada entre os países desenvolvidos, emergentes e em desenvolvimento é uma ação que vai beneficiar a todos. Porque vocês imaginam esse continente com 700, mais de 700, quase 1 bilhão de pessoas, o que seria esse continente com pessoas capazes sendo de produzir, de consumir, mas, sobretudo, pessoas educadas, com condições de agregar valor.

Eu vejo nessa parceria entre nós uma parceria necessariamente entre iguais. Ninguém produz ciência, produz conhecimento, produz educação de qualidade entre pessoas ou entre países que um é superior ao outro. Nós todos temos experiência disso. Nós somos países coloniais, todos, incluindo o próprio Estados Unidos, que teve uma campanha de independência e teve de ir à guerra civil defendendo a sua soberania. Todos nós sabemos que não há diálogo entre pessoas e entre países desiguais. Só há diálogo efetivo, só há troca efetiva, e só há cooperação efetiva se nós nos colocarmos como sendo países que dependem uns dos outros para tornar esse mundo mais próspero.

E aí tem uma coisa importante, que a gente tem sempre de destacar. Esse é um país que viveu 140, aliás, esse continente viveu 140 anos em paz. Nós não temos, recentemente, estágios de conflito, de guerra, de diferença religiosa. E isso cria as condições institucionais para que nós prossigamos no rumo da prosperidade. E eu concordo, e acho aqui, louvo o presidente Obama pela iniciativa do governo aberto. Acho que é fundamental para os nossos países a prática da transparência, a prática do monitoramento, do controle, da verificação. Não só para o ambiente de negócios, mas, sobretudo, para que a gente garanta serviços públicos de qualidade para nossas populações. Para que a gente possa dar educação de qualidade, nós teremos de ter também um padrão de meritocracia nas nossas atividades como Estados e governos, um padrão de eficiência, um padrão de respeito ao cidadão. Eu acho uma excelente iniciativa essa que o presidente Obama teve no que se refere ao governo aberto e da qual o Brasil é co-presidente.

ouça a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-segunda-participacao-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-forum-ceo-das-americas-cartagena-das-indias-colombia-07min10s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-segunda-participacao-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-forum-ceo-das-americas-cartagena-das-indias-colombia-07min10s) (07min15s) da Presidenta Dilma

17-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de posse dos novos conselheiros do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea)

Palácio do Planalto, 17 de abril de 2012

Eu queria cumprimentar o vice-presidente da República, Michel Temer.

Queria dirigir um cumprimento especial à Maria Emília Lisboa Pacheco, presidenta do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.

Queria dirigir também um cumprimento especial ao senhor Renato Maluf.

Senhoras conselheiras e senhores conselheiros do Consea,

Senhores ministros aqui presentes. E eu cumprimento a ministra Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e, em nome dela, cumprimento todos os ministros aqui, que prestigiam esse ato.

Senador Eduardo Suplicy,

Deputado Nazareno Fonteles, presidente da Frente Parlamentar de Segurança Alimentar e Nutricional,

Senhores e senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

É com muita alegria e orgulho que nomeio a primeira mulher para a presidência do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, o nosso Consea. Cara Maria Emília Lisboa Pacheco, seja bem-vinda à presidência deste Conselho.

E eu queria abrir um parênteses e dizer que nesse ato também homenageio um grande companheiro, amigo e uma pessoa que me é muito cara, que me foi muito cara, que é o marido da Maria Emília Lisboa Pacheco, o Raimundo Teixeira Mendes. A vida é muito engraçada, a vida separa a gente e depois torna a fazer com que a gente se encontre. Por isso, seja duplamente bem-vinda à presidência deste Conselho.

Você está assumindo a presidência do Consea, que, desde sua reativação pelo presidente Lula, em 2003, tem sido protagonista do processo de transformação da segurança alimentar e nutricional em uma política de Estado. Sob a liderança do nosso querido presidente Lula, o combate à fome e à desnutrição ganhou centralidade, ganhou importância, ganhou prioridade na agenda brasileira. E com humildade, mas com a certeza de que contribuímos para isso também na agenda internacional. Porque essa prioridade transformou-se em ações

concretas, em uma política pública, tanto por parte do governo brasileiro como também dado esse exemplo por parte de vários organismos para os quais eu tenho certeza que o Brasil, ao longo desses anos, contribuiu, tanto diretamente através da cooperação, como muitas vezes através do exemplo.

O Consea foi, em todos os momentos, parceiro e agente desse processo. Aliás, eu acredito que esse trabalho exemplar tem, agora, continuidade com a Maria Emília. Quero contar com este Conselho para aprimorar, ainda mais, as diretrizes de segurança alimentar para as políticas públicas e para programas sociais que colocamos em prática no Brasil.

Juntos vamos implementar o Plano Nacional de Segurança Alimentar, que saiu da Conferência e dar novos passos na transformação do Brasil em um país sem fome e sem miséria. Nunca me esqueço que, em uma Conferência, quando foi – numa das muitas conferências que fizemos –, quando foi perguntado para um ribeirinho da Amazônia, “afinal de contas, para que servia uma conferência?”, e ele disse: “Uma conferência serve para a gente conferir se tudo está nos conformes”. E essa singela, mas profunda definição, é o que nós queremos das conferências, que produzem planos nacionais, mas também produzem essa “conferição”, usando entre aspas uma expressão um tanto quanto ousada, para que tudo esteja nos conformes.

Nós temos muito o que fazer e eu desejo muito sucesso à frente da sua tarefa, Maria Emília. O meu governo espera muito de sua gestão à frente do Consea e, por toda a sua história, eu tenho certeza que os seus desafios serão plenamente atingidos e bem-sucedidos.

Sabemos que as instituições dependem muito das pessoas que as lideram. Por isso, cabe reconhecer aqui o inquestionável papel do Consea e, dentro desse inquestionável papel, muito deveu-se à dedicação do companheiro Renato Maluf, que encerra hoje a sua gestão, e também do companheiro Francisco Menezes, que o antecedeu. O Renato cumpriu brilhantemente seu mandato, sabendo combinar o exercício do controle social com a proposição criativa de novas ações e políticas públicas. Hoje encerra-se sua gestão, Renato, mas espero continuar contando com sua dedicação, assim como com a do Francisco, pois temos muito a fazer. Muito obrigada, Renato, em nome do governo, por sua atuação à frente do Consea. Tenho certeza que posso falar em meu nome e em nome do ex-presidente Lula.

Quero também reconhecer e agradecer a atuação voluntária e incansável de todos os integrantes deste Conselho. A representatividade dos conselheiros e conselheiras, sua capacitação técnica, dedicação e visão política têm garantido ao Consea uma atuação voltada para o interesse coletivo de construção de um país verdadeiramente democrático e garantidor dos direitos de sua população.

Queridos conselheiros, queridas conselheiras, senhoras e senhores,

A história recente do Consea coincide com o momento de extraordinária transformação do Brasil. Construimos e estamos construindo uma consistente rede de políticas sociais e fizemos chegar à população mais pobre direitos e serviços que vinham sendo negados há séculos.

Em apenas nove anos implantamos o Bolsa Família e garantimos que seus benefícios sejam entregues, sem intermediários, a mais de 13 milhões de famílias todos os meses. A renda tem crescido em todos os segmentos da sociedade, mais intensamente entre os mais pobres. Em menos de uma década, 40 milhões de brasileiros ascenderam à classe média, nos garantindo formar um mercado consumidor de massa que hoje é motor do nosso crescimento.

Muitas das políticas que estão na base desse sucesso foram propostas ou discutidas aqui

neste Conselho. Para citar apenas algumas, falo do Bolsa Família, do PAA, o Programa de Aquisição de Alimentos, dos aprimoramentos no Programa Nacional de Alimentação Escolar, de sua integração do PNAE com o PAA e, claro, da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Falo também de ações para estimular hábitos alimentares adequados e saudáveis. Falo dessa determinação expressa pela Maria Emília, no que se refere ao estímulo de hábitos alimentares mais adequados e saudáveis, se preocupar com a saúde dos 49% dos brasileiros e brasileiras acima do peso, e dos 16% já obesos. Falo das crianças nas escolas e dos alimentos nas cantinas das escolas públicas. E toda essa nossa preocupação está contida no Programa Saúde na Escola. Juntos, o governo e o Consea ampliamos as fronteiras da igualdade. Criamos marcos institucionais para acelerar políticas em andamento e para implementar novas medidas. Podemos nos orgulhar de viver em um Brasil muito menos desigual, mas ainda sabemos que temos muitos desafios a superar. Por isso, propus como meta de meu governo a superação da extrema pobreza. Meta de reduzir, de erradicar a pobreza e a pobreza extrema. No que se refere à pobreza extrema, a meta de 16 milhões e o lema do meu governo, País rico é país sem pobreza, torna como prioridade central do governo esse compromisso, com a elevação dos níveis de vida de consumo e de alimentação do povo brasileiro. Estou certa de que o Consea muito nos ajudará no alcance dessa audaciosa meta, porque muitas das ações que compõem o nosso Programa Brasil sem Miséria foram demandadas e abraçadas por este conselho. E estão em sintonia com as resoluções da última Conferência Nacional, realizada em novembro passado.

Com o Bolsa Verde, valorizamos o esforço de povos e comunidades tradicionais que convivem e preservam nossas florestas e nossas biodiversidades. Com a ampliação do Programa de Aquisição de Alimentos, reafirmamos nosso compromisso com o fortalecimento da agricultura familiar, fundamental para a produção de alimentos de qualidade e para a segurança alimentar de nossa população. Em parceria com a Embrapa, vamos distribuir sementes para aumentar a qualidade do alimento produzido por nossos agricultores familiares. Levaremos água a 750 mil famílias extremamente pobres do semiárido do Nordeste e de Minas Gerais, porque o acesso à água é direito de todos os cidadãos. O mesmo estamos concluindo, no que se refere à eletricidade, através do Programa Luz para Todos.

Espero deste Conselho atuação colaborativa, mas crítica, para que possamos conferir se tudo está nos conformes e, em breve, prestar contas à sociedade brasileira da superação da extrema pobreza em nosso país. A contribuição do Consea será decisiva para que possamos transpor a fronteira do possível e chegar cada vez mais perto do necessário e, sobretudo, do sonhado e desejável. E o necessário e desejável é o que temos feito juntos para acabar com a fome e a miséria no nosso país. Mas sempre é necessário mais, e mais, e mais.

Conselheiras e conselheiros que tomam posse para o biênio 2012-2013,

Hoje, nós, brasileiras e brasileiros, olhamos para nós mesmos com outros olhos, olhos mais orgulhosos. O mundo também nos olha com muito mais respeito e admiração. Uma parte desse olhar, tenho certeza, deve-se aos senhores e às senhoras.

Um dos motivos dessa mudança é que aquilo que chamamos “participação democrática”, essa fórmula política que articula governo e sociedade civil e que tem no Consea um dos principais expoentes, é, de fato, uma realidade entre nós.

Este Conselho transformou-se, sem dúvida, numa referência. Missões e delegações estrangeiras que vêm ao Brasil conhecer nossas políticas sociais manifestam o desejo de conhecer essa experiência brasileira de democracia, e cada vez mais intensa participação social, com posições diferentes, com ideias diversas, com uma capacidade de formular posicionamentos e visões diferenciadas, mas, por isso mesmo, extremamente ricas.

Tenho certeza de que o trabalho do Consea prosseguirá auxiliando o Brasil a construir os instrumentos necessários à superação das manchas demográficas da geografia da fome de que nos falou o nosso brilhante e saudoso Josué de Castro, inspiração deste Consea, quem cito. Diz Josué de Castro: “Pela história dos homens e pelo roteiro do rio, fiquei sabendo que a fome não era um produto local, exclusivo dos mangues do Recife da minha infância, mas um drama universal, uma lama a sujar a paisagem do Planeta, como borrões de miséria”.

É justamente essa consciência do Josué que permitiu que nós tivéssemos, com os programas de combate à miséria e combate à fome, liderados pelo presidente Lula, e com o Brasil sem Miséria, nos transformado em uma referência no que se refere a políticas sociais em todo o mundo.

Nós abraçamos a missão de extinguir da paisagem do Brasil a extrema pobreza. Esse deve ser um pensamento constante, um objetivo a ser alcançado e um horizonte para todos os eixos de política pública. Nosso país jamais será realmente rico se não pudermos todos participar e desfrutar das benesses do nosso desenvolvimento.

Muitas vezes dizem para nós que é muito importante que o Brasil tenha chegado a ser a sexta potência, baseado nos critérios e nos indicadores do Produto Interno Bruto. Para nós, para os que pensam como nós, o Brasil só chegará a ser a sexta potência do mundo se a sua população for também, em matéria de acesso à riqueza e aos bens, for também a sexta população mais rica do Planeta.

Por todos os desafios que ainda temos na Segurança Alimentar da nossa população e na erradicação da extrema pobreza, a parceria com o Consea é fundamental para todo o governo federal.

Conselheiras e conselheiros, podem ter certeza que todos os ministérios estarão ativos e presentes, participando do Consea. Recebam meus votos de pleno êxito à gestão que se inicia.

Queria voltar à Maria Emília e dizer à Maria Emília que nós temos a sorte de ter essa lucidez nos movimentos sociais que a indicou para presidir o Consea.

Mãos à obra, todos nós, porque temos muitos desafios a enfrentar e eu conto com vocês.

Obrigada a todos.

⁸ Ouça a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-posse-dos-novos-conselheiros-do-conselho-nacional-de-seguranca-alimentar-e-nutricional-consea-brasilia-df-18min08s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-posse-dos-novos-conselheiros-do-conselho-nacional-de-seguranca-alimentar-e-nutricional-consea-brasilia-df-18min08s) (18min08s) da Presidenta Dilma

17-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura da 1ª Conferência de Alto Nível Parceria para Governo Aberto (OGP)

Este evento marcará a adesão formal de 42 novos países à OGP, e proporcionará a oportunidade de debater e trocar experiências sobre as melhores práticas em abertura de informações para a sociedade

Brasília-DF, 17 de abril de 2012

Excelentíssimo senhor Jakaya Mrisho Kikwete, presidente da Tanzânia,

Excelentíssimo senhor Nika Gilauri, primeiro-ministro da Geórgia,

Senhor Omar Abdelkarim, vice primeiro-ministro da Líbia,

Senhora Hillary Clinton, secretária de Estado dos Estados Unidos da América, que co-preside esta parceria para o Governo Aberto,

Senhor Urmas Paet, ministro de Negócios Estrangeiros da República da Estônia,

Senhor Edgars Rinkevics, ministro de Negócios Estrangeiros da República da Letônia,

Senhor Francis Maude, ministro de Estado do Gabinete do Governo do Reino Unido,

Senhor Florencio Abad, secretário de Estado, de Orçamento e Gestão da República das Filipinas,

Excelentíssimos senhores embaixador Antonio Patriota, ministro das Relações Exteriores; Jorge Hage, ministro-chefe da Controladoria-Geral da União.

E senhora Maria Otero, subsecretária do Departamento de Estado.

Eu cumprimento todas as suas excelências e aqueles que ajudaram a organizar este processo de ampliação do governo aberto.

É com imensa satisfação que o Brasil recebe, hoje, nesta conferência sobre essa parceria do governo aberto, os senhores chefes de Estado e de governo e os demais altos representantes dos países que aderiram a essa ação.

Esta reunião, ela dá continuidade à iniciativa que o presidente Obama, aqui representado pela secretária de Estado, Hillary Clinton, e eu lançamos juntamente com outros chefes de Estado e de governo em Nova Iorque, no ano passado.

Saúdo os representantes dos países que compõem o comitê diretor da parceria.

Saúdo os novos membros da parceria, que apresentam nesta conferência seus planos nacionais de ação.

Este evento marcará a adesão formal de 42 novos países à OGP, e proporcionará a oportunidade de debater e trocar experiências sobre as melhores práticas em abertura de informações para a sociedade, em transparência nas ações do governo e sobre os novos caminhos para a governança pública no século XXI.

É com particular satisfação que recebo nesta cerimônia o presidente da Tanzânia, que passará a integrar o comitê diretor da parceria, e o primeiro-ministro da Geórgia.

Saúdo igualmente a presença dos participantes da sociedade civil, que dedicam seu tempo e energia a um movimento global pelo governo aberto.

A presença de representantes de movimentos sociais, entidades do setor privado, acadêmicos e jornalistas nesta reunião demonstra que esta é uma causa de toda a sociedade.

Para o Brasil, o governo aberto, fundamenta-se em três pilares indissociáveis: a transparência que permite a prestação de contas; a participação social que assegura a cidadania e o monitoramento sistemático dos resultados das políticas públicas que asseguram uma gestão de qualidade. Tudo isso utilizando-se de tecnologias que permitem informações adequadas, facilitam o acesso e a gestão e permitem um combate mais efetivo a corrupção.

O Brasil avançou muito no aperfeiçoamento dos mecanismos de controle dos gastos públicos. Temos, hoje, instituições cada vez mais preparadas para evitar desvios e punir sua ocorrência. Temos um Ministério Público independente e autônomo, uma Polícia Federal bem equipada e com serviço de inteligência ativo e moderno e um Judiciário engajado na celeridade de suas decisões, e governos mais dedicados em todas as instâncias, federal, municipal e estadual, a coibir a ação dos corruptos.

Demos, também, um passo histórico, no final de 2011, com a aprovação da Lei de Acesso às Informações Públicas, que entrará em vigor no dia 16 de maio próximo. Trata-se de uma das leis mais avançadas em matéria de acesso às informações públicas e de transparência ativa e passiva promovendo, inclusive, a adoção de padrões de dados abertos para divulgação de informações pelo setor público. A nova lei torna a informação pública aberta a todas as instâncias. Me refiro a todos os poderes. As informações deverão ser abertas pelo Executivo, pelo Legislativo e pelo Judiciário, além disso, por todos os níveis de governo do país.

Todos os brasileiros poderão consultar documentos e informações produzidos pela administração pública, que deverão ser oferecidos de forma clara em linguagem simples e direta com apoio de ferramentas de busca e pesquisa.

Antes da nova lei já tínhamos um grande compromisso com a transparência. Nosso Portal da Transparência está em vigor desde 2005. Começamos com apenas 280 mil acessos por ano. Hoje, 280 mil é o número de acessos por mês, totalizando em 2011, 3 milhões e 300 mil acessos no ano.

O Portal divulga todas as despesas do governo federal em base diária e nos mínimos detalhes. Quem acessá-lo nesta manhã verá que todos os gastos realizados até a noite de ontem estão lá expostos e configurados.

Criamos, também, portais específicos para divulgar os investimentos relativos, por exemplo, aos grandes eventos esportivos que o país sediará nos próximos anos: a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Essas e outras informações governamentais passarão progressivamente a ser organizadas e publicadas como dados abertos, de maneira a permitir não apenas que as pessoas os vejam, mas também sua reutilização em aplicativos digitais desenvolvidos pela sociedade.

Temos, também, um forte compromisso com a participação social. Praticamente a totalidade dos programas federais brasileiros possui, ao menos, um mecanismo de interação entre Estado e sociedade, como conselhos, mesas de diálogo, ouvidorias, audiências públicas e consultas.

Nos orgulha, em particular, haver realizado, nos últimos nove anos, mais de oitenta conferências temáticas, que envolveram mais de sete milhões de pessoas em todo o território nacional no debate sobre as políticas públicas no Brasil. Somente nos dois últimos meses de 2011, realizamos oito conferências nacionais, que contaram com a participação direta de 16 mil pessoas, entre delegados, convidados e observadores nacionais e internacionais.

O sistema brasileiro de participação social, que estamos construindo, integrará e ampliará esses canais de interação da sociedade com o Estado. Vamos aproveitar, ainda mais, os recursos das tecnologias digitais, a exemplo do que fizemos na consulta pública online sobre o projeto de lei do marco civil da internet, enviado ao Congresso Nacional, em 2011.

Mas queremos mais. Queremos, também, aprimorar a qualidade do gasto público. Reduzir custos, racionalizar processos e, acima de tudo, garantir que nossas políticas façam a diferença para melhor na vida da população.

A transparência deve ser qualificada pelo resultado que as ações públicas causam na vida das pessoas, sendo por isso um importante instrumento de gestão, de qualidade de gestão. Para isso, estamos instituindo monitoramento sistemático dos serviços e obras do governo, utilizando tecnologias de informação, acompanhando sua execução online, para garantir que aconteçam com qualidade.

Quero destacar aqui o sistema de gestão da Previdência Social, que acompanha as mais de 250 mil pessoas que solicitam atendimento diário nos nossos postos do Instituto Nacional de Seguridade Social. Hoje, sabemos em tempo real quantas aposentadorias são solicitadas e quantas são concedidas. Temos o objetivo de reduzi-las cada vez mais, em termos de tempo de espera. Mais do que isso, sabemos hoje como controlar este conhecimento, pois sabemos quanto tempo durou o atendimento de cada pessoa que procurou o serviço de aposentadoria ou o serviço médico de perícia e o que aconteceu com a sua solicitação, de serviço ou de benefício, quanto tempo essa pessoa esperou para ser atendida e quem a atendeu. Isso tem permitido acabar em definitivo com as filas, nos pedidos de aposentadoria, nos pedidos de auxílio maternidade e, ao mesmo tempo, permite, também, a responsabilização dos gestores pelo serviço prestado. Economiza recursos e tem como averiguar a satisfação do cidadão com o atendimento e o resultado.

Hoje, também, sabemos através do sistema de monitoramento do Ministério da Educação, por exemplo, o andamento das obras nas escolas, na construção de creches, na construção e na cobertura de quadras esportivas. O nosso recurso só é liberado para as prefeituras dos estados após a comprovação de cada etapa de execução que tenha acompanhamento online, com cobranças automáticas aos gestores, toda vez que se verifique atraso nas etapas em execução.

Nossos aeroportos, por exemplo, também são hoje acompanhados em tempo real por câmeras de vídeo, nos principais espaços de circulação e atendimento, o que permitiu, no último ano, que pudéssemos adotar várias medidas de gestão dos espaços e dos serviços, para melhorar a situação dos passageiros.

Estamos, agora, voltados para ampliar ainda mais esse monitoramento. Nossas prioridades são os hospitais públicos, os serviços compartilhados de saúde, o controle do desmatamento de nossas florestas, os programas de combate à miséria e à pobreza, por exemplo.

A qualidade do gasto público exige que o recurso chegue ao cidadão. Que chegue ao cidadão pelo montante que é devido. Que não se desvie pelo meio do caminho nem abasteça canais de corrupção. E isso tudo na forma de bons e adequados serviços.

Senhoras e senhores, o Brasil tem se esforçado na implementação dessas medidas, porque acredita no regime democrático, no regime participativo e porque entende que o esforço pelo desenvolvimento econômico e social exige, como complemento indispensável, uma gestão qualificada do poder público, uma atenção permanente à lisura e à correção no uso dos recursos públicos e a eficácia em sua aplicação.

Tenho certeza que a eficiência e a integridade, a eficiência e o bom uso dos recursos públicos, a eficiência e o combate à corrupção são duas faces da mesma moeda e têm que caminhar juntas.

Da parte do meu governo, nós buscaremos, sempre, a eficiência para garantir boa qualidade de serviços prestada a população. E não teremos tolerância com nenhum mal feito. O dinheiro público vem do diário esforço do povo, que paga tributos e constrói a riqueza do nosso país.

Senhoras e senhores, essa parceria pelo governo aberto tem sua natureza voluntária e, pela sua forma de organização, ela representa, também, um novo fórum de relações multilaterais, um novo fórum onde todos os países tem algo a aprender e algo a ensinar, um novo fórum de relações multilaterais onde podemos colaborar para o avanço conjunto da comunidade internacional no sentido de um governo aberto e mais democrático.

Não tenhamos dúvidas. Quanto maior a transparência e mais efetivos forem os canais de participação e de gestão, mais forte e justa se torna a democracia. Obrigatória para o Estado, a transparência e o compromisso com o bem público também devem ser exigidos dos agentes privados cujas condutas afetam diretamente a vida dos cidadãos.

Permitam-me mencionar o setor financeiro e destacar que, quando não há regulação e monitoramento adequados, os frutos financeiros internacionais, por exemplo, são passíveis de manipulação com prejuízo para toda a economia mundial e para as conquistas sociais dos países.

Queria destacar aqui o papel de liderança tido pelo presidente Obama quando propôs a parceria para o governo aberto. O Brasil desde logo aceitou a co-presidência. Acreditamos que todos os países que participam desse processo tem algo a ensinar e algo a aprender. Estou certa que damos com esse processo, com o *Open Government Partnership*, com a OGP, mais um passo no sentido de construir relações harmônicas entre os países.

Ao encerrar, não poderia deixar de mencionar que o Brasil sedia, em junho, a Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável. A conferência que diz que é possível crescer, incluir, proteger e conservar, a Rio+20. Será um importante espaço para debatermos um novo modelo de desenvolvimento baseado, como já disse, na combinação entre o crescimento econômico, uma distribuição mais justa da riqueza e o respeito ao meio ambiente.

Gostaria de reforçar o convite para que todos os países aqui representados participem da Rio+20. Bom trabalho a todos no OGP.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-da-1a-conferencia-de-alto-nivel-parceria-para-governo-aberto-ogp-brasilia-df-18min17s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-da-1a-conferencia-de-alto-nivel-parceria-para-governo-aberto-ogp-brasilia-df-18min17s>) (18min17s) da Presidenta Dilma.

19-04-2012 - Mensagem lida em nome da Presidenta da República, Dilma Rousseff, pelo Dia do Exército

Brasília-DF, 19 de abril de 2012

O dia 19 de abril reverte-se de simbolismo especial para a Nação brasileira.

Em 1648, brancos, negros e índios se uniram e reagiram às tropas estrangeiras que ocupavam o nordeste brasileiro.

E epopéia de Guararapes, marcada pela mistura de raças, contribuiu para formar os alicerces do sentimento de nacionalidade, e representa, historicamente, a gênese do Exército brasileiro.

Desde então, a força terrestre teve atuações históricas, como na consolidação da Independência, nas guerras do período imperial, na co-formação das fronteiras e do apoio à Proclamação da República.

Nesses momentos marcantes, o Exército brasileiro contribuiu, decisivamente, para a unidade nacional e manutenção da integridade territorial do nosso país.

Esse papel de destaque persiste nos dias de hoje em reconhecidas participações do Exército brasileiro no exterior, nas forças internacionais de manutenção da paz, sob a égide de organismos internacionais, e também em sua atuação em território nacional - seja no apoio à ocupação de áreas de conflito no Rio de Janeiro ou no atendimento à população brasileira em situações emergência ou de calamidade.

Esse amplo escopo de atividades do Exército brasileiro, em consonância com os valores da democracia, expressa a relevância do papel para o Estado e para a Nação brasileira.

São 200 mil homens e mulheres, que, em seu trabalho cotidiano, conduzem a força ao cumprimento da sua missão, e geram um reconhecimento evidenciado pelos elevados índices de credibilidade e confiabilidade da população brasileira.

A estatura político-estratégica que o Brasil ocupa no cenário internacional apresenta novos desafios e oportunidades ao Exército.

Continuaremos trabalhando para que a nossa força terrestre esteja sempre capacitada para manter a devida operacionalidade e prontidão frente às missões que se apresentem, e para garantir os interesses estratégicos do país.

O Exército brasileiro que nos orgulha está sempre pronto para trabalhar pela defesa da pátria, pela garantia da soberania, da paz, da unidade do Estado e da democracia, contribuindo permanentemente com a justiça social e com o bem-estar do nosso povo, e colaborando decisivamente para a construção do Brasil mais justo que queremos deixar para as gerações futuras.

Parabéns, Exército brasileiro.

Dilma Rousseff
Presidenta da República Federativa do Brasil

20-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de formatura da Turma de 2010-2012 do Instituto Rio Branco

Brasília-DF, 20 de abril de 2012

Eu queria iniciar cumprimentando, e quebrando o protocolo – porque o Itamaraty também tem de quebrar o protocolo -, cumprimentando a turma dos formandos, porque essa turma é o presente e é o futuro do Brasil. Então, começo por cumprimentar a todos.

Cumprimentar também o embaixador Antonio Patriota, ministro de Estado das Relações Exteriores, e aproveito e cumprimento o decano dos diplomatas, o Antonio Patriota pai.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores chefes de missão diplomática aqui presentes,

O embaixador Ruy Nogueira, secretário-geral das Relações Exteriores,

Queria dirigir um cumprimento muito especial ao Samuel Pinheiro Guimarães, paraninfo da turma,

Milena Oliveira de Medeiros,

E também a uma pessoa que deu grandes contribuições para o nosso país, no que se refere a uma visão de Brasil e de presença do Brasil no mundo, de forma bastante inovadora, e que sempre lutou pelo desenvolvimento deste país.

Queria cumprimentar a senhora Raimunda Carneiro, mãe da secretária Milena Oliveira de Medeiros, que dá nome à turma 2011-2012 [2010-2012], e dizer a ela que nós temos na Milena um exemplo deste novo Brasil que está surgindo. E a mim comove imensamente que essa turma tenha escolhido a Milena. Porque a Milena representa este Brasil de oportunidades, este Brasil que, de fato, poderia ter na Milena uma ministra, uma grande diplomata e uma presidenta.

Queria também cumprimentar aqui o senhor embaixador Georges Lamazière, diretor do Instituto Rio Branco,

A secretária Maria Eugênia Zabotto Pulino, oradora da Turma de 2010-2012, que evidenciou algo que nós temos muito orgulho. Primeiro, a boa formação, a clareza na elaboração de suas ideias, e também mostrou a força do que este nosso Brasil, que está surgindo, é capaz de desempenhar e, portanto, é capaz de ajudar a essas mudanças tão necessárias no país.

Queria cumprimentar os senhores e as senhoras embaixadores aqui presentes,

As senhoras e senhores familiares.

Dirigir um especial cumprimento aos pais e às mães por terem este orgulho de verem seus filhos aqui se formando.

Queria também cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

A minha palavra inicial é de apreço, como eu disse, às alunas e aos alunos que concluem sua formação no Instituto Rio Branco e passam a integrar, formalmente, o corpo diplomático brasileiro. Eu quero dirigir uma saudação a cada um deles, pela responsabilidade, pelo papel que eles vão desempenhar daqui para frente para o nosso país. Associo-me mais uma vez à perda e ao pesar que nós todos temos pela perda da Milena Oliveira de Medeiros, morta no cumprimento das suas responsabilidades.

Queridas formandas e queridos formandos,

O lugar que um país ocupa no mundo está muito ligado e está prioritariamente vinculado ao papel que esse país ocupa em relação ao seu povo. Enfim, está vinculado às mudanças internas que ele é capaz de realizar ou que ele realizou. E o Brasil não foge a essa regra. A importância que nós temos decorre de todas nossas ações que, de uma forma ou de outra, são reconhecidas nesse mundo absolutamente interconectado, por redes sociais, por jornais, enfim, por todos sistemas de comunicação modernos. E as transformações recentes na nossa economia, a afirmação da nossa sociedade, através do processo de desenvolvimento que distribuiu renda, que abriu oportunidades para o nosso povo, dá uma dimensão a um país firmemente comprometido com a questão da democracia, firmemente comprometido com os direitos humanos, firmemente comprometido com a igualdade e os princípios da distribuição de renda e da melhoria de vida do povo.

Essa visão que transforma hoje o Brasil numa grande nação, numa nação – e aí eu vou divergir um pouco do Samuel – eu acredito que nós temos uma imensa capacidade de nos relacionarmos, não só na América Latina, mas na África, na Ásia, na Europa, inclusive na América do Norte. E creio que esse posicionamento do Brasil é um reconhecimento por duas coisas. Num mundo crescentemente desigual, num mundo em que todo o desenvolvimento, todo o crescimento tem levado não a uma diminuição das diferenças, não a uma diminuição das diferenças sociais, nem territoriais, mas numa ampliação, num mundo em que, por exemplo, 1% controla 40% por cento da riqueza, e isso tende a se ampliar, num mundo em que a saída da crise tem levado à perda de direitos, à precarização do trabalho e a imensas chagas sociais, o Brasil corre em trilha completa e totalmente diferente.

Primeiro, nesse mundo, nós provamos que no Brasil e não era só no Brasil, algo que era de uma certa forma uma visão distorcida e muito especializada para países em desenvolvimento, que não era possível crescer e distribuir renda. Nós rompemos com isso. O grande respeito que nós temos é porque nós não governamos sem olhar o nosso povo. Um país que deixa seu povo à margem do seu desenvolvimento e do seu crescimento, não é respeitado por ninguém. Nós temos a nossa capacidade de produzir respeito, porque produzimos antes melhorias econômicas e sociais. Estabilizamos a economia brasileira. Não somos mais dependentes do Fundo Monetário. Temos mais de US\$ 360 bilhões em reserva. Controlamos a inflação, mas, sobretudo, tiramos 40 milhões e os elevamos, de situações de miséria, e os elevamos à classe média. Além disso, temos hoje uma política muito clara de continuar o trabalho e prosseguir no rumo de incluir na sociedade brasileira os 16 milhões que ainda vivem à margem, em situação de extrema miséria.

Tudo isso mostra que não somos só um país que valoriza o desenvolvimento econômico – valorizamos sim, até porque precisamos dele. Precisamos crescer mais rápido para poder

distribuir renda, mas, sobretudo, porque melhoramos a vida do nosso povo e transformamos um povo, que era marginalizado e não podia participar dos benefícios do desenvolvimento econômico. Transformamos esse povo em consumidor, em trabalhador, em pequeno empresário e demos a ele oportunidades, através de programas estratégicos, como é o programa de educação, que permitiu que mais jovens tivessem acesso à educação profissional. E garantimos a internalização no nosso país de universidades através do ProUni, que é o acesso do estudante mais pobre a escolas privadas universitárias. Ampliamos as universidades públicas. E mais, hoje percebemos, cada vez mais, que o grande motor para mudar é ciência, tecnologia e inovação.

Nós temos que fazer as duas atividades. As duas tarefas muito diferentes, mas, por isso, que mostram a complexidade do nosso país. Ao tempo que nós combatemos a miséria, nós temos de ser capazes a responder aos desafios do Século XXI: ciência, tecnologia e inovação.

Nós temos, hoje, um bônus que se chama, um bônus ligado à nossa distribuição etária, à nossa matriz de idades, vamos dizer assim. O fato de que durante, até em torno de 2030, nós seremos um país que todos os trabalhadores, todos os empresários, enfim, todas as pessoas ativas, o número delas ultrapassará aqueles que dependem socialmente como as crianças, os jovens em idade de não trabalho e, sobretudo, os idosos. Esse bônus demográfico do país, ele permitirá que o país se desenvolva, e mais do que isso, se nós formos capazes de capacitar a nossa força de trabalho, se nós formos capazes de dar educação de qualidade a todos, de transformar este país, de fato, numa grande potência.

Nós somos, hoje, e isso é algo extremamente volátil, nós somos a sexta potência. Depende da taxa de câmbio, tem uma variável taxa de câmbio. Mas não é isso que importa. O que importa é que nós sejamos, do ponto de vista do nosso país, do ponto de vista da nossa população, de fato, a sexta economia em matéria de renda per capita e de acesso à educação e aos serviços públicos de qualidade.

É esse país que nós estamos projetando internacionalmente, é esse país que tem o pré-sal, é esse país que é uma potência alimentar, é esse país que não vai deixar a sua indústria, que é uma indústria razoavelmente complexa, ser sucateada por nenhum processo de desvalorização de moedas e nem por guerras comerciais, que usam métodos não muito, eu diria assim, não muito éticos.

Esse país tem uma imensa capacidade de projeção internacional, porque esse país se encontrou internamente. Isso é extremamente importante. É só por isso que nós, hoje, temos extrema capacidade de projeção internacional. Deve-se a nós mesmos. Não se deve a nenhuma simpatia ou nenhuma preferência. Deve-se à força do próprio país. Por isso, eu acredito que é muito importante perceber as relações entre política interna e política externa no Brasil. O que nós defendemos lá fora é o que nós fazemos aqui dentro. E isso é crucial.

Ao mesmo tempo, vivemos num mundo em transformação, num mundo multipolar, um mundo que está mudando, que mudou. Primeiro de uma situação bipolar para uma situação de quase hegemonia unipolar, mas que hoje, percebe-se claramente a multipolarização que existe. Neste mundo, o Brasil tem um papel especial, extremamente complexo. Não é um papel simples que nós podemos fazer uma lista e falar: “primeiro isso, segundo aquilo, terceiro aquilo”. Não é assim, é simultâneo. Simultaneamente, nós temos de ter uma presença fortíssima na América Latina e uma presença que transforma as fronteiras da América Latina e as responsabilidades do Brasil em relação à América Latina na responsabilidade do país com maior PIB, com maior poder econômico e, ao mesmo tempo, um país que tem de mostrar que uma outra política, de relacionamento internacional é possível. Uma outra política não imperialista, não de subordinação do país menor, não de

aproveitamento da força e da imposição de modelos.

Nós temos de mostrar, aqui na América Latina, que é possível uma relação econômica mais equilibrada. Uma relação econômica de integração de cadeias produtivas e que os países, diferenciadamente, ganhem, reconhecendo o papel de cada país nesse cenário, sabendo, inclusive, que há diferenças. Sabendo que há relações diferenciadas também desses países com o mundo.

É importantíssimo que, simultaneamente, saibamos que os BRICS são estratégicos para o Brasil. Nós, os BRICS, somos quase hoje responsáveis por 56%, se não me falha a memória, da taxa de expansão da economia internacional. Os BRICS são diferentes. Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, somos completamente diferentes, mas somos representantes de continentes diversos. Implica num reconhecimento da presença do Brasil em um fórum em que países bastantes significativos e com presença internacional ocupam na cena. Significa que o Brasil tem um diálogo especial e uma relação com, tanto dentro dos BRICS, quanto dentro dos IBAS, que é Índia, Brasil e África do Sul, nós temos um fórum no qual o Brasil não é só ouvido, o Brasil é protagonista.

Acredito que a relação com os países da Ásia é estratégica para o Brasil. É estratégica, porque o Brasil é um grande fornecedor e será sempre um grande fornecedor de *commodities*, mas será, e eu asseguro a vocês, um grande fornecedor também de manufaturas.

Nós temos de equacionar três amarras do país e construir o caminho, o chamado quarto caminho. As três amarras são: taxa de juro, taxa de câmbio e impostos altos. E o caminho é a educação de qualidade.

Nós temos, porque somos mais homogêneos, uma grande de possibilidade de presença no mundo. Além disso, nós temos de manter os nossos relacionamentos com a União Europeia e com os Estados Unidos. Nós não só temos, como devemos e podemos. E, hoje, temos também um fórum muito importante que é o G-20, no qual essas discussões podem, em alguns momentos parecer que não saem do lugar, mas elas constituem um espaço completamente diferente do G-8, do G-7 ou do G-9, que várias vezes ocorria no passado. É inimaginável que nós não estejamos sentados na mesa, na negociação. Hoje, é inimaginável.

O Brasil também tem uma característica que nós temos de preservar, de respeitar nós mesmos. O fato de nós sermos um país com uma tradição muito forte de paz, de democracia. Agora, no passado não foi, mas agora, nós construímos o nosso processo democrático.

Temos de respeitar os direitos humanos. Esse processo é um valor. É um valor por que? É um valor, porque o nosso povo é um povo que tem espaço de manifestação, a nossa imprensa tem liberdade e nós estamos acostumados com a diferença.

Nós não nos assustamos quando alguém tem uma posição diversa, nós não deixamos de convidá-lo para comparecer às reuniões. Nós não achamos que nós temos de nos reunir só com as pessoas que pensam igual a nós. É essa característica profunda do Brasil que nos torna um país respeitado em todas as áreas, porque somos um país capaz de diálogo. E isso é um valor que nós temos, um grande valor que nós temos.

Eu queria dizer que todo esse cenário mais complexo vai exigir dos diplomatas brasileiros duas características. Vocês têm, de fato, de ser generalistas, mas não se iludam. Vocês tem de ser também especialistas. É impossível debater, no plano internacional, se você não souber do que você está falando. Se isso é exigido para um presidente, quanto mais do diplomata, que é fundamental para o presidente ter as informações necessárias. Então, eu digo para vocês o seguinte: não tem só generalista, não. Eu perguntei há pouco para o

Patriota: “Patriota, quantos engenheiros?”. Sabe por que eu perguntei quantos engenheiros? Porque nós vamos discutir ciência, tecnologia e inovação. Eu quero saber quem é melhor em biotecnologia. Eu quero saber como é que eu faço a ponte. Isso é fundamental. A gente não precisa, eu perguntei para o Patriota, mas quero dizer a vocês que a gente não precisa ser formado em engenheiro para entender de algumas coisas. Mas é importante que o Itamaraty tenha engenheiros. É importante. É importante que o Itamaraty tenha físicos. É importante. É importante que o Itamaraty tenha matemáticos. É importante. Porque nós vamos entrar no Século XXI a partir de toda uma situação em que nós já estamos, mas será mais exigida daqui para frente. Esse é o século do conhecimento. Esse é, sobretudo, o século do conhecimento. É o século da capacidade de se dominar certas tecnologias e é o século da capacidade nossa de inventar, de criar. É o século, também, que permitirá que aqueles países que tenham na sua força de trabalho, no seu povo, a sua maior riqueza, seja o país que estará mais bem condicionado internacionalmente. Apesar de nós termos tudo aquilo, petróleo, indústria, nós temos de apostar na qualidade do ensino da população brasileira. Isso é o estratégico e isso vale para o Itamaraty também. E eu acredito que nós temos um caminho de muitas transformações que nós temos que entender rapidamente e estar prontos para atuar. Essa flexibilidade também é característica do Brasil. Eu acho que é essa combinação de criatividade com imensa capacidade, ser flexível, de entender rapidamente, de conviver com a diferença que distingue esse país. E torna ele imbatível.

Queria dizer a vocês que para mim foi muito emocionante o fato de vocês escolherem a Milena e não o Barão [do Rio Branco]. Eu acho o Barão uma das personagens mais importantes desse país, porque o Barão foi responsável pelo mapa do país, pela definição do nosso território sem guerra. O Barão foi, talvez, um dos mais hábeis diplomatas que o mundo já viu. Nós sabemos, todos nós, da importância dele, mas eu acho que o ato de escolha não é um ato em detrimento do Barão, é um ato de afirmação das oportunidades que esse país tem de dar para as pessoas.

A Milena Oliveira de Medeiros, e aqui eu encerro dizendo, que esse país, ele tem que ter muitas mulheres. E que eu espero que nós todos aqui, presidentes, diplomatas, alunos, enfim, todos nós aqui presentes sejamos capazes de permitir que esse país tenha muitas Milenas.

Muito obrigada

■
Ouça a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-formatura-da-turma-de-2010-2012-do-instituto-rio-branco-brasilia-df-25min07s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-formatura-da-turma-de-2010-2012-do-instituto-rio-branco-brasilia-df-25min07s)(25min07s) da Presidenta Dilma

23-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de assinatura de contrato entre a Petrobras e a Vale para arrendamento das reservas de potássio no estado de Sergipe

O contrato entre as empresas Vale (exploradora do minério) e Petrobras (detentora da jazida) para exploração da mina da carnalita faz parte de um plano de expansão da área de fertilizantes da Vale no país

Aracaju-SE, 23 de abril de 2012

Vocês vejam meu problema: falar depois do Marcelo Déda, o Dedinha, o melhor, mas, olha, de longe, o melhor orador da história da nossa República. Pelos menos aquele capaz de te comover, de tocar no teu coração, de falar o que todos nós sentimos.

Eu queria começar cumprimentando essa pessoa que eu conheci, e que, hoje, eu posso dizer para vocês que é meu amigo.

Queria cumprimentar também aqui os ministros que estão me acompanhando: o ministro Edison Lobão, de Minas e Energia; a ministra Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão; e o Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário.

Quero contar para vocês que vários ministros estão hoje aqui também em Sergipe, porque nós vamos discutir uma coisa que está preocupando muito tanto o governo federal, quanto os governos estaduais aqui do Nordeste e, em especial, na zona do semiárido, que é o problema da seca. Então, hoje, nós vamos estar aqui discutindo essa questão, que é uma questão importantíssima, e que nós pretendemos não deixar que a seca devaste tudo o que conquistamos, nos últimos anos, de crescimento, de melhoria de vida, de condições de sobrevivência no semiárido nordestino.

Queria cumprimentar o vice-governador de Sergipe, o Jackson Barreto. Hoje eu vi uma foto em que estava o Déda e o Jackson Barreto, de uma eleição passada, em que o Jackson ganhou o primeiro lugar e o Déda o segundo. E, hoje, vejam vocês que estão os dois aqui – um vice-governador e o outro governador -, o que mostra também que, ao longo dessa história, esses líderes se formaram e se transformaram naquelas lideranças que foram capazes de... porque sempre quiseram melhorar a vida e as condições de desenvolvimento aqui do estado de Sergipe, foram capazes de construir isso, não através de um processo fácil, mas através de uma luta que tem décadas de existência.

Queria cumprimentar também o presidente do Tribunal de Justiça de Sergipe, José Alves Neto.

Cumprimentar o senador Antonio Carlos Valadares. E quero discordar do Lobão. Sempre achei o senador Antonio Carlos Valadares uma pessoa absolutamente afável, gentil, daquelas que a gente não deve temer. Deve respeitar. Agora entendo também por que o Lobão disse

que ele tem que ser temido.

Queria cumprimentar os deputados federais aqui presentes: Antonio Carlos Valadares Filho, Heleno Silva, José Heleno da Silva, Laércio Oliveira, Márcio Costa Macedo, Rogério Carvalho Santos.

Queria cumprimentar o prefeito de Rosário do Catete, Etelvino Barreto Sobrinho.

Dirigir um cumprimento especial ao meu companheiro Edvaldo Nogueira, prefeito de Aracaju, e um cumprimento, eu diria, às duas grandes lideranças empresariais responsáveis pela solução, pela realização desse projeto da carnalita e do potássio: o Murilo Ferreira, presidente da Vale. De fato, uma liderança empresarial nova, tranquila e comprometida com o desenvolvimento do nosso país.

Digo também o mesmo da Maria das Graças Foster, presidenta da Petrobras, e que hoje representa nessa cerimônia todo o esforço que nós fizemos no sentido de viabilizar a produção, aqui nesta região, de algo estratégico para o país, que é o potássio. Agradeço à Graça de forma muito especial.

E aí eu queria aproveitar e cumprimentar dois presidentes da Petrobras, dois ex-presidentes da Petrobras: o [José] Zé Eduardo Dutra, hoje diretor corporativo de serviços da Petrobras, mas o presidente da Petrobras quando eu era ministra de Minas e Energia.

Queria cumprimentar também o [José] Zé Sérgio Gabrielli, que teve naquela circunstância o papel de iniciar esse projeto da carnalita.

Dirigir um cumprimento especial a todos os “tatus”, cumprimentando o Davi Bispo de Jesus. E acredito que, de uma certa forma, nós aqui hoje estamos, de fato, fazendo uma grande comemoração para todos os “tatus” do Brasil, mas, em especial, para os “tatus” que resolvem dois problemas especiais. Um, que diz respeito ao petróleo. Eu queria dizer, em que pese os petroleiros ter uma situação diferente, eles também são “tatus”: “tatus” da terra e “tatus” do mar. E também, os trabalhadores da Vale.

Hoje é um dia em que nós estamos comemorando, justamente, o que existe de mais forte, de maior energia em duas áreas: nas áreas de fertilizantes e na área, também, do gás e do petróleo. Na área de fertilizante com uma das partes mais importantes que é o potássio, e também, na área do gás com os nitrogenados.

Queria cumprimentar, também, aqui, a imprensa. Os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Mas, voltando, nós estamos aqui para celebrar o que eu considero um acordo virtuoso. Um acordo virtuoso, porque está baseado nos dois grandes desafios do século XXI. Esse século XXI, ele tem uma característica especial. Dois grandes fatores são responsáveis pelo desafio de todos os países e de todas as nações. Dos Estados Unidos à China, passando pela Rússia, a Índia, os países em desenvolvimento, os países desenvolvidos da Europa. Um deles é alimentos. O outro desafio é a energia.

No que se refere ao desafio da energia, o Brasil vem conquistando, progressivamente, ao longo do tempo, a sua auto-suficiência no petróleo até que descobriu o pré-sal, e nós hoje somos uma grande potência energética que cada vez vai se desenvolver mais e nós nos transformaremos de país importador de petróleo em um país exportador.

O petróleo é essencial, porque o petróleo é ainda e, parece que por algumas décadas, ainda será a grande energia que movimentará as economias, iluminará as casas, garantirá, enfim, aquela condição básica para um país se desenvolver.

A outra questão são os alimentos. Nós somos, de fato, um dos países – como disse o Lobão – com a capacidade de produção de alimento por unidade, por hectare das maiores do mundo. Nós somos, hoje, um país que fornece alimento para si e para o mundo. Aqui está o ministro do Desenvolvimento Agrário, ministro Pepe Vargas, que é o ministro da pequena agricultura, da agricultura familiar, do pequeno produtor responsável pela produção dos nossos alimentos. Mas nós temos também uma grande agricultura exportadora no Brasil.

Hoje, alimento tem a ver com energia e fertilizante. Nós somos importadores de fertilizantes. Nós somos dependentes de fertilizantes, mas não deveríamos ser, porque somos um país com recursos naturais diversificados e, certamente, hoje, aqui, o que nós estamos anunciando é um passo fundamental na produção de um dos componentes dos fertilizantes mais difíceis de ser encontrado, que é o potássio.

E é isso que importa entender para perceber o que tem de importante aqui nesta reunião. Ela é importante para esta região, para Rosário do Catete, para Carmópolis, para Sergipe, mas ela é, sobretudo, esse momento é estratégico para o país. Porque fertilizante é algo crucial para a nossa segurança alimentar, para a capacidade de abastecer a nossa população, de assegurar que a nossa agricultura continue competitiva, que nós não precisemos ampliar, cada vez mais, a exploração das nossas terras, ampliando a sua extensão, mas possamos, cada vez mais, ser mais produtivos e mais competitivos, e barateando o custo da nossa produção. Barateando para quem? Para a mesa do povo, barateando para que nós possamos também não depender do mercado internacional.

Um país que tem potássio, que tem tecnologia para transformar carnalita em potássio, não pode depender, da forma como nós dependemos em 90% para a produção de potássio, aliás, para o uso do potássio, para a oferta do potássio, de países do exterior.

Por isso, já em 2008, o presidente Lula, que é outra pessoa importante aqui nesta cerimônia, o presidente Lula definiu como sendo estratégico para o Brasil a produção de fertilizantes, em especial, o potássio.

E agora, eu queria fazer aqui um reconhecimento. As coisas, para acontecer, dependem das pessoas, dependem da garra das pessoas, da dedicação das pessoas e do sonho delas. E este projeto é um projeto que tem no sonho do Déda, na vontade do Déda, na determinação um momento fundamental, porque no caminho deste projeto tinham várias dificuldades, vários obstáculos. Nós tínhamos consciência da importância de produzir fertilizantes cada vez mais internalizados no Brasil, de ter acesso ao potássio. Mas o Déda tinha mais do que isso. O Déda tinha uma verdadeira fúria por resolver este problema. E era uma fúria que não era a fúria da raiva, era a fúria da certeza que isso era fundamental pra Sergipe e fundamental pro Brasil.

Então, nós aqui devemos um agradecimento especial a essa pessoa, essa pessoa que não esmoreceu. Cada dia tinha uma dificuldade. Cada dia a gente enfrentava: “olha, agora não dá por isso. Agora tem de resolver aquilo”. E o Déda, além de usar os meios de comunicação – como o telefone, o fax e o e-mail –, ele usava o corpo presente. Ele comparecia ao meu gabinete e pleiteava. E olhava a dificuldade e conversava com a Vale, conversava com a Petrobras. Por isso, eu quero reconhecer aqui essa fúria realizadora do Déda, como sendo uma fúria criadora de oportunidades para o Brasil e para Sergipe, e para essa região.

O Projeto Carnalita, ele é fruto, também, de um entendimento. Um entendimento entre a Petrobras e a Vale. Um entendimento que foi estratégico e está sendo estratégico para o Brasil, que é este acordo que hoje nós estamos aqui assinando. Se, de um lado, o governo sabia da importância da ampliação da extração de potássio, para que o nosso país tivesse um crescimento cada vez mais sustentável, com uma agricultura cada vez mais produtiva, de

outro, era fundamental que grandes empresas, as duas grandes empresas desse país se dessem as mãos para permitir solucionar todas as condições para transformar esse num projeto bem sucedido.

E aí é muito simbólico que a camisa da Vale seja verde, porque esse projeto é o projeto que viabiliza a agricultura verde deste país. E que transforma isso que nós queremos, que é um país cada vez mais desenvolvido, mais forte – para quem? Para sua população - possa ocorrer de forma a não.... Nós não temos e não encontraremos no futuro o desequilíbrio de falar: “Ah, mas nós não temos fertilizante. Ah, mas não dá pra fazer isso, porque o preço do fertilizante cresceu, o preço dos produtos agrícolas vai aumentar muito e nós vamos ter uma pressão nos preços agrícolas, na inflação e na mesa do trabalhador”.

Esse também é um processo e um projeto que implicam em visão de futuro. Nós estamos antecipando a necessidade do país ter cada vez mais sua fonte de fornecimento. E aí é verdade. É verdade que nós temos uma das maiores reservas do mundo lá no Amazonas. Mas também é verdade que essa reserva tem grandes desafios tecnológicos e, portanto, a carnalita é a garantia que nós estamos dando um passo aqui e agora. Um passo na direção dessa autonomia dos fertilizantes.

Eu queria dizer para vocês que o nosso país tem, de fato, muitos desafios pela frente, mas que nós estamos encarando esses desafios. Nós temos tido toda uma preocupação em atender, eu diria, tanto o lado que é fundamental que nós olhemos para ele, que é da população deste país que sempre foi desconsiderada, que nunca foi colocada em primeiro lugar, que é a população mais pobre deste país, que nós temos de dar a ela o primeiro lugar na atenção do governo. Isso significa que o programa Bolsa Família, que o programa Brasil sem Miséria, cada vez mais vai procurar acelerar as condições de elevar a vida e as oportunidades da população mais pobre do Brasil, que sempre foi marginalizada.

Mas, ao mesmo tempo, nós temos de dar conta simultaneamente - não pode falar uma coisa é primeiro e a outra coisa é depois - nós temos de dar conta de aumentar as oportunidades de trabalho, nós temos de dar conta de melhorar a qualificação dos nossos, dos nossos trabalhadores. Daí o pleito do prefeito, eu entendo perfeitamente, por escolas profissionalizantes. O senhor tem toda razão, prefeito. Tem de brigar por escola profissionalizante, porque nós queremos capacitar o trabalhador para ter um trabalho melhor e isso é muito importante para o Brasil. Daí porque esse projeto cria aqui um polo de fertilizante sim. O Deda tem toda razão. De um lado, através dos nitrogenados que a Petrobras está tendo todo um esforço de investimento. E de outro lado, através, aqui, dessa produção, extração de carnalita e produção de potássio. Isso significa que nós estamos fazendo um esforço para que o Brasil utilize todos as oportunidades que tem para garantir o que? Melhoria de vida na população.

Se o Brasil for a sexta nação do ponto de vista econômico é importante, mas não é o que nós queremos só. Nós queremos que o Brasil seja a sexta sociedade em condições de vida da população brasileira, e isso significa trabalho decente, significa acesso à educação de qualidade. Porque, se o século XXI, é o século que vai desafiar energia e alimentos, é o século do conhecimento, é o século em que a gente tem de melhorar a nossa capacidade de conhecer para produzir melhor para o nosso povo, e para garantir trabalho de melhor qualidade para cada um dos brasileiros e, meninas, das brasileiras. Porque também eu vou homenagear aqui as mulheres dizendo o seguinte: que um país também se mede pelo respeito que tem pelas crianças, pelas mulheres e pelas mães.

Finalmente, eu quero dizer para vocês que, para mim, é um grande orgulho estar aqui. É um grande orgulho, porque eu sei, até por todas as histórias que dois amigos meus me contam – o Dutra e o Déda – a respeito de como é que essa mina, que já foi olhada como algo que

deveria ser simplesmente tampado, impedido de continuar sendo explorado, porque ela não era rentável, não interessava para o Brasil. Essa luta aqui, ela é simbólica de todas as oportunidades que nós conseguimos, a partir do governo do presidente Lula, recompor para a população brasileira, e mostrar que é explorando todas as nossas riquezas para o Brasil, que é permitindo que a nossa população brasileira se transforme em consumidora, e crie um mercado forte de consumo, que nós conseguimos fazer face a todas as crises que apareceram no nosso caminho.

Nós contamos com a força imensa das camisas verde e laranja aqui presentes, a força de cada um dos trabalhadores aqui presentes. E quero dizer que hoje eu encerro a minha fala dizendo: viva os “tatus” deste país.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-assinatura-de-contrato-entre-a-petrobras-e-a-vale-para-arrendamento-das-reservas-de-potassio-no-estado-de-sergipe-23min02s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-assinatura-de-contrato-entre-a-petrobras-e-a-vale-para-arrendamento-das-reservas-de-potassio-no-estado-de-sergipe-23min02s)(23min) da
Presidenta Dilma

24-04-2012 - Declaração à imprensa da Presidenta da República, Dilma Rousseff, após audiência com o Governador-Geral do Canadá, David Johnston

Presidenta Dilma reitera que o Brasil tem grande interesse na presença David Johnston na conferência Rio+20 uma vez que o Canadá e o Brasil são dois grandes países que possuem florestas, que têm um comprometimento com uma matriz energética renovável, que têm um compromisso com a preservação do meio ambiente

Palácio do Planalto, 24 de abril de 2012

Primeiro, eu queria iniciar cumprimentando o senhor Governador-Geral do Canadá, David Johnston, e dizendo do meu imenso prazer de recebê-lo aqui no Brasil. Acredito que nós damos mais um passo na aproximação cada vez maior entre os nossos países, que dividimos este hemisfério.

Queria agradecer essa contribuição que o Canadá, através das palavras do Governador-Geral, dá ao Programa Ciência sem Fronteiras. Eu acredito que essa oferta do Canadá, das 12 mil bolsas para estudantes brasileiros, é uma das grandes contribuições individuais de países para o nosso Programa. E, sem dúvida, a qualidade das instituições acadêmicas do Canadá e as relações que estas bolsas permitem para os estudantes brasileiros, com o estudo acadêmico e estágios empresariais, vão fazer, sem dúvida, diferença, dentro do Programa Ciência sem Fronteiras.

Nada pode aproximar mais dois países do que essas relações que estabelecem, no campo da educação de qualidade, da ciência, da tecnologia e da inovação. O Canadá também é um grande parceiro do Brasil ao nos fornecer a tecnologia de um processo, que nós consideramos muito importante, muito importante, o Mulheres Mil. Esse projeto de formação e de capacitação de mulheres é estratégico em um país como o nosso, não só porque as mulheres ocupam, na sociedade brasileira, um papel de destaque, quando se trata do cuidado da família e dos filhos, mas também porque nós estamos em um processo de assegurar e de garantir uma presença das mulheres na sociedade brasileira. Por isso, também, além do Ciência sem Fronteiras, agradecemos a parceria do Canadá no Mulheres Mil, que nós queremos que seja Mulheres Um Milhão, que é a capacitação profissional de mulheres.

Dentro da característica que nós pretendemos que seja a maior do nosso relacionamento e a cooperação em ciência, tecnologia e inovação, eu queria saudar a realização, na próxima sexta-feira, dia 27, do Fórum de Nações Inovadoras Brasil-Canadá, em São Paulo, no contexto da visita do Governador-Geral ao Brasil.

Também gostaria de destacar a importância que o Brasil atribui ao Canadá numa parceria sobre desenvolvimento de satélites e monitoramento meteorológico. Temos um grande

potencial para desenvolver relações comerciais, o que será extremamente importante no quadro das relações do nosso hemisfério.

Gostaria também de destacar que nós estamos em vias de iniciar o Fórum, que o Primeiro-Ministro Harper, quando veio ao Brasil, deu a partida, que é o Fórum dos Altos Executivos, Fórum dos CEOs Brasil-Canadá. A sessão brasileira vai ser presidida pelo Murilo Ferreira, da Vale do Rio Doce. E nós temos certeza que, também, todos os empresários que participarão do Fórum pelo lado brasileiro são muito representativos. E temos certeza que também aqueles do lado canadense, também, têm uma grande representatividade.

Queria reiterar que o Brasil tem grande interesse na presença tanto do Governador-Geral do Canadá, David Johnston, quanto do Primeiro-Ministro Harper na conferência Rio+20, uma vez que o Canadá e o Brasil são dois grandes países que possuem florestas, que têm um comprometimento com uma matriz energética renovável, que têm um compromisso com a preservação do meio ambiente.

▣
Ouça a íntegra da [declaração \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/declaracao-a-imprensa-da-presidenta-dilma-rousseff-em-conjunto-com-o-governador-geral-do-canada-david-johnston\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/declaracao-a-imprensa-da-presidenta-dilma-rousseff-em-conjunto-com-o-governador-geral-do-canada-david-johnston)(08min50s) da presidenta Dilma Rousseff

24-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de anúncio de investimentos do PAC Mobilidade Grandes Cidades

O PAC Mobilidade Grandes Cidades destina recursos para a implantação de sistema de transporte coletivo nas grandes cidades brasileiras.

Brasília-DF, 24 de abril de 2012

Queria cumprimentar a todos os presentes, e dirigir um cumprimento ao meu querido vice-presidente da República, Michel Temer,

À presidenta em exercício do Senador Federal, a senadora Marta Suplicy,

Deputado Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados.

Cumprimentar aqui os ministros de Estado presentes: ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro; a ministra da Casa Civil, Gleisi Hoffmann; a ministra Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão; o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio [Exterior], Fernando Pimentel; o ministro do Gabinete de Segurança Institucional, José Elito Siqueira; a ministra da Secretaria de Relações Institucionais, Helena Chagas, aliás, Ideli Salvatti; a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social; e a ministra Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos.

Queria dirigir um cumprimento especial aos governadores aqui presentes, que são os nossos parceiros para a realização do PAC Mobilidade Grandes Cidades. Senhores governadores Wilson Martins, do Piauí; Agnelo Queiroz, do Distrito Federal; Jaques Wagner, da Bahia; Simão Jatene, do Pará; Geraldo Alckmin, de São Paulo; Antonio Anastasia, de Minas Gerais; Marconi Perillo, de Goiás; Tarso Genro, do Rio Grande do Sul; Ricardo Coutinho, da Paraíba; Rosalba Ciarlini, do Rio Grande do Norte; Teotonio Vilela Filho, de Alagoas; e Omar Aziz, do estado do Amazonas.

Queria cumprimentar o senador Eduardo Braga, líder do governo no Senado Federal,

E as senhoras senadoras e senadores aqui presentes: senadora Ana Amélia, senador Benedito de Lira, senador Gim Argello, senador Renan Calheiros, senador Romero Jucá, senador Waldemir Moka.

Queria cumprimentar o deputado Arlindo Chinaglia, líder do governo na Câmara, em nome de quem cumprimento todos os deputados e deputadas federais aqui presentes.

Cumprimentar os senhores prefeitos, também parceiros neste projeto de PAC Mobilidade Grandes Cidades: o prefeito de São Bernardo do Campo, Luiz Marinho; o prefeito de Belém, Duciomar Gomes da Costa; o prefeito de Teresina, Elmano Férrer; o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab; o prefeito de São Luís, João Castelo; o prefeito de Recife, João da Costa; o prefeito de Porto Alegre, José Fortunati; o prefeito de João Pessoa, Luciano Agra; prefeito de Curitiba, Luciano Ducci; prefeito Marcio Lacerda, de Belo Horizonte; prefeito Nelson Trad

Filho, de Campo Grande; prefeito Carlos Derman, em exercício, de Guarulhos; prefeita Maria do Carmo Lara, de Betim; prefeita Marília Aparecida Campos, de Contagem; prefeito Pedro Serafim, de Campinas; prefeita Sheila Gama, de Nova Iguaçu; prefeito Vilmar Balim, de Sapucaia do Sul; prefeito Wallace Ventura Andrade, de Ribeirão da Neves.

Queria cumprimentar, também, o presidente da Caixa Econômica, o Jorge Hereda, que nos ajuda e é um dos grandes instrumentos, a Caixa, de execução da política do PAC Mobilidade Grandes Cidades.

Cumprimentar os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Nós, hoje, concluímos uma etapa de seleção do PAC Mobilidade Grandes Cidades. É uma iniciativa nova que começou no governo do presidente Lula e que nós agora expandimos o investimento do governo federal em parceria com os estados e municípios na área de, eu diria, de sustentabilidade urbana do país, principalmente nas grandes cidade.

Esse é um PAC que tem um foco e esse foco são as grandes cidades brasileiras com um dos problemas maiores que essas cidades têm, que é o transporte urbano de massa, que é o trânsito de pessoas, veículos e mercadorias por entre as ruas da maior concentração urbana da América Latina somando-se as grandes cidades brasileiras acima de 700 mil habitantes.

O governo federal junto com estados e municípios investe R\$ 32 bilhões. É um investimento conjunto. Um investimento conjunto que o governo federal tem que participar, porque é necessário que nós estreitemos o que fizemos em relação às necessidades da população. Ao longo dos anos, o governo federal não investiu. A senadora Marta Suplicy me dizia que, quando ela era prefeita, ela jamais teve R\$ 200 milhões para investir em mobilidade urbana. É verdade, os tempos são outros, o Brasil mudou. Hoje nós temos condições de fazer esse investimento que tem um objetivo. É, de fato, o nosso ministro Aguinaldo tem toda razão. É, de fato, beneficiar a população dessas grandes cidades. São 53 milhões de brasileiros e brasileiras que vivem e transitam da casa para o trabalho, da casa para o lazer, da casa para sua atividade escolar, enfim. Jovens, crianças e adultos utilizam o transporte e, principalmente, quando se trata do transporte de massa, é a população de mais baixa renda do país.

Quando foi aprovado esse novo marco regulatório da situação, a chamada nova Lei da Mobilidade Urbana, o marco regulatório do transporte urbano, a priorização do transporte de massa, ela é muito importante. Nós somos um país que progressivamente seremos obrigados a ter no transporte de massa a forma preferencial de entrar nos grandes centros urbanos. Isso é inexorável. É inexorável, porque não vai ser possível, principalmente, porque o nosso país caminha – e nós queremos que ele caminhe celeremente para melhorar o seu perfil de renda, o seu perfil de necessidades – e, portanto, o nosso país caminha para a situação que países desenvolvidos têm hoje em termos de posse de veículos. Isso não implica que nós vamos cercear a posse de veículos privados, individuais. Significa, pelo contrário, que eles vão ser bastante utilizados, mas em outras circunstâncias que não o transporte diário nas grandes cidades brasileiras. Nós vamos caminhar para isso. Para que a gente caminhe para isso, tem uma pré-condição: que esse transporte seja de qualidade. Porque se não nós não caminharemos para isso.

Então, nós estamos aqui dando um passo para o transporte de massa e também todos os estados e municípios, que participaram desse projeto, estão preocupados também com a

qualidade do transporte para garantir, de fato, que a nossa população queira ter esse transporte, evitando ficar uma hora e meia, duas horas e meia, três horas e meia, quatro horas, na média - significa que ficam do que quatro, às vezes, ficam mais de cinco, seis horas.

Todas essas ações do PAC Mobilidade, elas contemplam um imperativo. O Brasil tem de investir em metrô. No passado, diziam o seguinte: o Brasil era um país que não tinha condições de investir em metrô, porque metrô era muito caro, nós tínhamos de utilizar outros métodos de transportes. Hoje, não é, governadores enfrentam imensas dificuldades para construir o transporte metrô com a cidade em funcionamento. É um duplo desafio. É o desafio de fazer o transporte com uma cidade herdada, não é. E nós temos, inclusive, de entender a dificuldade que isso implica, no caso de uma cidade, por exemplo, do porte de São Paulo, Rio, Belo Horizonte e demais cidades das maiores da América Latina.

Mas, eu acredito que nós demos um passo aqui. Nós combinamos vários tipos de transporte urbano: metrôs, VLTs, terminais de passageiros, como forma de articular a logística dos diferentes modais, trens. E isso tudo, eu acho que contribui, porque vai mostrar para cada um de nós, para o governo federal, para os estados e para os municípios, vai mostrar o que é possível fazer, e vai mostrar que nós somos capazes de fazer e de cada vez fazer melhor.

Além disso, eu acredito que nós temos de olhar pelo lado da mobilidade sustentável que é garantir, primeiro, o menor tempo de vida das pessoas perdido no transporte; segundo, menor custo; terceiro, melhor adequação ao meio ambiente. Esses desafios nós começamos também a enfrentar.

Agora, eu acho que uma das grandes contribuições do PAC Mobilidade Grande Cidades, como, aliás, do PAC em geral, foi que nós reaprendemos a atuar em parceira. Reaprendemos a atuar em parceria de forma extremamente republicana, não olhando quando nós nos reunimos – o governo federal, os governos do estado e as prefeituras -, não olhando qual é a participação, a posição política, qual é a nossa visão de mundo, mas, enfim, nos relacionando como líderes que foram escolhidos pelo povo brasileiro para resolver os grandes problemas do país.

Por isso, eu acho que, hoje, nós já caminhamos e estamos mais habilitados a escolher juntos projetos consistentes. Consistentes com o que? Por isso que é importante a parceria com a realidade local. E quem sabe melhor a realidade local do que governadores e prefeitos?

E aí, eu queria dizer que nós, do governo federal, queremos cumprimentar prefeitos e governadores, porque os projetos, que foram aqui apresentados, foram apresentados por quem conhece a realidade local, mas também por quem teve todo o cuidado de entregar projetos de qualidade, projetos consistentes e projetos que, de fato, são capazes de enfrentar, em um primeiro momento, em um primeiro passo – nós não estamos dizendo que estamos esgotando todas as soluções - mas os desafios que o mundo urbano apresenta para nós.

Eu queria dizer que mais do que também a nossa mobilização, isso resulta em crescimento e desenvolvimento para o país, em um modelo em que o atendimento à população melhora também o crescimento econômico, ao gerar oportunidades, demandas para diferentes indústrias, e emprego. E não gerarão só cimento, dormentes, trens, ônibus e vários outros insumos e equipamentos. Gerarão uma dinâmica muito virtuosa, em que o atendimento e a melhoria da qualidade de vida da população gera também uma série de efeitos que ampliam as oportunidades de crescimento do país. Nós não vamos beneficiar só 53 milhões, nós vamos beneficiar, com esse projeto, juntos, 191 milhões de habitantes. Porque a demanda por esses equipamentos, por cimento, como eu disse, e ônibus, etc, ela beneficiará todas as

regiões do país e serão impactadas por elas.

Por isso, eu acredito que, juntos, nós somos capazes de fazer parcerias e com as parcerias fazer escolhas. Essas escolhas têm, também, um forte sentido no que se refere à visão de um novo Brasil que está surgindo. Nós percebemos que esse Brasil é um Brasil que vai enfrentar desafios complexos, que tem de enfrentá-los já. E esses desafios complexos são os desafios que cercam o conceito de cidade.

Nós temos, agora, a Rio+20. Na Rio+20 um dos grandes debates – e aí eu convido mais uma vez os prefeitos e os governadores a fazer esse debate, é sobre cidades sustentáveis. Cidades sustentáveis significa que nós temos de discutir profundamente qual é o novo paradigma que o mundo necessita, mas o Brasil em especial, que é um país que tem uma tradição de estar na vanguarda das questões ambientais. Um país que tem tradição de ter uma das matrizes energéticas - e aí nós somos modestos, porque a gente podia dizer a melhor matriz energética - nós falamos uma das matrizes energéticas mais renováveis do planeta. Um país que, hoje, combate de forma efetiva o desmatamento. Esse país tem de estar comprometido com todos os aspectos do meio ambiente e um dos principais é a questão das cidades sustentáveis. Nós temos de aproveitar a Rio+20 e colocar esta discussão no centro de uma das preocupações das muitas mesas e das muitas atividades que serão realizadas durante a Rio+20.

Eu encerro agradecendo a parceria, agradecendo o empenho dos governadores, agradecendo o fato que os governadores colocaram expressiva contrapartida nesse projeto no qual gastamos, em conjunto, R\$ 32 bilhões. É algo que o nosso país não experimentava há muitos anos e eu tenho certeza que a partir de agora nós estaremos cada vez mais capacitados. Apresentar melhores projetos, monitorar esses projetos e executá-los no tempo mais rápido possível.

Um abraço e o meu agradecimento a prefeitos e governadores.

■ Ouça a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-anuncio-de-investimentos-do-pac-mobilidade-grandes-cidades-brasilia-df-17min19s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-anuncio-de-investimentos-do-pac-mobilidade-grandes-cidades-brasilia-df-17min19s)(17min19s) da presidenta Dilma Rousseff

26-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de celebração do início da produção de petróleo da OGX

"Estou certa que a OGX tem uma grande colaboração a dar no que se refere a obter tecnologias de última geração para o Brasil", disse a Presidenta

São João da Barra-RJ, 26 de abril de 2012

Queria cumprimentar o deputado Paulo Melo, presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. E, por falar em Rio de Janeiro, hoje, eu e o governador Sérgio Cabral participamos de um ato importantíssimo, que foi a comemoração de uma meta, para além do que nós esperávamos, de redução da pobreza extrema no Rio de Janeiro, de tirar da pobreza 1 milhão e 500 mil brasileiros e brasileiras. Foi um momento muito especial, e agora eu estou aqui. E queria dizer que me sinto muito honrada por este dia em que estou participando de dois eventos simbólicos do Brasil de hoje: um na área social e, o outro, na área da economia.

Queria cumprimentar os deputados federais Paulo Feijó, Anthony Garotinho.

Queria cumprimentar também a senhora Carla Maria Machado dos Santos, prefeita de São João da Barra, por intermédio de quem cumprimento todos as prefeitas e prefeitos aqui presentes.

Cumprimentar também a prefeita Rosinha Garotinho,

O senhor Humberto de Freitas, diretor-executivo de Logística da Vale,

Todos os diretores e funcionários do Grupo EBX,

Todos os trabalhadores e representantes dos movimentos de trabalhadores.

Cumprimentar também os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Mas como eu estava dizendo para vocês, eu estive nesses dois momentos especiais aqui, em uma agenda, no Rio de Janeiro. Vou começar por agora.

Eu acredito que o Brasil é um país, hoje, suficientemente complexo, suficientemente diversificado e que necessitava de uma empresa do porte da do Grupo EBX e, no caso do óleo e do petróleo, no que se refere ao óleo e ao petróleo, Eike, do Grupo OGX. Eu acho que uma empresa privada de petróleo tem todo sentido no Brasil, sobretudo pelo fato de que aqui nós temos uma empresa privada nacional de petróleo.

Muitas outras empresas atuam no Brasil, mas eu queria destacar um elemento diferenciado, no que refere à EBX, que é o seu caráter de um empresário nacional, uma pessoa nascida aqui, que pelo seu esforço e também, pelo exemplo do seu pai, chegou a ser um dos empresários mais importantes do país no setor produtivo.

E aqui eu queria também destacar uma trajetória, uma história deste país, uma história do nosso Brasil, aqui representada pelo ex-ministro, ex-presidente da Vale Eliezer Batista. O Brasil teve brasileiros preocupados com o seu desenvolvimento e, sem sombra de dúvida, Eliezer Batista é um deles, que olhou com outros olhos para a questão da mineração, quando ainda não se tinha esse *boom* das *commodities*, quando ainda o preço do minério de ferro não era o que é hoje. E, além disso, um brasileiro que percebeu que o mundo iria exigir de nós um compromisso com uma abertura maior, com uma relação melhor do ponto de vista da configuração dos interesses brasileiros e também de interesses de outros países que estavam, naquele momento, surgindo como grandes potências, como era o caso do Japão.

Sobretudo, o que o Eliezer Batista demonstra é que nós podemos e devemos ter empreendedores públicos e privados. O Eliezer foi um empreendedor público da melhor qualidade, um homem que nos orgulha, como muitos empreendedores públicos que formaram a Petrobras orgulham a todos os brasileiros e permite que nós tenhamos a certeza de que o nosso país, na área de petróleo, tem um grande poder e uma grande força de soberania.

E aí eu queria destacar o Eike Batista. Eu acredito que o Eike é um tipo especial de empreendedor. É uma pessoa que delimita o seu sonho de uma forma extremamente ambiciosa e busca cumpri-lo e busca realizá-lo. Esse fato é algo que os brasileiros têm de ter... têm de, primeiro, prestar muita atenção, e depois têm de ter muito orgulho, porque o que nós vemos aqui é a possibilidade que quem tem capacidade de trabalho, quem busca as melhores práticas, quem quer a tecnologia de última geração e quem, de fato, percebe os interesses do seu país é capaz de fazer, tanto o primeiro óleo de uma empresa privada nacional de petróleo, como toda a realização desse porto integrado, dessa verdadeira relação porto-indústria, posto os diferentes segmentos industriais que aqui têm lugar, merece o nosso respeito e merece, da parte do governo, vocês podem ter certeza, toda a atenção e todo o suporte.

Acredito que não há, não pode haver concorrência, no nosso espírito, entre duas grandes empresas, como é o caso da Petrobras e da OGX. Ambas se situam em patamares diversos, agora, ambas podem ganhar muito com uma parceria entre elas.

Estou certa que a OGX tem uma grande contribuição na produção de petróleo *offshore* no Brasil. Estou certa que a OGX tem uma grande colaboração a dar no que se refere a obter tecnologias de última geração para o Brasil. E estou certa que, sem sombra de dúvida, a Petrobras já provou isso ao abrir os caminhos do pré-sal, nós temos, hoje, a possibilidade, pela quantidade de recursos que nós temos nessa área de contar com a participação tanto da OGX como de empresas privadas internacionais.

Obviamente, nós sabemos o que a Petrobras representa para o Brasil. Obviamente nós sabemos, como nós sabemos o que a Vale representa hoje para o Brasil. E sabemos também que outras empresas, na área de mineração vão atuar nesse cenário extremamente promissor para o nosso país.

Nós não seremos o que poderemos ser: um país que, ao mesmo tempo – e aí eu venho para o primeiro evento de hoje – ao mesmo tempo em que combate e resgata a pobreza, um país que ao mesmo tempo faz um imenso esforço para elevar à condição de classe média milhões e milhões de pessoas, este mesmo país tem de, simultaneamente, se preocupar com incorporar tecnologias de ponta, construir o melhor porto do mundo, no que se refere à logística. Esse país tem de olhar suas ferrovias e integrá-la nos diferentes modais. Esse país tem um desafio logístico a enfrentar.

Esse país também tem um desafio que é buscar a formação a formação dos seus jovens, a

formação dos brasileiros e das brasileiras, no sentido que nós sabemos que o século XXI é o século do conhecimento. E sem que incorporar ciência e tecnologia, sem que inovar e transformar a nossa área industrial, os nossos serviços, a extração e a produção das nossas *commodities*, nós não seremos o que poderemos ser.

Eu tenho certeza que empresários, como o Eike Batista, empresas, como a Vale aqui presente, vão nesse grande desafio participar como parceira no setor produtivo, no setor de serviços, no setor financeiro para que o nosso país possa, de fato, não é ser a 6ª economia do mundo, é ser a 6ª sociedade do mundo no que se refere à qualidade de vida da nossa população.

Eu parabeno, eu parabeno a todos. Espero que em um momento muito próximo possamos celebrar o início das atividades do Porto de Açu, como hoje celebramos o primeiro óleo. Espero que as parcerias feitas entre a EBX e a OGX e os diferentes segmentos do país sejam as mais produtivas possíveis.

Finalmente, eu cumprimento a prefeita pelo que nos fez hoje, pela determinação em transformar São João da Barra em um município à altura do que vai ser realizado aqui. Pela determinação da prefeita, pela simpatia e, sobretudo, prefeita, por nos ter recebido com tanto calor, com tanta fraternidade.

Muito obrigada, prefeita.

▣
Ouça a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-celebracao-do-inicio-da-producao-de-petroleo-da-ogx-sao-joao-da-barra-rj-12min18s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-celebracao-do-inicio-da-producao-de-petroleo-da-ogx-sao-joao-da-barra-rj-12min18s) (12min18s) da Presidenta Dilma

26-04-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de comemoração de 1 milhão e meio de beneficiados pelo Plano Brasil sem Miséria por meio da integração dos programas Renda Melhor, Cartão Família Carioca e Bolsa Família

Rio de Janeiro-RJ, 26 de abril de 2012

Queria iniciar cumprimentando o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, cumprimentando pela entonação da voz e harmonia. E também o governador é de uma família que conseguia, através da música, sintetizar os dramas dos brasileiros e das brasileiras, em especial, no Rio de Janeiro. Então, eu cumprimento o Sérgio não só por ser um dos grandes parceiros do governo federal, mas também por ser esta pessoa sensível, e eminentemente brasileiro e carioca.

Queria cumprimentar também aqui os ministros presentes: a ministra Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; o senador Marcelo Crivella, ministro da Pesca e da Aquicultura, um outro carioca que nos honra no ministério; a ministra Helena Chagas, da Comunicação Social; e o ministro Leônidas Cristino, do Ministério dos Portos [Secretaria de Portos].

Queria cumprimentar o Paulo Melo, presidente da Assembleia Legislativa do Rio.

Dirigir também para a Benedita, para a Bené, um cumprimento de aniversário: Bené, parabéns.

Depois, Bené, a gente pode pedir para o Sérgio Cabral para puxar os parabéns. Parabéns para você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida.

Cumprimentar o deputado Áureo, o deputado Marcelo Matos e o deputado Walney Rocha.

Cumprimentar aqui os outros parceiros do governo federal neste programa e em vários outros. Mas eu queria dirigir um cumprimento especial para este parceiro, que é o prefeito Eduardo Paes. Primeiro, porque eu reconheço no Eduardo Paes duas características essenciais para este momento em que o Brasil vive. Primeiro, uma imensa capacidade de trabalho, uma imensa capacidade de se mobilizar e mobilizar as pessoas, não só do seu governo, mas as pessoas do governo do estado e do governo federal. E segundo, a capacidade do Eduardo de elaborar políticas, de focar nos resultados, de ter clareza do que objetiva nesse processo.

E, aí, eu queria estender esse cumprimento a um secretário estadual do governo do Sérgio Cabral, o Rodrigo Neves, que é nosso parceiro também, porque foi com ele que estruturamos, na medida em que ele liderou a articulação com o governo do estado.

Queria cumprimentar, também, prefeitas e os prefeitos.

E também vou cumprimentar a prefeita Panisset, em nome dela saúdo todos os prefeitos e as prefeitas aqui presentes.

Queria, também, de forma especial, dirigir o meu cumprimento às beneficiárias dos programas do Plano Brasil sem Miséria, Renda Melhor e dizer que é importante a gente perceber que estão, nessas mulheres aqui, nesse momento – a Damiana Araújo, aqui no palco; a Sônia Santa de Oliveira, sentada ali ao lado da Panisset; e a Graziela Oliveira da Rocha. Elas são, elas representam aqui as beneficiárias do programa e representam também o compromisso, eu tenho certeza, do governo do Sérgio Cabral, do Eduardo Paes, dos prefeitos e das prefeitas aqui presentes e o meu compromisso com o crescimento do Brasil medido, não pelo PIB, mas pelo desenvolvimento humano. Medido não pelo PIB, mas pela capacidade da nossa população, principalmente das nossas crianças, de terem uma vida melhor e de terem acesso às riquezas que, ao longo de toda a nossa história, foram segregadas e mantidas para alguns poucos e não para todos os cento, agora, cento e noventa e um milhões de brasileiros.

Queria, por final, cumprimentar os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Ainda nessa semana, o indiano Amartya Sen, Prêmio Nobel da Economia, afirmou algo que deve nos orgulhar, deve trazer pra nós uma consciência de muito orgulho, que é a nova posição do Brasil no cenário global deve-se ao reconhecimento da complementaridade entre crescimento rápido e política de justiça social. Ao afirmar isso, ele consegue sintetizar essa relação entre política interna e reconhecimento internacional. Porque a forma pela qual os outros países nos vêem é a forma pela qual nós também nos vemos. É o fato de que nós somos responsáveis por uma consciência muito maior a respeito – muito maior em relação a que? Em relação aos outros países do mundo, a respeito do significado da distribuição de renda e a redução da desigualdade e a inclusão social, no processo de crescimento do nosso país.

No passado, sempre se dizia que essa era uma impossibilidade. Não se podia crescer e distribuir renda. Nós todos, como sociedade, superamos está consciência. Hoje, dificilmente, alguém no Brasil pode defender que bolo precisa crescer para ser repartido depois.

Mas tem um outro fator que é muito importante, e esse fator, é que isso se dá na contramão das tendências internacionais. Porque o que se verifica no mundo é um aumento da desigualdade. O mais grave que é o aumento da desigualdade nos países desenvolvidos. É o que está acontecendo na Europa, o que se vê na Espanha, o que se vê na Itália, o que se vê nos países que, de uma certa forma, conquistaram um patamar de renda que se esperava, e de direitos sociais, que nós esperávamos que não houvesse uma regressão tão profunda como esta que está havendo, quando, talvez, a pior estatística é aquela que evidencia o desemprego de milhões de jovens em vários outros países.

Por isso, quando ele completa e diz que o Brasil encontrou uma maneira de fazer com que o crescimento fosse compartilhado amplamente pela população, eu também acho que esse indiano que é o Amartya Sen, ele sintetiza o que nós fazemos, nós estamos compartilhando crescimento. É isso que caracteriza o nosso conhecimento, é um crescimento, hoje, compartilhado.

E aí eu acredito que o grande passo inicial foi dado por aquele metalúrgico que, de muitas formas subestimado, mas que provou em várias circunstâncias para o mundo e para todo o Brasil, a sua capacidade de percepção a respeito do futuro, dos destinos, de como se construía o presente e como se faria diferença no que se refere ao cenário internacional, que é o nosso ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O Brasil sem Miséria, a nossa compreensão de que era fundamental construir políticas, são tecnologias, verdadeiras tecnologias que fazem diferença, sim, porque nós, hoje, somos capazes de dar este exemplo e de dar este conhecimento para outros países do mundo. São tecnologias de retirar da pobreza milhões de brasileiros.

E aí eu queria enfatizar alguns aspectos "dessa tecnologia". O primeiro, que nós acabamos com intermediários entre o Estado e quem recebe. Ao acabar com intermediários, nós garantimos cidadania a esse cartão que nós entregamos. Porque acabar com a pobreza é um dever do Estado e um direito do cidadão. Aquele cartão é o cartão da cidadania, é o cartão que garante que a população brasileira, ninguém dos brasileiros e das brasileiras pode receber menos. E isso permitiu que nós criássemos, junto com o combate à miséria, também um respeito às pessoas, um respeito aos brasileiros e brasileiras, que recebem como um direito deles, e não como um favor de ninguém.

Isso é fundamental para um país complexo como o nosso, porque ao mesmo tempo de tratar de tirar da pobreza milhões de brasileiros e, ao mesmo tempo, garantir oportunidades para esses milhões de brasileiros, através de serviços públicos de qualidade, em especial a educação.

O que me atraiu no vídeo que passou foi que ele estava centrado, de forma muito oportuna, em escolas, nas crianças e nos jovens, mostrando que isso também pavimenta o caminho da oportunidade. Por isso, eu dou os parabéns para o Sérgio e para o nosso querido Eduardo Paes.

O Cartão Família Carioca, o Cartão Renda Melhor e o Brasil sem Miséria, e o Rio sem Miséria, o que nós queremos é que ele pavimente o caminho da oportunidade, do acesso à educação, muito bem exemplificado no vídeo, porque essa é a garantia da sustentabilidade da saída da pobreza. É essa a maior garantia. É a gente ter, nas crianças e nos jovens, a garantia de um futuro, e de um futuro melhor, porque construíram as suas condições para ter um futuro maior. Então, parabéns a vocês por isso, parabéns também pelo Renda Melhor Jovem.

Para nós, chegar aqui hoje e dizer que nós conseguimos alcançar 1,5 milhão de brasileiros e brasileiras, cariocas e fluminenses, recebendo, através dessa conjugação de esforços, dessa articulação, uma renda de pelo menos R\$ 100,00 é um momento muito importante. É um momento muito importante, apesar de nós lamentarmos que ainda tenha 16 milhões de brasileiros e brasileiras que ainda não tem acesso a uma renda decente, mas é importante, porque nós temos um compromisso.

O nosso compromisso é a segunda característica importante, hoje, de todas as pessoas que recebem Bolsa Família, dentro do Brasil sem Miséria, que também faz parte daquela tecnologia que eu disse. É o fato de que nós hoje temos consciência de que o Estado tem de ir atrás das pessoas, tem de ir atrás dos pobres, fazer Busca Ativa, melhorar seu cadastro. Porque melhorando o cadastro, nós melhoramos a nossa capacidade de tornar mais efetivo esse programa, de realizar, primeiro, as duas exigências que nós temos: colocar as crianças na escola, manter a permanência das crianças na escola e dar atenção médica básica para as crianças, incluindo vacinação.

O cadastro é um instrumento de melhoria da nossa gestão. O Busca Ativa é um instrumento de melhoria da nossa gestão. Essa tecnologia poucos países do mundo adotam. E isso eu considero muito importante, porque nós, progressivamente - e daí porque eu saudei o Renda Melhor Jovem -, nós temos de fazer com que esse programa Brasil sem Miséria, Rio sem Miséria, Renda Melhor, eles se transformem nas condições pelas quais nós vamos ampliar as oportunidades.

Nós, recentemente, fizemos uma descoberta. No que se refere às crianças do Bolsa Família, somente 3,6% das crianças têm acesso à creche. E isso é um indicador muito preocupante. Mas, ao mesmo tempo que saber disso é preocupante, ao mesmo tempo, nós dá os elementos para tomar as providências para reduzir esse absurdo, ampliando o número de creches e focando nas pessoas, nas famílias, para as mães do Bolsa Família.

Por isso, nós temos de ser capazes de contar. E aí eu sugeri a todos aqui que se interessam por isso, que têm toda uma abnegação em relação a isso, a leitura de um livro, de um trabalho do Marcelo Neri, que está ali conversando. Da leitura do livro dele “A nova classe média”, que é, eu acredito, um dos estudos mais bem feitos a respeito desse processo. Queria cumprimentá-lo e agradecer, porque ele pode ter certeza, ele inspira a gente a melhorar os nossos programas. É por várias constatações, estudos e análises dele que nós vamos melhorando os nossos programas. Então, ele é um grande colaborador, eu acredito, do governo federal, dos governos dos estados da federação. Aí, não é só do Rio de Janeiro, Sérgio, mas, eu acredito, como ele está mais perto, você saiba primeiro. Mas eu agradeço imensamente a ele toda a contribuição que ele tem dado para o nosso país nessa área e acho que ele é um dos brasileiros que ajudaram o Brasil a combater a pobreza e a miséria.

Por fim, eu queria falar sobre as mulheres. Eu acho que nesse programa tem uma terceira tecnologia que ela é fantástica. É perceber – e aí é mérito do Lula, a gente tem de dar mérito ao Lula, acho que também, pela importância que a mãe sozinha teve na própria educação dele. Eu sou testemunha que ele insistiu que quem tinha de receber o Bolsa Família, foi um homem que fez isso, eram as mães. E fazer com que as mães recebam é porque as mães são as responsáveis pela família, acredito que aqui no Brasil e nos outros países do mundo – a relação da mãe com seu filho.

E aí, a mãe receber tem um significado extraordinário para o nosso programa, que é a consciência de que, além disso, se a mãe melhorar de vida - e aí, dentro do Brasil sem Miséria tem o Mulheres Mil. O Mulheres Mil é a formação e a capacitação profissional das mulheres. É a nossa consciência que se as mães melhorarem de vida, de formação, os filhos também melhorarão, porque mãe passa para filho, em primeiro lugar.

Essa terceira perna da nossa tecnologia, ela é essencial. E ela é tão essencial que, quando a gente mudou alguns parâmetros do Minha Casa, Minha Vida, nós tornamos obrigatório, caso haja separação dos casais, a preferência para o registro da propriedade, das moradias do Minha Casa, Minha Vida seja das mulheres. Só tem uma exceção: é quando o homem tiver a guarda dos filhos. Porque, tradicionalmente, naturalmente é a mulher que tem a guarda das crianças, e é a ela que cabe a moradia, porque a moradia é, sobretudo, isso. Por que o Brasil faz, conjugado com o Brasil sem Miséria, um programa para a população de até R\$ 1,6 mil, um programa de moradia? É porque essa situação de ter seu teto é uma situação de sustentabilidade também para as famílias, daí porque são as mulheres que detêm.

É por isso que eu acho que o Amartya Sen tem toda a razão. Nós, de fato, no Brasil, podemos nos orgulhar de entender esse processo. Tem muito mais outras complexidades, que nós já incorporamos, como tratar de forma diferente a zona rural e urbana, todas as iniciativas dos governos estaduais.

E, aí, eu finalizo dizendo o seguinte: fazer desse programa um programa de cooperação federativa, sem olhar diferenças de partidos, diferenças de visões políticas ou quaisquer outras diferenças, é um das grandes características brasileiras do nosso programa. E é isso que deu origem a essa integração entre governo federal, governo estadual e governo municipal.

E eu concluo agradecendo ao Sérgio Cabral, agradecendo ao Eduardo Paes por uma das

melhores relações de parceria que o governo federal construiu nos últimos anos.

Muito obrigada, Sérgio. Muito obrigada, Eduardo.

Ouçã a íntegra do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-comemoracao-de-1-milhao-e-meio-de-beneficiados-pelo-plano-brasil-sem-miseria-por-meio-da-integracao-dos-programas-renda-melhor-cartao-familia-carioca-e-bolsa-familia-22min11s>)(22min13s) da Presidenta Dilma

30-04-2012 - Pronunciamento à nação da Presidenta da República, Dilma Rousseff, por ocasião do Dia do Trabalho

Presidenta Dilma Rousseff disse que tudo que um país produz é fruto do esforço do trabalhador e, por isso, todo trabalhador tem o direito de usufruir de tudo que o seu país produz

30 de abril de 2012

Minhas amigas e meus amigos,

Amanhã, 1º de Maio, é um bom dia para refletirmos sobre uma verdade nem sempre lembrada: que tudo que um país produz é fruto do esforço do trabalhador e, por isso, todo trabalhador tem o direito de usufruir de tudo que o seu país produz.

Para usufruir cada vez mais da riqueza do Brasil, o trabalhador brasileiro precisa de melhores empregos, de salário digno, educação de qualidade e formação profissional adequada às necessidades do mundo moderno. Para garantir esses direitos do trabalhador, o país necessita consolidar seu crescimento, equilibrar sua economia, diminuir as desigualdades, proteger sua indústria e sua agricultura, desenvolver novas tecnologias e ser, cada vez mais, competitivo e soberano no mundo. Nosso governo trabalha por isso todos os dias. Tem feito também todo o esforço e criado as condições para que o setor privado, o sindicato, os movimentos sociais e toda a sociedade participem dessa tarefa.

Não quero ser a presidenta que cuida apenas do desenvolvimento do país, mas aquela que cuida, em especial, do desenvolvimento das pessoas. Cuidar do desenvolvimento das pessoas significa lutar por uma saúde melhor para os brasileiros pobres e de classe média; significa prover educação de qualidade em todos os níveis, inclusive cursos técnicos e universitários, no Brasil e no exterior, para brasileiros de talento e de qualquer classe social, como estamos fazendo através do Programa Brasil sem Fronteiras, que oferece bolsas de estudos para 100 mil estudantes nas melhores universidades do mundo.

Cuidar do desenvolvimento das pessoas significa lutar incessantemente para acabar a pobreza extrema em todas as regiões do país; significa enxergar o trabalhador como cidadão e, por isso, pleno de direitos civis; enxergá-lo também como consumidor, com condição de comprar todos os bens e serviços que sua família precise para viver de maneira cômoda e feliz.

Faz parte desta luta o esforço do governo para reduzir os juros. A economia brasileira só será plenamente competitiva quando nossas taxas de juros, seja para o produtor, seja para o consumidor, se igualarem às taxas praticadas no mercado internacional. Quando atingirmos este patamar, nossos produtores vão poder produzir e vender melhor, e nossos consumidores vão poder comprar mais e pagar com mais tranquilidade.

Vem daí o esforço que o governo faz para equilibrar a economia, o que tem permitido a queda

contínua da taxa básica de juros. Vem daí também a posição firme do governo para que bancos e financeiras diminuam as taxas de juros cobradas aos clientes nos empréstimos, nas compras a prazo e nos cartões de crédito.

Nos últimos anos, nosso sistema bancário é um dos mais sólidos do mundo. Está entre os que mais lucraram. Isso tem lhes dado força e estabilidade, o que é bom para toda a economia. Mas isso também permite que eles deem crédito melhor e mais barato aos brasileiros.

É inadmissível que o Brasil, que tem um dos sistemas financeiros mais sólidos e lucrativos, continue com um dos juros mais altos do mundo. Estes valores não podem continuar tão altos. O Brasil de hoje não justifica isso. Os bancos não podem continuar cobrando os mesmos juros para empresas e para o consumidor, enquanto a taxa básica Selic cai, a economia se mantém estável e a maioria esmagadora dos brasileiros honra, com presteza e honestidade, os seus compromissos.

O setor financeiro, portanto, não tem como explicar essa lógica perversa aos brasileiros. A Selic baixa, a inflação permanece estável, mas os juros do cheque especial, das prestações ou do cartão de crédito não diminuem.

A Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil escolheram o caminho do bom exemplo e da saudável concorrência de mercado, provando que é possível baixar os juros cobrados aos seus clientes em empréstimos, cartões, cheque especial, inclusive no crédito consignado.

É importante que os bancos privados acompanhem essa iniciativa para que o Brasil tenha uma economia mais saudável e mais moderna. É bom também que você, consumidor, faça prevalecer seus direitos, escolhendo as empresas que lhe ofereçam melhores condições.

Sei que para que o nosso país tenha uma economia mais forte é preciso, ainda, que encontremos mecanismos que permitam uma diminuição equilibrada dos impostos para produtores e para consumidores. E também que tenhamos uma taxa de câmbio que defenda nossa indústria e nossa agricultura, em suma, os nossos empregos, e que o governo utilize os recursos públicos, sempre de forma eficiente e honesta, para que a população sinta, da forma mais efetiva possível, o bom retorno do imposto que paga.

Por sinal, acabamos de retirar os impostos da folha de salários, para que essa carga fiscal deixasse de punir o emprego. Isso está dando mais alívio ao empregador e mais segurança ao empregado.

Garanto às trabalhadoras e aos trabalhadores brasileiros que vamos continuar buscando meios de baixar impostos, de combater os malfeitos e os malfeitores e, cada vez mais, estimular as coisas bem-feitas e as pessoas honestas de nosso país.

Mas não vamos abrir mão de cobrar, com firmeza, de quem quer que seja, que cumpra o seu dever, que faça a sua parte para que o Brasil cresça e todos os brasileiros cresçam junto; para que nossos trabalhadores e nossas trabalhadoras melhorem sua capacidade de produzir e de consumir, sua capacidade de viver bem, de ser feliz e de fazer seus irmãos igualmente felizes.

Viva o 1º de Maio! Viva o trabalhador brasileiro! Viva o nosso querido Brasil!

Obrigada e boa noite.

Ouçã a íntegra do [pronunciamento \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-pronunciamento-a-nacao-da-presidenta-da-](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-pronunciamento-a-nacao-da-presidenta-da-)

[republica-dilma-rousseff-por-ocasio-do-dia-do-trabalho-07min22s](#) (07min22s) da Presidenta
Dilma